



Histórias de Um Novo Mundo – Vida
Por Benedito Braz Neto

Edição e Preparação
Benedito Braz Neto

Ilustração de Capa
Júnior Menezes

Revisão
Benedito Braz Neto

*Àqueles todos que, de uma maneira
ou de outra, mantêm minha inspiração*

Sumário

Prólogo.....	4
Capítulo 1 <i>Improvável</i>	10
Capítulo 2 <i>Planos e Desafios</i>	21
Capítulo 3 <i>E, de Repente, Um Novo Mundo</i>	29
Capítulo 4 <i>Conflitos de Interesses</i>	39
Capítulo 5 <i>Grey Star</i>	48
Capítulo 6 <i>Arte e Amor</i>	53
Capítulo 7 <i>O Vendaval Que Anuncia a Tormenta</i>	64
Capítulo 8 <i>Consequências</i>	75
Capítulo 9 <i>Intervenção</i>	86
Capítulo 10 <i>14 de Outubro de 2013</i>	97
Capítulo 11 <i>Antes Que o Dia Acabe</i>	106
Capítulo 12 <i>O Dia do Juízo</i>	116

Prólogo

A tarde estava calma, anunciando que seu fim se aproximava e que a noite seria agradável. Satoshi podia sentir isso e muito mais no ar, mas nocautear três homens é uma atividade que não traz à tona o melhor de nós, ao menos quando estamos falando de situações de vida ou morte.

Satoshi Makoto estava calmo, contudo. Por alguma razão, tudo havia corrido bem. Talvez bem demais. O fato é que os três que Satoshi encontrou não eram grande coisa, o que era estranho.

É claro que não seria a primeira vez que criminosos internacionais faziam um trabalho porco, mas a Grey Star não é um grupo de criminosos quaisquer.

Quando Ben apareceu lhe pedindo ajuda, Satoshi pensou automaticamente que as coisas seriam difíceis.

– Até onde pude investigar – disse Ben Elias –, teremos oito ou nove homens guardando o lugar. Tenho certeza que fazem parte da Grey Star, ou que são de algum grupo associado. Seja como for, não quero levar ninguém despreparado. Com você e François, eu posso estar certo de termos aproximação silenciosa e ação efetiva. Se ficarmos encurralados, terei 20 homens treinados nas proximidades. Posso contar com você, Satoshi?

É claro que poderia. Eram poucas as coisas que Satoshi Makoto e Ben Elias não fariam um pelo outro. Assim, lá estava ele, prestes a entrar em uma pequena mansão fechada há anos. Derrubara três dos guardas ainda do lado de fora, e os três podiam usar aura, mas Satoshi teve a impressão de que um deles mal conseguiu ver o que o atingiu.

Talvez seja um novato descuidado.

Mas, se esse era o caso, por que os outros dois se defenderam tão mal? O elemento surpresa estava a seu lado, Satoshi sabia, mas ainda era dia, o que fazia tudo ser arriscado, e Satoshi esperou alguma resistência.

Tac, tac... tac, tic, tac... Tiquetaqueava o relógio de Satoshi em um constante tom destoante que ele soube o que significava.

Ben já entrou. Não posso ficar aqui me perguntando por que os guardas são pouco preparados. Tenho de agir imediatamente.

E agiu. A mansão estava cercada por plantas que chegavam a 1 metro de altura, contendo algumas árvores mais altas aqui e ali. A fachada era antiga e deteriorada, com uma área de lazer que compreendia todos os quatro lados da residência.

Satoshi Makoto já havia tomado o cuidado de esconder os três homens inconscientes. Rapidamente tomou lugar próximo a uma das janelas que pareceu-lhe mais fácil de abrir sem chamar atenção, a qual foi aberta com incrível facilidade, e inspecionou o ambiente além das paredes.

Ninguém a vista. Sendo assim...

Entrou antes que pudesse piscar os olhos pela segunda vez. A luz do Sol não invadia a casa, salvo um ou outro raio desacompanhado que atravessava o teto há muito estragado.

Satoshi podia sentir que alguém estava próximo. Alguém que não lhe era amigável queria descer as escadas. Silenciosamente, o intruso ocultou sua presença em si mesmo e lançou-se para as sombras inescrutáveis atrás da escada.

Os passos do recém chegado ao térreo eram despreocupados, mas indicavam alguém que tinha o hábito de se esconder. Quando o homem chegou ao térreo, Satoshi viu sua silhueta, enquanto o criminoso não sabia que alguém o observava.

– Leto – gritou o homem ao tirar o primeiro pé dos degraus, fazendo os cabelos de Satoshi se eriçarem com o temor de ter estragado o elemento surpresa –, quanto tempo mais?

– Cala a boca e vigia a porra do lugar – gritou uma voz em resposta –, ou você quer estragar todo o negócio?

O homem não questionou Leto pela segunda vez. Talvez Leto fosse o líder do grupo que estava ali.

Satoshi aguardou por três segundos, não mais. Percebendo que não havia ninguém, focalizou a aura nos olhos para encontrar qualquer coisa indesejada e, como não encontrasse, abandonou as sombras e partiu como um relâmpago em direção ao homem aos pés da escada.

Fortaleceu seu punho e mirou o pescoço desprotegido de seu alvo... que esquivou no último instante. O alvo mexeu o braço na intenção de contra-atacar, mas não foi rápido o bastante. A outra mão de Satoshi estava lá para impedir seus movimentos.

Satoshi mirou agora pelas costas, que estavam mais próximas... seu punho saltou para trás com uma dor latejante. O homem, para surpresa do intruso, concentrou tanta aura nas próprias costas que elas estavam duras como concreto. Saltou para o lado e afastou-se do intruso enquanto gritava.

– Leto, aqui embaixo, tem um...!

O punho serrado de Satoshi impediu que a frase fosse completada.

Satoshi sentiu os dentes de seu adversário se deslocando, mas o homem não caiu. Não gritou de novo, mas seus olhos queimavam de fúria como duas pequenas chamas ameaçadoras no meio da escuridão.

Esse não vai ser tão fácil quanto os outros!

Foi tudo o que pôde pensar antes que o homem investisse contra ele em alta velocidade. Já havia sacado uma faca e procurava pela garganta do intruso. Quão surpreso não ficou ao perceber que a sua própria garganta não mais lhe teria utilidade.

Provavelmente a fúria lhe tardou os sentidos, nublando a visão e impedindo que o homem vislumbrasse o brilho súbito que surgira ao contorno da mão direita de Satoshi. Mas o motivo não era importante agora. O fato é que essa falta de atenção em um instante custar-lhe-ia a vida.

As chamas em seus olhos apagaram como que por mágica e, em seu lugar, Satoshi entreviu o medo da morte. Mas aquilo não seria o suficiente para Satoshi. Se o grito anterior e todo o barulho causado pelo embate – que, por sorte, não foi muito – já não tivessem alertado a todos na casa, as próximas ações daquele homem alertariam. Além disso, este já era um guarda condenado.

O próximo golpe foi fatal. A mão direita de Satoshi, ainda envolta em aura reluzente como um raio, atravessou o crânio daquele homem como se fosse de manteiga, muito diferente da resistência que o pescoço apresentou um segundo atrás – com certeza já não protegia o corpo com nenhuma aura. Era o fim para ele, que cairia com estardalhaço se Satoshi não o segurasse a tempo, repousando-o calmamente no chão próximo às escadas.

Desculpe, mas você é forte demais para vencer sem fazer barulho.

Satoshi não mais se sentia mal quando matava alguém... e era exatamente isso que o assustava agora. Sempre partilhou de um respeito tremendo pela vida. Aquela insensibilidade a uma vida que se esvaía lhe causava espanto e terror. Sensações que o deixavam sem entender como passou a ser agente de paz da ONU. Alguém como ele não poderia evitar de matar algumas pessoas, por mais que se esforçasse. Como conseguiu se adaptar ao cargo? Isso ainda era um mistério para Satoshi.

Sentiu o sangue ainda quente daquele homem sem nome que jazia a sua frente e, com inacreditável insensibilidade – ao menos a seus próprios olhos –, virou-se para o andar de cima para ouvir cuidadosamente o que a voz de Leto falava.

– O que é? – dizia a voz, que se aproximava devagar sem parecer preocupada.

Satoshi Makoto silenciosamente retornou às trevas atrás da escada e ocultou sua presença. Torcia para que pudesse acalmar sua mente a tempo de evitar ser captado pelo possível zanshi que Leto, ou alguém que pudesse vir com ele, poderia ser capaz de usar.

Conseguiu acalmar a mente quase de imediato. Pouco se lembrava do cadáver próximo, mantendo o foco apenas nos sons emanados pelos passos que vinham do andar de cima.

Satoshi não ousava usar seu zanshi no momento, também não amplificaria a visão com sua aura, pois julgou ser justamente esse o motivo de ter advertido o guarda anterior a respeito do ataque que estava por vir.

Ele com certeza não era usuário de zanshi, não podia sentir quaisquer intenções no recinto. Só percebeu minha presença quando eu focalizei aura para amplificar a visão e ver se não haviam armadilhas feitas por ele.

Faria melhor desta vez. Ocultaria sua presença o mais que pudesse. Só se revelaria no momento certo, a menos que fosse forçado a fazer algo antes.

Os passos de Leto estavam agora bem acima de sua cabeça, Satoshi percebeu.

– Franky, o que foi que houve? – questionou Leto, sem obter resposta.

Satoshi aguardou a próxima ação.

– Fique aqui – novamente falava a voz do homem chamado Leto –, mas fique atento a tudo. Olhos vivos!

Ele não está sozinho.

Isso dificultava as coisas para Satoshi. Felizmente, contudo, Leto não aparentava ser usuário de zanshi, ou provavelmente já teria percebido uma "intenção de esconder" de alguém bem abaixo de seus pés.

O estardalhaço que a janela causou ao quebrar dispararam as defesas de Satoshi, que emanou aura por todo o corpo instintivamente.

Inferno! Inferno! Inferno!

A luz invadiu o recinto. Mesmo que ainda fossem trevas serradas, como antes, Satoshi já não podia mais ficar escondido após revelar sua presença. Arriscou tudo naquilo que julgou ser sua melhor opção. Atravessou o cômodo em que estava o mais rápido que pôde.

A dor veio forte de sua coxa esquerda pouco antes de invadir o cômodo contíguo. Algo o cortou profundamente. Provavelmente um dos dois que o viram na sala atrás de si.

Passou os olhos rapidamente pelo novo cômodo. Alguns móveis velhos e muita poeira, mas nada que pudesse parecer uma pessoa ou uma armadilha. Parou de imediato. Teria de enfrentar Leto e o outro de frente. Não conhecia suas habilidades, mas não havia outra maneira.

– Aí está você – sussurrou uma mancha negra que se aproximava vinda do cômodo anterior; era a voz de Leto. Pegue-o, Atlas!

Sem nem mesmo saber o que a segunda mancha negra faria, as duas mãos de Satoshi iluminaram um pouco o lugar, permitindo que Satoshi enxergasse o rosto tenro e imberbe do jovem que fora chamado de Atlas.

– Venham todos aqui agora! – trovejou Leto chamando pelos companheiros que poderiam surgir a qualquer instante.

Tenho de ser rápido! Nada de hesitar, Satoshi!

Não hesitaria. Não apenas sua vida dependia disso, mas a vida de Ben e de François também poderiam correr perigo.

O jovem Atlas era rápido. Entretanto, Satoshi não teve dificuldade alguma para mover o corpo cinco centímetros para a direita – não mais que isso –, permitindo que a lâmina da espada de Atlas cortasse o ar próximo a seu abdômen.

Atlas com certeza não notou o breve instante no qual sua espada silvou enquanto atravessava a sala ainda com partes dos dedos dele junto a seu cabo.

Satoshi quis gastar um segundo a mais para deixar o jovem inconsciente em vez de matá-lo. Um segundo a mais. Um segundo no qual Leto estaria perto o bastante para atacar.

Satoshi não hesitaria. Não hesitaria.

O crânio de Atlas ofereceu mais resistência que o de Franky – *esse era seu nome* –, mas cedeu no instante em que Satoshi virou o rosto para capturar a mancha que se movia em sua direção e que tomava a forma de um homem maduro cuja face retinha algumas cicatrizes.

A sala se tornou tão clara quanto o dia estivera lá fora no momento em que o punhal de Leto pegou fogo.

Isso não afetou Satoshi em nada. Não seria a primeira – e com certeza não seria a última – vez que via uma técnica elemental que criava fogo. Talvez fosse algo mais perigoso. Satoshi não esperou. Investindo, atacou primeiro e se viu bloqueado pela adaga de Leto, que se movia com rapidez.

Uma e outra investida... bloqueadas. Tantas mais, e sempre bloqueadas. As centelhas de fogo e pequenos relâmpagos que nasciam do atrito entre a adaga em chamas e os punhos luminosos poderiam ser admirados por um observador, mas foram ignorados pelos dois que ali batalhavam.

Ele é bom. Muito bom. Mas acho que apenas nas habilidades básicas. O que acontece se eu...

Leto viu-se desprotegido quando Satoshi segurou seu punhal flamejante pela lâmina com uma das mãos e o atirou para longe. Sua expressão então revelou ao inimigo que não esperava por aquilo.

Não é tão bom assim, Leto. Por isso que mandou aquele garoto para a morte? Para criar uma brecha em mim?

Satoshi percebeu que agora tinha um segundo ou dois para deixar aquele homem inconsciente sem matá-lo. Percebeu também que, pela primeira vez naquele dia, não se importava com isso.

Mais afiada que qualquer lâmina que Leto encontraria na vida e mais rápida que o sacar de qualquer espada, a mão reluzente de Satoshi mirou o coração de Leto. Atingindo seu ombro esquerdo no último instante.

Vivo, desgraçado, você pode tirar algumas dúvidas.

Os gritos de agonia do pobre diabo inundaram o recinto até que o cotovelo de Satoshi calou a fonte. Não tinha medo que o barulho atraísse os outros – se ainda não aparecera ninguém, significava que Ben e François fizeram o que deviam –, simplesmente não queria ouvir os gritos.

Quando o corpo semi-vivo de Leto atingiu o chão, Satoshi lembrou que deveria parar o sangramento do ombro dele.

Como se quisesse punir o homem com sua própria arma, apanhou o punhal do outro lado da sala e, quase sem lembrar como fazer, conseguiu envolvê-lo em chamas. Não chamas fortes e ameaçadoras como as que Leto usou, mas suficientes para deixar a lâmina vermelha em alguns segundos. Suficientes para estancar o sangue, queimando os vasos sanguíneos expostos.

Alguém apareceu em resposta ao barulho. O macacão com as seis facas de Ben Elias surgiu do outro lado da sala com poucos traços de sangue para maculá-lo. Olhando Satoshi, Ben inquiriu-o sobre a situação.

– Tudo vai bem. – respondeu Satoshi.

Enquanto se levantava, sua visão passou rápido pelo cadáver do jovem Atlas. Satoshi não conseguiu deixar de pensar em seus filhos ao ver o corpo inerte do rapaz ali no chão. Trouxe os pensamentos de volta para o presente e olhou para Ben.

– Esse deve ser o líder – apontou para Leto estirado no chão –, e cuidei de outros cinco. Só três estão vivos.

Parou um momento e olhou de novo para Ben.

– Onde está François? – perguntou.

– Está lá fora. Pedi que ele garantisse que ninguém nos surpreenderia enquanto estivéssemos aqui. Disse a ele para entrar apenas se soasse um alerta.

Ben Elias olhou o velho amigo ali, fitou o corpo de um jovem caído a seu lado, e tornou a olhá-lo.

– Satoshi – disse –, vou acordar esse aqui e perguntar algumas coisas. Por que você não espera lá fora? Você já fez mais do que o suficiente. Você cuidou de seis deles. Eu, de apenas dois.

Satoshi não respondeu. Apenas se virou e saiu.

Não percebeu o tempo passar enquanto estava sentado do lado de fora. François o avistou e falou com ele para confirmar que tudo estava em ordem. Satoshi limitou sua resposta a um aceno de cabeça.

Perdeu-se em seus pensamentos. Tentou não pensar, mas o rosto de Atlas vinha à mente e lembrava-lhe de Brian e Michael. A cara de Leto vinha à mente ao lado da face sem forma de Franky, e elas lhe lembravam de fatos acontecidos há muitos anos. Tentou não pensar, mas não resistiu.

Escurecera. Foi a voz de Ben, alguns minutos depois, que tirou Satoshi de seus devaneios. Ben lhe disse que pouco mais que meia hora havia passado, mas Satoshi sentia como se fosse a noite inteira.

Contemplou a silhueta noturna da cidade de Nova York a sua frente. Não estava longe do início da metrópole. A mansão, pensou Satoshi, seria um ótimo lar aos que queriam viver próximos, mas fora da cidade.

– Como está a perna? – questionou Ben ao perceber que a coxa do amigo ainda sangrava.

– Eu já cuidei disso – mentiu Satoshi enquanto pressionava o ferimento com um pedaço de tecido que sacou do bolso.

Ben olhou-o firmemente por um momento antes de falar.

– Apenas armas, Satoshi – disse Ben. Não muitas, mas armamento pesado. Ele disse que foram contratados para vigiar essa casa e a mercadoria durante a noite.

– Então eles não fazem parte da Grey Star? – inquiriu Satoshi Makoto.

– Tudo indica que não. Esse Leto não é tão bom mentiroso assim para conseguir me enganar, meu amigo.

– Valem muito? Eu me refiro às armas que eles estavam protegendo.

– Não – respondeu Ben com pesar na voz. E é isso que me preocupa, Satoshi. O valor das armas é considerável, mas devem valer pouco mais que a quantia paga ao grupo que estava protegendo o local – ponderou por um segundo. Isso faz sentido para você?

– Faz – respondeu Satoshi de imediato. Esse lugar e essas pessoas são apenas um engodo. Sabe se eles foram contratados realmente pela Grey Star?

– Parece que sim. Eu acredito que sim.

– Então a Grey Star nos queria aqui por alguma razão. Talvez para desviar nossa atenção de algo mais importante.

Ben sentou ao lado do amigo e encarou-o por alguns instantes.

– Você não perdeu o tato, meu caro – disse Ben, e sacou o celular de um dos bolsos mais protegidos do macacão que usava. Tocando a tela com o polegar, procurava por algum arquivo. Achou uma mensagem com algumas imagens e tomou a palavra novamente: – O diretor Graham entrou em contato comigo pouco depois que eu enviei os resultados que obtive aqui, Satoshi. Veja isso.

A pequena tela de 3 polegadas continha imagens de armas de grosso calibre e grande poder destrutivo. Satoshi pensou ter visto alguns quilos de C4 entre algumas metralhadoras em uma das fotografias.

– Foram enviadas pra você? – perguntou Satoshi.

– Sim. O diretor me enviou. São de outros dois locais ao redor da cidade e de um armazém dentro do perímetro urbano. Todos similares ao que encontramos aqui. Ao que parece, Satoshi, a Grey Star preparou um pequeno show de mágica para nos deixar longe do evento principal. Eles contrataram pequenos grupos para proteger esses locais. Grupos capazes de oferecer alguma resistência, mas que não fossem tão caros. Pessoas descartáveis que chamariam a atenção da Interpol.

– E vocês caíram – disse Satoshi em tom sóbrio.

– Sim. Caímos – respondeu Ben de forma natural.

Não falaram mais por algum tempo. Satoshi apenas pensou nos filhos enquanto tentava afastar as desagradáveis lembranças de sua mente. Logo estaria em casa e os rapazes já teriam chegado também. Isso o ajudaria a melhorar seu ânimo.

Foi sugado de volta à realidade pela exclamação de Ben ao seu lado.

– Já sabemos qual era o evento principal, Satoshi! – disse Ben, que agora olhava uma nova mensagem em seu celular como fizera há poucos minutos.

Satoshi encarou-o, esperando pela explicação.

Capítulo 1

Improvável

A curiosidade de Michael Makoto parecia estar um pouco distorcida. Claro que a curiosidade sempre foi uma de suas características mais notáveis, mas as últimas 24 horas estavam fazendo com que ela se voltasse para o lado errado, ao menos é isso que lhe parecia.

Ele olhava para o teto do avião, o encarava com o pensamento em um lugar agora distante. É interessante como as pessoas às vezes se dão conta de que esqueceram de algo e não entendem como sua mente chegou nesse ponto. Foi o que acabara de acontecer com Michael. Ele percebeu, sem um motivo aparente - talvez fosse por estar olhando para o teto de um avião -, que não lembrava para onde estava viajando.

Inglaterra!

Pensou de imediato. Mas não lembrava, ou não sabia, qual o local dentro do país. Isso é estranho, e o próprio Michael tomava consciência disso agora. Ele é curioso demais para não passar a última hora tentando imaginar para onde, afinal de contas, estavam indo exatamente.

A lembrança da tarde do dia anterior não lhe permitia pensar em muita coisa. Essa lembrança absorvia toda sua curiosidade. Michael queria entender várias outras coisas, mas nem todas elas juntas se comparavam a uma só: o que foi que aquele homem fez?

Michael já tinha pensado várias e várias vezes sobre isso nas últimas 24 horas. O último dia pode ser qualquer coisa, exceto comum. Ninguém poderia chamá-lo de “um dia normal”, mas todos os pensamentos de Michael se voltavam para entender um momento que era restrito a pouco mais de 4 minutos.

Mais uma vez ele mergulhava em suas lembranças, agora revisando o que acontecera naquele dia. Talvez entendesse algo mais dessa vez, embora já começasse a achar que só entenderia isso quando buscasse a resposta em seu destino, qualquer que fosse o local ao qual o avião o estava levando.

Michael lembrava do dia que passou da seguinte forma: era 11 de janeiro de 2013. Ele não lembrava qual o problema que havia na escola, mas as aulas foram suspensas por uma semana. Em Nova York, o clima estava interessante – termômetros marcavam 51,8°F (algo como 11°C) –, mais agradável que na maioria dos últimos dias. Ele e seu irmão, Brian, estavam para visitar o Museu Americano de História Natural pela primeira vez. Na verdade, Brian já havia visitado o museu antes, numa excursão da escola, há uns 3 anos. Michael não pôde ir, pois estava doente na época, isso fez com que ele tivesse ainda mais vontade de ir.

Interessante.

Agora que pensou nisso, nem seu pai, nem seu tio Ben – que tantas vezes passou dias com eles –, ninguém jamais os levara para uma visita ao museu mais famoso da cidade. Claro, claro, isso poderia ter alguma relação com o fato de todos eles – inclusive os dois irmãos – serem fanáticos por artes marciais e não por ciência ou por história, embora fossem inteligentes, estudiosos, cultos... mas lutar era divino! O próprio Michael foi campeão estadual de karate, enquanto seu irmão era campeão de kendo em alguma espécie de torneio da federação, ao menos é o que Michael lembrava.

Chegando ao museu, não foi de admirar que encontrassem uma multidão, mas Michael ficou admirado ao perceber que o teto, no primeiro salão após a entrada, ficava a mais de 20 metros do chão, isso sem falar da cena montada em que os esqueletos de

dinossauros pareciam tentar intimidar um ao outro. Tudo parecia dar a impressão de grandeza, incluindo a estátua de Theodore Roosevelt em frente ao museu.

Esses pensamentos foram recorrentes na mente de Michael no início. Ele também lembrou um pouco que brincou ao comentar isso com Brian. Afinal, Brian não era tão baixo, mas sua altura não passava de 1 metro e 67 centímetros, enquanto Michael ostentava seus 1 metro e 85.

As expressões de Brian, quando mencionavam que seu irmão era tão mais alto, apesar de ter 16 anos e Brian, 17... ele não era o tipo que entrava em discussões desnecessárias, mas isso era uma das coisas que mais o fazia perder a calma.

Eis algo que fez com que Michael realmente admirasse o irmão: sua serenidade. Era difícil lembrar qualquer ocasião em que seu irmão mais velho perdera a calma. Isso rendia a vitória a Brian em quase todas as lutas que os irmãos travavam entre si – ainda que ele usasse uma shinai.

Quando Michael estava começando a divagar nesses pensamentos, a curiosidade voltou a encobrir sua mente.

Mas afinal o que foi aquilo? O que ele fez?

Isso levou os pensamentos de Michael diretamente ao corredor do museu que antecedia a sala japonesa. A pequena sala japonesa não devia ocupar uma área maior que 10m² e parecia mais um móvel dentro de uma sala, um móvel com janelas. Michael sequer desejou entrar ali. Não se importava com o fato de seu pai ser incontestavelmente japonês, nem sabia se era permitido entrar lá. Mas era nesse ponto que a história começava a ficar complicada. Um homem, cujo rosto estava coberto, aproximava-se por trás deles pelo corredor. Eles agora já estavam a menos de 3 metros de uma pequena janela que parecia uma vitrine do “móvel japonês”. Pararam ali e observaram o homem com atenção, afinal, não é todo dia que se vê alguém com uma máscara preta cobrindo o rosto todo com exceção dos olhos, e tudo fica mais estranho quando esse homem tem quase 2 metros de altura.

O homem aproximava-se andando e olhando atentamente para a vitrine à frente. Não parecia ter pressa, não, não. Também não parecia notá-los ali, pois passou por eles sem parecer se dar conta de que havia duas pessoas em seu caminho. Parecia que iria...

– Ei, o que você vai fazer? – Saiu da boca de Brian, quase que como um grito, em direção ao homem que agora quebrava o vidro da pequena janela. – Você ficou maluco?!

Brian e Michael, quase involuntariamente, deram um passo em direção à janela quebrada. Em resposta a esse passo, não aos questionamentos audíveis de Brian, o homem virou o rosto para eles. Possuía olhos castanhos. Toda sua roupa parecia elegante, o que contrastava com a máscara. Usava paletó preto com camisa branca. Suas calças também elegantes eram pretas e seus sapatos da mesma forma. Michael não conseguia lembrar que roupa ele próprio estava usando - usava uma calça, isso ele lembrava -, tampouco as que seu irmão usava. Aquele homem, entretanto, ah, ele tinha lugar especial nas lembranças do garoto. Sim, pois foi essa imagem que ficou em sua mente durante todo o dia que se passou. Tudo isso porque no exato momento em que o homem virou o rosto para os irmãos, Michael sentiu algo penetrar cada parte de seu corpo. Não doía, mas era desagradável. A princípio não foi tão incômodo, mas quase imediatamente passou a afligir o garoto. Ele lembrava ter sentido algo vindo até ele, mas não via nada. Apenas continuou lá, imóvel, em pé e encarando o homem. Toda essa sensação lhe fez lembrar rapidamente dos filmes de terror que assistia, onde as vítimas só podiam sentir o poder sobrenatural do fantasma e sofrer os ataques. Não viam...

Seja o que for, veio da direção em que ele estava. Ele fez isso, tem de ter sido ele!

Mas não mudava o fato de que Michael não sabia o que era aquilo. Seu corpo sentiu constantemente aquela sensação angustiante por mais de um minuto. Parecia que sua alma desejava com todas as forças abandonar o corpo e fugir!

O homem não os olhava mais. Ele agora estava ocupado observando as peças em exposição na vitrine que havia à frente dele. Não demorou. Logo pegou o que Michael observou ser um anel de ouro coberto de arranhões profundos. Pareceria uma aliança de casamento, não fossem os arranhões. Ao pegar o anel, olhou-o por alguns segundos. Parecia analisá-lo com profundo interesse. Colocando-o no bolso direito da calça, voltou-se para trás e parou, observando agora o irmão mais jovem que não conseguia mexer um músculo sequer.

Sua face não era visível, mas os olhos do estranho demonstravam que ele estava atônito, como uma pessoa que não acredita ao ver um animal num circo realizar certos truques. O que o fez ficar assim?

Michael, por outro lado, sabia o porquê de ele próprio estar atônito. Não podia se mexer – e não fazia ideia do que provocou isso. Acabara de presenciar um roubo ao Museu Americano de História Natural e não havia qualquer sinal de que alguém mais no mundo soubesse que aquilo estava acontecendo – fosse a polícia ou a segurança do museu – e agora via em sua frente alguém que, de alguma forma, o fez parar só com um olhar.

Se mexe, se mexe!

Ele queria sair dali o mais rápido que conseguisse. Não conseguia nem pensar devidamente, pois sua mente estava em mal estado, mas seu corpo estava perdido, não podia responder a nenhum comando de seu cérebro. Até seus olhos estavam travados no mesmo local.

O homem continuava a observá-lo pacientemente, e pensativo. Continuava sem dar impressão alguma de estar com pressa. Michael não podia falar, mas em sua mente ele se perguntava qual o motivo para isso. Quem é ele? O que ele quer comigo...? Não! O que ele **fez** comigo?!

Depois do que pareceu ser uma eternidade para Michael, a sensação de desconforto começou a atenuar-se. Ele agora podia mexer alguns músculos da face. Tentou desviar o olhar para seu irmão ao lado.

– Garoto, eu sei que não vai conseguir me dizer seu nome – disse o homem, e sua voz pareceu a Michael como uma que ficaria muito bem para um cantor de ópera –, mas já sei mais sobre você do que eu preciso no momento. Escute. Meu nome é Marinville. Gostaria de poder ficar e esperar você falar comigo, mas não terei tanto tempo assim. Fique com isso – disse enquanto pegava sua carteira no bolso do paletó e procurava nela um cartão, que colocou entre os dedos rijos de Michael. Amanhã alguém vai procurar por você, mostre esse cartão para ele. Por favor, sei que, na sua situação, confiar em qualquer coisa que eu disse vai ser difícil, mas não dificulte seu dia e nem o meu, está bem? Pode levar esse seu amigo com você, também gostaria muito de falar com ele.

Agora ele dava alguns passos em direção ao corredor pelo qual viera.

– Cuide-se bem e não faça nada ingênuo – disse Marinville ao parar por um instante –, facilite as coisas, está bem? Até amanhã, meu amigo.

Logo desapareceu de vista.

Do nada surgiu, para o nada voltou.

Pensava Michael, agora no avião. Em suas lembranças, era claro o que havia acontecido a seguir: Michael deixou o cartão entre os dedos e mais uma vez tentou observar o irmão. Agora conseguia virar o pescoço com dificuldade. O que viu o fez tremer. Brian estava estirado no chão, provavelmente inconsciente.

Mas afinal o que foi tudo isso que aconteceu aqui?!

Era isso que ele não sabia. Suas lembranças foram interrompidas por um jovem que adentrou o local onde ele estava no avião, parecia vir da cabine do piloto.

– Senhores, em alguns minutos vamos pousar. Todos devem estar com os cintos de segurança devidamente colocados.

Na poltrona imediatamente à frente da qual se encontrava Michael, estava Brian. Na imediatamente anterior, encontrava-se seu pai, Satoshi Makoto. Na poltrona à frente de Brian, estava sentado com austeridade Joseph Marinville. Havia, ainda, uma poltrona vazia à frente de Marinville.

O rapaz que adentrara a cabine passou por cada um dos passageiros para verificar se usavam o cinto corretamente, soltando um “com sua licença” no momento em que observava cada assento e um “mil desculpas” no momento em que necessitou tocar o cinto de Michael para ajustar a fivela que não estava devidamente fechada; evitava com um nível muito maior de nervosismo, no entanto, o assento de Marinville, pelo qual passou unicamente com um leve aceno de cabeça e um sorriso que demonstrava o quanto aquela situação o deixava nervoso. Não se deteve mais que alguns segundos em nenhuma das poltronas e logo voltou, sem mais palavras, pela mesma porta que havia usado para entrar na cabine.

– Ele apenas se preocupa um pouco mais que o necessário para que todos fiquem seguros – disse Marinville. Não se aborreçam com ele. O pequeno Christian tem um bom coração e corresponde ao desejo de Sir Ektor de que todos estejam perfeitamente confortáveis e seguros em sua aeronave.

– A viagem está sendo maravilhosa, senhor Marinville, e o rapaz não contribuiu em nada para fazer isso mudar. Se o desejo de Sir Ektor é nos deixar confortáveis, pode acreditar que o objetivo foi alcançado – respondeu Satoshi.

– É bom que seja assim. Sua graça não aceitaria que eu deixasse alguém viajar de maneira desconfortável em seu avião particular. Ele concedeu esse transporte por acreditar que vocês são dignos dele. Vejam bem, esse é o transporte que o próprio Sir Ektor utiliza quando sai de sua propriedade para locais mais distantes.

– É uma honra, sem dúvida. Espero que possamos agradecer a ele pessoalmente.

– Em algum momento poderão, certamente. Lembre-se que lhe disse antes, vocês serão devidamente observados e, se qualificados, terão a honra de unirem-se a um dos grupos que compõem a Fundação Levine – Michael agora percebia que Marinville mantinha sempre um tom suave na voz, até mesmo na situação perturbadora no museu sua voz era calma. Sir Ektor – continuou ele – não é alguém muito disponível, se é que me entendem. Claro, se participarem dos grupos ativamente, e eu acredito piamente que conseguirão, em algum momento poderão encontrá-lo.

– Mas por que você ainda insiste em chamar de “grupos” o que só são fachadas para o crime organizado que sua “fundação” executa? – disse Michael impetuosamente; mas, ao ver o rosto naturalmente lívido de Marinville surgir sobre as poltronas da frente e olhá-lo de maneira tão profunda que parecia poder ver até sua alma, Michael arrependeu-se de ter dito aquilo; é verdade que estava cansado de todos os eufemismos cínicos que insistiam em usar sem necessidade, mas aquele olhar lhe aterrorizou, embora não tivesse nada do efeito paralisante que teve o olhar no museu.

– É algo recomendável ter cuidado ao falar, Michael Makoto – respondeu Marinville. A escolha das palavras pode colocar o emissor da mensagem em perigo. É por isso que, embora a realidade às vezes seja diversa, podemos sempre usar termos diferentes em nossas conversas. Nunca se sabe quem pode estar ouvindo e, principalmente, quais serão as consequências pelo uso dos termos errados. Consegui elucidar sua dúvida, meu amigo?

Michael só pôde balançar a cabeça em afirmação. Óbvio, não havia nada de certo para ele naquilo tudo, era apenas mais uma desculpa cínica para bandidos que querem disfarçar suas ações de qualquer forma, mas aquele homem impunha uma autoridade que era muito maior que a de seu pai, sem falar do medo que ele inspirava quando Michael lembrava do museu.

Michael Makoto não podia ver ninguém agora que Marinville tornara a sentar-se, mas podia jurar que seu pai estava tentando mandar que ele tivesse cuidado e fosse mais sensato – isso, aliás, era algo que ele constantemente repetia para Michael; também, algo do qual ele se orgulhava em Brian, pois os sermões do pai não se faziam necessários para seu irmão mais velho, o sempre prudente.

Michael se acalmou em poucos minutos, afinal, não foi algo tão grave assim, já havia passado por coisas piores com Marinville no último dia. Logo ele retornou às lembranças. Agora, rapidamente lembrou que observava o cartão que estava em sua mão durante as mais de 2 horas em que ficou ao lado do irmão inconsciente – felizmente não mais que apenas inconsciente, Michael já havia se certificado – enquanto esperava alguém para ajudá-los. Bem, Michael não ousou mover o irmão, não sabia o que ele poderia sofrer se o movesse. O próprio Michael ainda não movia o corpo com perfeição, alguns músculos ainda pareciam sofrer de câimbras. Então resolveu esperar ao lado de seu irmão até que alguém aparecesse ou que Brian acordasse.

O cartão era de um papel comumente usado na maioria dos cartões que Michael já tocara. Tinha um fundo meio cinza, acima, e meio branco, abaixo, com uma linha horizontal azul escura que fazia divisa entre as duas cores. As únicas informações eram as palavras “Fundação Levine – Apoio às Artes e Desenvolvimento de Jovens” em letras brancas na parte cinza. Havia também, na parte branca, o nome de Sir Ektor Levine e algumas informações para contato como “Yorkshire” e algo sobre ser próximo da Overton Woods, assim como um e-mail oficial da fundação e um número de telefone aos quais não deu importância.

Lembrou ainda que algumas horas depois, 4 homens apareceram no corredor pelo qual Marinville aparecera anteriormente. Um deles parecia ser um oficial da polícia de Nova York, outro, um enfermeiro, os demais ele não fazia ideia de quem podiam ser.

– Que... oi, oi! Garoto! Você tá legal?! – perguntava o oficial de polícia que parecia realmente estar interessado nos dois garotos, mais ainda no que estava sentado e não no desmaiado.

– Eu tô ótimo! Esse é meu irmão. Por favor, preciso saber se ele está bem ou se...

– Se acalma, rapaz. Quem é você?! O que você tá fazendo aqui e o que aconteceu aqui?!

O enfermeiro já estava se aproximando de Brian e parecia que iria começar a examiná-lo, então Michael respirou fundo e tentou conversar com o oficial sem pressa.

– Meu nome é Michael Makoto. Esse é meu irmão Brian Makoto. Nós estávamos aqui observando aquelas peças. Um homem veio e levou alguma coisa dali. Ele foi embora e meu irmão ficou inconsciente absolutamente do nada! Ei, como ele tá?!

– Não dá pra detectar nada de errado com ele – disse o enfermeiro. Está como os outros.

– Como assim?

– Rapaz, você é a única pessoa que achamos acordada no museu – respondeu o policial. Ninguém aqui, nem mesmo um funcionário... todo mundo tá na mesma situação do seu irmão.

– Aquele homem fez todos desmaiarem? Como é que ele conseguiu algo assim?

– Michael, certo? Você viu um homem aqui e ele levou alguma coisa das que estão naquele móvel. Tem certeza disso?

– Tenho.

– E o que fez o seu irmão desmaiar?

Michael não sabia se devia responder essa pergunta. “Não faça nada ingênuo. Facilite as coisas”. Aquele cara sabia como deixar uma impressão forte nas pessoas, isso é um fato. Será que ele estava falando disso? “Não conte nada sobre o meu interesse em você, ou sobre o que eu fiz”? Se era isso, Michael já havia falado que um homem roubou alguma peça, talvez não fosse sábio falar mais.

– Eu não faço ideia. Só sei que quando o homem pegou o que queria, ele saiu sem se preocupar comigo. Quando eu olhei, meu irmão estava desmaiado e eu...

– Você o quê?

E agora? Seria “ingênuo” falar da paralisia? Marinville o deixara em uma situação totalmente louca. Ele nem sabia o que podia fazer ou não. De uma coisa Michael tinha certeza, ele não gostaria de fazer nada que deixasse Marinville contrariado.

– Eu fiquei com medo demais pra sair do lado dele – continuou o rapaz.

– Bem, ele está a salvo – disse o enfermeiro. Descanse, rapaz, ele está bem.

– Vamos levar o seu irmão pra o hospital de qualquer jeito, e você tem de vir comigo, rapaz – dizia o policial enquanto procurava algo em seus bolsos.

– Mas o que...

– Você é a única pessoa que viu algo aqui! É a única pessoa que ficou consciente! É claro que o capitão vai querer falar com você! Droga... o FBI inteiro deve querer falar com você!

– Eu... eu... eu preciso ver meu pai, preciso falar com ele...

– Você vai poder falar com ele, garoto, mas vai ter de vir comigo!

Michael não gostava de como o policial estava ficando exaltado. O enfermeiro agora estava colocando Brian em uma espécie de maca, Michael nem sabia o nome daquilo. Um dos outros dois homens o estava ajudando e o outro já havia continuado pelo corredor.

– Qual é o nome de vocês?

– Adam – respondeu o enfermeiro rapidamente e sem dar muita atenção ao garoto consciente.

– Eu me chamo Frank – falou o homem que ajudava Adam, pela primeira vez sua voz foi ouvida naquele corredor.

– Eu sou o sargento Riggs, Marvin Riggs. Agora vamos andando.

Desde que Brian já podia ser transportado sem que Michael temesse, o pequeno grupo adiantou-se para a entrada do museu. Em pouco mais de 5 minutos eles estavam chegando ao salão com teto 20 metros acima de suas cabeças e ossos de dinossauros expostos de forma a parecer que estavam intimidando uns aos outros.

Agora ficava mais fácil compreender a exaltação do sargento Riggs. A entrada estava muito mais cheia que quando eles chegaram ao museu horas atrás. Havia um verdadeiro caos. Muitas pessoas se movendo e transportando outras pessoas da mesma maneira que Brian estava sendo transportado. O que quer que tenha acontecido, provavelmente não foi provocado por Marinville sozinho. Centenas ou milhares de pessoas estavam inconscientes e ninguém sabia o motivo... isso justifica toda a exaltação do sargento, sem dúvida. O pobre homem, de pele escura, estava começando a ficar pálido por conta de toda a afobação causada a ele por toda aquela situação.

– Vamos tentar passar por esse lado, Adam! – disse o sargento, que tentava abrir caminho na grande multidão pelo lado direito próximo à parede.

Eles se espremiavam contra a parede e afastavam a multidão da maneira que podiam para dar espaço para Brian. Essa tarefa não era fácil, pois quase todos estavam levando outras pessoas inconscientes.

Na verdade, aquele cenário era surreal. Na mente de Michael, isso só se assemelhava a filmes nos quais ele via pessoas amontoadas nas ruas em protesto, mas aqui muitas pessoas estavam inconscientes e sendo carregadas de uma forma que lembrava também o cenário após uma batalha numa guerra, embora não houvesse sangue.

– Michael!

Um homem de 1 metro e 75 saltava do meio da multidão acompanhado de um outro de estatura um pouco maior. O primeiro era asiático, enquanto o segundo tinha feições distintas.

– Michael! – repetiu o homem que vinha à frente.

– Pai!

– Como vocês estão?! O que aconteceu?!

Satoshi Makoto estava bem ali, na frente dele. Isso era um alívio. E seu tio Ben estava lá também, o que fazia com que ele tivesse certeza de que tudo iria se resolver. Sim, afinal, quando Satoshi e Ben se juntavam para solucionar algo, não havia problema sem solução.

– Então o senhor é o pai desses garotos? – perguntou o sargento.

– Sim, são meus filhos. Eu me chamo Satoshi Makoto, sou um agente de paz do Fundo de Missões Humanas da ONU. Eu agradeço por cuidar de meus filhos, agora eles estão seguros comigo.

– Não posso deixá-los, senhor Makoto. Seu filho aqui é a única testemunha do que quer que tenha acontecido aqui. Ele precisa ser mantido com a polícia. Com certeza vão querer ouvi-lo.

– Única testemunha, Michael? Explique-se.

– Pai, um homem roubou uma das peças do museu. Eu e Brian estávamos lá no momento. Brian desmaiou, e parece que todo mundo no museu fez a mesma coisa. Mas eu continuei acordado. Ele deve ter feito algo...

– Michael, já está bom! Oficial, como se chama?

– Eu sou o sargento Marvin Riggs. Seja como for, seu filho não... o senhor está me ouvindo?

Satoshi agora já estava com o telefone ao ouvido. Deu as costas ao sargento Riggs e começou a falar e afastar-se do grupo para poder falar sem ser ouvido. Ben tratou de conter a exaltação cada vez maior do oficial. “Acalme-se, homem” foi o que ele disse, seguido de frases para conter o espírito do sargento que quase beirava a histeria agora. Não levou sequer um minuto e Satoshi havia retornado.

– Tudo já foi resolvido, sargento Riggs. Meus filhos devem vir comigo.

– Entenda que não posso permitir isso! Há muitas pessoas que vão querer saber o que ele viu. Detalhe por detalhe, homem! – a exaltação agora ultrapassava os limites da educação, mas ninguém, exceto Adam e Frank, que estavam um tanto desconfortáveis com a situação, se preocupou com isso.

– Sim, as pessoas certas ouvirão – retorquiu Satoshi com autoridade suficiente para fazer um leão parar de rugir. Infelizmente, eles realmente vão querer ouvir – acrescentou de maneira baixa, como se falasse pra si mesmo.

– Sargento Riggs? – perguntou um homem de terno.

– Sim. Quem é o senhor? – a autoridade de Satoshi trouxera o sargento de volta ao chão.

– Agente federal – disse enquanto mostrava o distintivo. O senhor Satoshi tem permissão para levar seus filhos embora agora. Por favor, acompanhem-nos até o carro que está lá fora e a partir daí podem ficar descansados quanto a eles.

O sargento não sabia o que falar. Estava boquiaberto. O que aconteceu ali? Um agente federal surgiu do nada para dar passe livre à única testemunha de toda essa bagunça... tudo o que ele pôde fazer foi obedecer sem questionar. Pelo visto, tudo isso foi demais para o sargento. Não que Michael estivesse levando numa boa, mas ao menos não estava preocupado com tantas coisas. Agora que Brian certamente estava bem, ele estava apenas preocupado em saber o que Marinville fez e o que pretendia fazer com eles, e apesar de ser um pensamento assustador, Michael Makoto estava mais interessado em obter uma resposta para se satisfazer em lugar de obter uma resposta para se sentir seguro.

Já era noite quando eles saíram do museu. Sargento Riggs não pronunciou nem mais uma palavra enquanto permaneceu ao lado de Michael. Adam e Frank também permaneceram em silêncio, que só foi quebrado pelo enfermeiro que recomendou cuidados para serem tomados com Brian. Ben e Satoshi não aparentaram necessitar daquelas informações.

Horas depois, eles mudaram o caminho. Não estavam mais indo para casa. Pararam à frente de um hotel, um grande hotel. Por que Michael Makoto não lembrava sequer o nome? Ele não sabia. Mas foram direto para o quarto 912. Era realmente bonito. Dois homens os aguardavam sentados em poltronas próximas da porta de vidro que dava para a varanda. Juntamente, esperavam também dois outros homens, mais altos que Marinville. Estes estavam em pé próximos aos outros dois.

– Sentem-se, Makoto – disse um dos dois homens que estavam sentados enquanto fazia um gesto apontando o sofá e as demais poltronas; ele devia passar dos 60 anos, com os cabelos grisalhos e uma leve barba, impunha respeito ao olhar.

– Vamos direto ao assunto – disse o outro homem, que parecia mais jovem, aparentava não mais que 40 anos e era loiro, de cabelos que tocavam os ombros. Makoto, queremos ouvir seus filhos, depois devemos resolver o que fazer.

Brian já estava acordado, embora não entendesse o que estava acontecendo ali. É natural que ele fosse um dos que mais prestavam atenção ao relato de Michael. Não levou muito tempo, em alguns minutos toda a história foi contada em detalhes. Mesmo que Michael não tivesse muita confiança em contar a história, Satoshi só precisou de duas frases para convencê-lo a falar abertamente.

– Rum... é uma situação difícil de acreditar – disse o homem mais velho –, mas se Joseph Marinville é o responsável por tudo isso...

– Sir Ektor. Eu não sei se é realmente tão difícil de acreditar – interrompeu o outro homem. Sua fortuna e o patrimônio da fundação são típicas formas de riqueza que não surgem sem um grande crime.

Michael estava espantado que a preocupação deles fosse tão diferente da sua. Esse Sir Ektor, ele já tinha ouvido falar antes. Era um nobre inglês, um típico filantropo que dirigia uma fundação que ajudava jovens de todo o mundo. Então ele não era tão filantropo assim, afinal. Grande coisa! Ele esteve diante de um homem que tinha qualquer tipo de poder aparentemente sobrenatural! O bandido riquinho que procurasse outro público.

– Senhores, temo que não saibamos algo mais importante – disse Satoshi. O que Marinville quer com meus filhos? Não é o tipo de recrutamento que a Fundação Levine deve usar. Quais os riscos de se expor dessa forma? Extremamente altos! Por que meus garotos valeriam a pena?

– Sim, sim – respondeu o homem loiro. É algo muito estranho, realmente. Mas isso só nos mostra que seus garotos devem ter alguma importância muito grande para ele ou para Sir Ektor.

– Mas o que?

– Ele disse que amanhã vocês receberiam uma visita, certo, garoto?

Michael fez que sim.

– Sendo assim, só posso imaginar que ele vai querer que seus filhos sigam com ele para a fundação.

– Mas é claro que isso não vai acontecer.

– E por que não?

– Porque eu não vou permitir. Não é razoável deixar que um criminoso leve meus filhos, quanto mais de uma forma como essas.

– Não é razoável? Makoto, você entende que essa é uma chance única? Se Marinville quer levar seus filhos, os dois podem ser utilíssimos para que obtenhamos informações preciosas.

– Ficou louco, Muller?! – pela primeira vez Michael viu seu pai parecer fora de si. Meus filhos não são treinados para algo assim! Eles não são agentes secretos!

– Eu sei disso. Mas como você acha que Marinville vai aceitar a resposta de seus garotos se ela for um não? É claro que ele vê uma grande importância nos seus meninos, Makoto. Se eles são tão importantes para ele, eu só consigo imaginar um cenário: ele vai conseguir o que quer ou vai tentar até o fim. Por Deus, homem! Seus filhos estarão mais seguros se forem!

Fez-se silêncio. Satoshi não olhava mais para nenhum deles. Encara o céu através da porta de vidro da varanda. Michael permanecia tentando entender tudo aquilo e medir os riscos que o envolvia, mas não conseguia ficar com medo, ainda que toda a situação mostrasse que ele deveria ter.

– Satoshi, olhe... – iniciou Ben, mas foi interrompido abruptamente por Satoshi Makoto.

– Eu entendo. Sim, entendo bem. Você está certo, Muller. Se são tão importantes... eu irei com eles.

– Como é?! – saiu de imediato da garganta de Muller e do homem mais velho em uníssono; até mesmo Ben parecia estupefato.

– Se eles são tão importantes para ele. Importantes o bastante para ele se expor a tanto risco, então é razoável que ele aceite o pai dos garotos com ele. Ele não deve saber quem eu sou, eu vou me apresentar como alguém que é muito bom no que faz. Mais um talento para sua fundação. Ele não pode reclamar, pode?

Mais uma vez, silêncio.

– Hahaha! Você é louco, Makoto – ria Muller. Mas você sempre foi assim. Bem, eu não vejo por que não tentar, afinal, você nunca nos decepcionou.

– Bem, guarde um lugar pra mim lá – adiantou-se Ben, quando Satoshi ia tomar a palavra. Se você vai, eu devo poder ir também.

– Não, isso já não me parece razoável, Ben – disse Muller. Makoto já está tentando forçar a sorte, mas o seu caso seria algo muito além.

– Isso não quer dizer que...

– Sim, isso quer dizer sim – agora quem interrompia era o homem mais velho. Você não pode ir, mesmo que Marinville imprudentemente aceitasse. Mas você pode ficar a par de todas as informações que tivermos. Está bem assim?

Ben não mostrou-se a vontade para contrariar o senhor mais velho. Apenas afirmou com a cabeça.

Satoshi olhou para seus filhos como qualquer pai olharia ao fazer seus filhos de 5 anos viajarem sozinhos para o outro lado do país. Ia começar a explicar algo a eles, mas Muller se antecipou.

– Ouçam, garotos. O que vocês conseguiram entender de toda essa história? Acham que conseguem permanecer na Fundação Levine?

– Se meu pai confia que somos capazes, então por mim tudo bem – disse Brian, que começava a entender o que acontecia ali.

– Por mim está ótimo! – disse Michael em resposta.

– Michael, você vai para uma organização criminosa, entende isso? – perguntou seu pai.

– Entendo, pai.

– Então tome mais cuidado com seu senso de aventura. Não fique tão empolgado assim.

O garoto agora se recolhia contra o sofá, tentando sair da vista do pai da mesma maneira que fazia quando recebia um sermão por ter desrespeitado um professor ou por dizer que a coisa que mais quer fazer é ficar rico e viajar pelo mundo o tempo inteiro para conhecer novos países e participar de novas aventuras.

– Diga, Makoto, como seus filhos estão atualmente na manipulação da aura e do espírito? – perguntava o homem mais velho. Me parece que eles não estão muito bem ainda. Eles têm talento?

– Eles não sabem nada sobre manipular aura e espírito. Decidi treinar o corpo e a mente dos dois ao máximo antes de qualquer coisa.

– É uma boa decisão, comigo foi o mesmo – interrompeu Muller.

– Mas acredito que eles têm talento – concluiu Satoshi.

– Eu os conheço desde crianças – interveio Ben – e posso dizer que eles têm talento, com certeza.

– Bem, então talvez seja isso que tanto chamou a atenção de Marinville – disse Muller.

– Não me parece – deu de ombros o homem mais velho. Por mais talentosos que eles sejam, o risco é muito grande. Simplesmente não compensa. Mesmo que eles sejam os melhores do mundo um dia, nada garante que serão leais a Sir Ektor ou Marinville. Existe algo que...

Espere um momento! Manipulação de aura e espírito! Onde mais eu ouvi falar disso?

Michael Makoto agora se culpava. Como podia deixar passar algo assim?! Marinville usou essas mesmas palavras quando eles entravam no avião. E seu pai respondeu a mesma coisa: “eles não sabem nada sobre isso ainda”.

Claro! Tem de ser isso!

Michael já ouvira sobre aura e espírito antes. Coisas que os seres humanos têm, segundo algumas religiões. Se for verdade que existam, só podia ser algo assim que Marinville usou. Essa ideia fluiu pela mente de Michael e lhe deu um ânimo incrível. Ele iria descobrir tudo sobre isso, com certeza iria.

O avião agora começava a realizar manobras de aterrissagem. Michael se deteve ao ver pela janela de relance a propriedade abaixo deles. Havia uma pista de pouso. Toda a propriedade estava ao lado de uma pequena floresta que era menor que a propriedade.

Michael ia voltar às lembranças, mas seu olhar de relance agora vira a construção principal que havia na propriedade.

– É um castelo?! – a nostalgia inundou o coração de Michael ao ver aquela construção enorme; lembrava-se dos filmes medievais que outrora assistia.

– Hahahaha! Sim, meu amigo Michael! É claro que é um castelo! – ria-se Marinville ao perceber o espanto do garoto, e Michael podia ouvir pela primeira vez a voz de Marinville exaltada. E não é um castelo qualquer – completou. É um castelo assombrado!

Capítulo 2

Planos e Desafios

I

– Como assim “castelo assombrado”? – questionava Michael com um pouco de perplexidade em sua voz.

As últimas palavras repercutiram rápido no ar e Marinville observou com certo prazer seus resultados.

– Hahaha. Ora, é um castelo assombrado, garoto. Bem, talvez não da forma que você está imaginando.

– O que você quer dizer, afinal?

Marinville podia sentir o incômodo que o anúncio causara, e isso o divertia um pouco. A graça, entretanto, rapidamente se esgotou. O garoto estava um pouco perplexo, é verdade, e isso era engraçado, mas não havia medo em sua voz. Havia entusiasmo.

– Hehe. Acalme-se, Michael – disse Marinville, mesmo sabendo que o garoto não estava nervoso. Quero dizer apenas que não é um castelo com fantasmas. Por isso não deve ser da forma que você imaginou. Este castelo é uma réplica do Castelo de Glamis.

– Castelo de Glamis? Fica na Escócia, né? Ah! Então é só uma réplica do castelo onde o diabo jogou cartas. Parece interessante mesmo assim.

Não. Você é interessante.

Foi a primeira coisa que veio à mente de Marinville. Obviamente não pelo fato do garoto conhecer a história do castelo.

– Não é uma réplica exata, no entanto, meu caro. As paredes exteriores são exatamente iguais, mas a parte interior tem muito de diferente. Sir Ektor mandou construí-lo em 2001, pouco antes da morte de seu pai. Levou 6 anos para ficar da maneira que está hoje, se levarmos em conta os arranjos que foram necessários. É uma bela obra e Sua Graça se orgulha disso.

Até o avião aterrissar, Marinville ainda contava outros fatos sobre o castelo que Sir Ektor Levine mandara construir há 12 anos. Joseph Marinville não faz o tipo nostálgico, mas ele encontrou no garoto o mesmo prazer pelo conhecimento do “interessante” que ele mesmo nutria. Mesmo quando chegaram ao solo, o assunto perdurou mais algum tempo. Marinville adentrava nos demais aspectos da propriedade, não só do castelo.

– Veem essas árvores? Essa é Overton Woods. Atualmente, quase metade dela faz parte da propriedade da fundação. Não é grande, na verdade. Desse lado ao outro, deve haver uns 200 metros apenas.

A vasta quantidade de troncos não distava mais que 30 metros do lado leste do castelo. Os recém chegados contemplavam a maneira que aquela paisagem toda era afetada pelas árvores.

– Pode ser pequena, mas ela dá um ar de castelo verdadeiro a esse lugar, não é? – comentava Michael.

– Bem, de fato. Agora que você falou, acredito que se essas árvores não estivessem aqui, a propriedade não teria o ar interessante que tem.

– Estamos isolados das cidades aqui? – questionou Brian pela primeira vez em todo o diálogo desde a visão do castelo.

– De maneira nenhuma – esclareceu Marinville. A cidade de York fica a menos de 6 milhas daqui. Muitos dos suprimentos da fundação vêm de lá.

– O vôo levou 3 horas, afinal, senhor Marinville – comentou Satoshi Makoto.

– Bem como eu havia afirmado – completou Marinville, que tomara a deixa de Satoshi como o fim da conversação. Agora ouçam bem. Vocês vão ser levados até um lugar onde poderão se alojar. O garoto Christian vai cuidar de tudo. Tenho assuntos a resolver no momento que exigem minha presença urgente. Provavelmente amanhã vocês serão observados da maneira devida, então terão o restante da noite para se alocarem. Alguma última pergunta?

– Nós ficaremos os 3 juntos no mesmo cômodo, correto?

– Como eu disse antes, senhor Makoto, aceito suas condições. Elas são razoáveis. O senhor deixou bem claro que veio para poder cuidar de seus filhos. Sua atitude é louvável e eu não tenho intenção de dificultar isso. Pelo contrário! Eu o incentivo a isso, cuide bem de seus filhos, pois eles são extraordinários.

– Eu também tenho uma pergunta – manifestou-se Michael. O teste que vai nos fazer é sobre manipulação de aura e espírito?

Os olhos do garoto agora fixavam-se em Joseph Marinville. A face inquisitiva de Michael causou um estampido nos pensamentos de Marinville, que era escrutinado.

Então você consegue esquecer rapidamente de algo interessante quando pensa em algo mais interessante, não é? E ainda consegue deixar de lado os seus sentimentos e pensamentos desagradáveis quando se interessa. Bom garoto. Você realmente é interessante.

O gigante não expressou o que pensava. Sabia que o garoto não entendia nada sobre manipulação de aura e espírito. Mas ele queria entender!

– Não, não, Michael, meu amigo. Eu disse que era a última pergunta, e seu pai a fez. Mas amanhã você poderá matar sua curiosidade. Além do mais, creio que esse assunto está incluído na lista de cuidados que seu pai atou ao peito.

– Michael. Brian. O senhor Marinville está ocupado agora. Vamos com o senhor Christian – disse Satoshi, com sua autoridade habitual.

Havia uma espécie de portão de carga na ala oeste do castelo (por onde os itens de grande porte entravam e saíam do castelo). Marinville seguiu por esse portão sozinho, mas observou enquanto Christian conduzia os 3 convidados através de uma bela porta de madeira mais ao sul – onde ficava a frente do castelo. Imaginou se Michael Makoto abstraía-se agora no quanto era esplendorosa a frente da construção ou se pensava na manipulação de aura e espírito.

Cruzando o portão de carga, atravessou o armazém ao qual dava acesso sem se importar com qualquer coisa que estivesse lá. Foi direto para a porta na parte de trás do armazém e chegou a um corredor bem iluminado. Não era pequeno. Havia 3 portas de cada lado e uma janela que mostrava o pátio na frente do castelo.

Fechou a porta atrás de si e entrou em outra, a mais próxima à janela. Adentrava agora um quarto espaçoso. O seu quarto. Com duas janelas que davam para a frente do castelo, um pequeno lustre de cristal no teto e móveis de mogno de aparência bastante antiga – embora notadamente feitos há menos de uma década –, o aposento seria agradável a qualquer dos príncipes ingleses, sem dúvida.

Após jogar o casaco sobre a cama, Marinville também jogou a si próprio. Ele realmente tinha obrigações que demandavam sua presença nesse momento, mas ele tinha obrigações pessoais que, para ele, eram mais importantes.

Foi muita sorte. Dois coelhos com uma pedra, e ainda um bônus – Satoshi Makoto. Nunca esperei que você fosse o pai dos garotos, Satoshi. E você quis vir comigo... Que surpresa agradável! Eu posso usar você! Para o próximo passo, você

será ideal! Conseguir a peça número 5 quando estava em busca da número 3... destino é uma coisa na qual não acredito, mas se existe algo assim, ele está do meu lado, com certeza.

Eu tenho de cuidar de tudo, e rápido. Satoshi nunca foi burro. Fazê-lo dançar conforme minha música vai ser difícil, mas ainda pior vai ser usá-lo e conseguir despistar o velho Yamamoto ao mesmo tempo.

Hahahahahahaha!!! Mas não teria graça se fosse tudo fácil demais!

Não posso deixá-lo aparecer por aqui, ou eu vou ter de lidar com ele pessoalmente. Aquele velho é um osso duro de roer. Mas a primeira coisa que Satoshi vai fazer ao descobrir é dar sinal pra que ele venha... E ele virá, é claro que virá. Se eu estou aqui, ele virá.

Satoshi não vai cair numa ameaça aos filhos dele. Ele sabe que eles são importantes pra mim. Até mesmo Brian. Não sei o que fazer a respeito do selo do coração e se eu estiver correto, eu talvez precise dele quando a hora chegar.

...

...

...

Talvez Ektor mande Satoshi em uma missão. Ele vai mandar... não tem jeito. Yamamoto vai dar as caras mais cedo ou mais tarde. Mas ele viria aqui antes do dia devido? Sozinho? Não. Ele sabe que não poderia me matar assim. Há muitas pessoas do meu lado aqui. Tentar vir sozinho até aqui seria pedir a própria morte. Ele virá no dia do ataque. E nesse dia devo fazer algo para chamar a atenção dele. Tenho de chamar a atenção dele pra longe daqui!

Vários minutos se passaram enquanto Joseph Marinville divagava. Seus pensamentos foram quebrados quando a figura de Christian Levine bateu a porta do quarto e anunciou que Sir Ektor Levine queria vê-lo imediatamente.

– A família Makoto está alojada? – questionou de pronto Marinville após abrir a porta.

– Sim, senhor. Estão num dos alojamentos do bloco A. Cuidei para que tudo estivesse bem para eles.

– Assim está bom. Bem... Sua Graça deseja me ver agora? Ele sabe que tenho de concluir algumas questões dos assuntos de Nova York. Ele quer me ver **agora**?

– Sim, senhor. Ele frisou bem. Deseja ver o senhor imediatamente.

– Tudo bem. Pode ir, Christian. Em 2 minutos estarei no escritório dele.

Com uma leve mesura, o jovem anunciou sua saída e rapidamente desapareceu em uma das portas do corredor que não dava para o armazém.

Já quer me ver. Que seja.

Marinville não tornou a entrar no quarto. Apenas fechou a porta atrás de si. Após alguns segundos parado, seguiu pela mesma porta que Christian Levine usara.

Ao encontrar-se numa sala extraordinariamente bem mobiliada e de aparência nobre, ele encontrou de imediato a porta dupla de madeira entalhada do outro lado do cômodo. Antes de adentrar, bateu a porta para anunciar sua chegada. Uma voz autorizou sua entrada com uma palavra dita em tom forte.

– Entre! – dizia a voz de Sir Ektor Levine, que andava empertigado pelo seu escritório, sala ainda mais nobre e suntuosa que o cômodo anterior.

– Vossa Graça mandou me chamar imediatamente?

– Vamos, Joseph, já lhe disse que não gosto desse tratamento.

– Perdão, senhor.

– Enfim. Sabe por que motivo o chamei aqui, não sabe?

– Acredito que sei. A família Makoto?

– Você me prometeu uma ótima explicação, Joseph. Estou favoravelmente angustiado para ouvi-la. Se você não se incomodar, pode começar agora mesmo.

– Pois bem. Como o senhor já conhece a história de como os encontrei, vou ater-me aos motivos que me levaram a decidir trazê-los – Sir Ektor fez silêncio para escutar com toda atenção ao anúncio que seguiria. Brian e Michael Makoto são jovens de um talento extraordinário. Principalmente tratando-se do mais jovem. Eles sequer sabem como manipular a aura ou o espírito, mas o mais jovem resistiu à minha destruição sem desmaiar. Eu provavelmente poderia tê-lo colocado inconsciente, mas teria de aumentar a intensidade da técnica a um grau que provavelmente mataria o outro.

– Joseph... – começou Sir Ektor, mas se deteve. Continue, por favor.

– Michael poderá, sem dúvida alguma, alcançar um nível como o meu em 10 anos. O irmão dele, Brian, também é excepcional.

– Seu nível em 10 anos? – repetia Sir Ektor em voz muito baixa, como se falasse para si; voltando-se agora para Marinville, disse, com certa impaciência: – Certamente é um grau além do esperado pra qualquer um, mas você deve ter considerado os riscos. Joseph, nós não sabemos quem eles realmente são. Ou o que suas mentes escondem! Eles podem ser um perigo para toda a fundação. Eu sei que você pensou nisso!

– Entenda, Vossa Graça. Os garotos serão um perigo, sim, se não estiverem do nosso lado. Eu mesmo cuidarei para que eles estejam conosco.

– Nem você pode garantir isso, meu bom amigo.

– Eu lhe dou a garantia que quiser. Se eu não conseguir, ou se os riscos se tornarem altos demais, eu mesmo darei um fim a eles.

– Mais altos, você quer dizer, certo? O pai deles. Satoshi? Ele trabalha para a ONU. Largou tudo para acompanhar você e os filhos. Mesmo que eu consiga confiar nos garotos, o pai deles não passa.

Marinville fez uma pequena pausa. Ponderava o que deveria dizer.

– Satoshi Makoto, Vossa Graça, é um pai preocupado. Conheço mais que qualquer um esse tipo de pessoa. Ele não é tolo, entretanto. Conhece aura e espírito de maneira excelente. Ele conseguiu julgar que eu não desistiria dos prodígios que são os filhos dele e veio para protegê-los.

– Você realmente acredita nisso?

– Acredito. Porém, caso eu venha a estar enganado, ele não terá muito o que fazer. A propriedade não oferece comunicação sem monitoramento. Ele sequer poderá usar um telefone celular sem que saibamos. Além disso, ele é bom, mas eu sou **muito** bom.

Sir Ektor meditava sobre tudo o que seu fiel colaborador havia dito. Mais de um minuto se passou até que ele olhasse para o homem parado próximo à porta.

– Satoshi é bom? Quão bom?

– Com exceção de mim, acredito que ninguém nessa fundação o venceria sem arriscar a vida. E somente o senhor, Trusten e Adams seriam capazes de enfrentá-lo.

Mais uma pausa se fez.

– Você compreende, Joseph, que tudo isso é muito estranho, não é?

– Sim, Vossa Graça.

– Eu vou aceitar sua decisão, pois confio em você. Nunca me decepcionei ao aceitar seus conselhos. Entretanto, você será o responsável por tudo o que acontecer referente aos 3. Está de acordo?

– É lisonja para mim que o senhor tenha tal confiança em minha capacidade. Não vou trair essa confiança.

– Pois bem. Chame Adams e Trusten. Chame também os 3 Makotos. Estaremos no tatame em 30 minutos para que eu teste Satoshi Makoto – pela primeira vez Sir Ektor falou com um pouco de empolgação.

– Hoje mesmo? – Marinville traía sua surpresa.

– Sim, meu caro amigo. Quero vê-lo em ação hoje mesmo. Saber do que ele é capaz é o mais básico a ser feito no momento. Ah, e principalmente se ele é tão bom quanto Trusten, Adams ou eu mesmo.

Marinville foi tomado de espanto por uma fração de segundo. Uma fração realmente muito pequena, pois logo sua mente processava uma ideia quase irônica. O espanto veio de fato quando Sir Ektor verbalizou os pensamentos que surgiram na mente do homem parado junto à porta, quase como se pudesse ler sua mente.

– Toda essa situação já fugiu do padrão, não é verdade? Se o teste permanecesse padrão, seria algo estranho. Irônico, não acha, Joseph?

– É verdade, senhor.

– Joseph... – parou de falar por poucos segundos enquanto fitava o pátio frontal do castelo. Se esse homem é realmente tão bom, teremos alguém de grande valia em nosso meio. Sim! Em contrapartida, minha guarda não poderá baixar por um segundo sequer.

– Ela nunca baixa, se bem conheço o senhor.

– Mesmo nós dois temos nossos momentos de guarda baixa. Você sabe disso melhor que eu. Não esqueça que o risco que corremos aqui é enorme. Aceito-o por se tratar de uma recompensa muito maior; entretanto, não o faria se você não tivesse tomado responsabilidade pelos Makoto – a voz de Sir Ektor Levine tornava ao desentusiasmo. Tome as providências que achar cabíveis com a segurança, Marinville. E, pelo amor de Deus, não subestime nenhum deles.

– Está tudo em minhas mãos, Sua Graça. Não vou desapontá-lo. Garanto-lhe que nenhum dos 3 Makotos terão oportunidade de tornarem-se ameaças ao senhor ou à fundação. Com sua licença. Vou preparar tudo.

Com um aceno de mão, Sir Ektor dispensara Marinville, que agora se dirigia de volta ao seu próprio quarto. Sua mão direita ocupava-se em levar o telefone celular ao ouvido, enquanto Marinville cruzava a sala principal mais uma vez e passava instruções referentes ao teste que seria aplicado em poucos minutos.

II

Foi inesperado. Michael Makoto acreditou no que Marinville dissera e esperava o teste para o outro dia. Contrariando suas expectativas, Christian Levine estava conduzindo Michael, seu irmão e seu pai até a parte norte do castelo. Em poucos minutos estavam adentrando um corredor que parecia ser uma conexão entre o castelo e uma construção muito mais regular, como um grande retângulo.

Essa construção não tinha nada do aspecto que o castelo possuía. Era notavelmente datada do século XXI e não tentava disfarçar isso. Enorme, com toda certeza. Michael não podia saber ao certo, pois não vira completamente, mas ponderou a ideia de que, em área, essa parte da propriedade ocupava mais espaço que o castelo.

– Esta é a ala de instrução, como chamamos – anunciava Christian Levine. Os senhores vão passar muito tempo por aqui, com certeza. Todos passam. É aqui que quase todas as atividades físicas são realizadas.

– Quase todas? – questionava Michael com incredulidade.

– Sim, o atletismo é realizado em uma pista externa ao prédio.

– Qual é o tamanho desse lugar?!

– É bem grande mesmo – respondia Christian em tom descontraído. Tem 3 andares. Acho que uma área de 6 mil metros quadrados para cada andar. No segundo andar existe uma piscina olímpica.

– No segundo andar? – era a vez de Satoshi Makoto ficar admirado. Por que construíram no segundo andar?

– Sir Ektor queria assim. Ele desejava que a piscina ficasse no segundo andar. Todos supõem que é pelo fato dele adorar fazer as coisas da maneira mais interessante. Vejam só.

Ele apontava para um quadro que indubitavelmente retratava a frente do castelo, embora não destacasse bem o belo pátio.

– Esse é um dos quadros que venceram o campeonato interno anual de pintura. Pode parecer pouca coisa, mas a disputa é acirrada e há sempre um crítico de arte consagrado para avaliar as obras.

– Sir Ektor financia pintores? – continuava Satoshi.

– Ele financia toda a fundação, que é responsável por manter diversos artistas jovens. Nem todos são artistas marciais. Ah, chegamos.

Uma porta correu para o lado e abria-se uma sala muito familiar aos convidados. Era um tatame. A sala inteira deveria ter mais de 400 metros quadrados. Paredes de cor creme com um único quadro de Sir Ektor ao lado de um outro homem que aparentava pouca idade, mas usava kimono de karate. *Provavelmente algum campeão interno.* Pensou Michael.

– Bem-vindos, meus amigos – Joseph Marinville saudava os recém chegados.

Ao lado de Marinville estavam 3 homens. Um deles, de cabelos castanhos claros e uma pele branca como um floco de neve, estava extraordinariamente bem vestido. Roupas dignas de um rei, com toda certeza, embora não fossem demasiado chamativas aos olhos de Michael. Esse homem foi apresentado por Marinville; pura formalidade, pois, ainda que não soubessem quem ele era, saltava ao óbvio que só podia tratar-se do próprio Sir Ektor Levine.

Os outros dois estavam um de cada lado de Sir Ektor. O da direita, um homem negro cuja cabeça não contemplava cabelos, foi apresentado por Marinville como Neville Trusten. O da esquerda, loiro com chamativos olhos azuis e uma pele não tão branca quanto a de seu senhor, era Carlin Adams. Os dois homens eram praticamente da mesma estatura de Sir Ektor, todos rodeavam o 1 metro e 80 centímetros.

– Fico honrado em conhecer todos vocês – Sir Ektor iniciou falando. Joseph me falou de cada um. Talvez tenham sido pegos de surpresa com o teste acontecendo hoje. De fato, deveria ocorrer amanhã. A culpa é toda minha, não culpem Joseph por nada disso. Minha angustiante ansiedade de conhecer cada um de vocês não me permitiria aguardar até amanhã. Você, suponho, é Satoshi Makoto, pai dos dois garotos.

– Sim, senhor. É uma honra conhecê-lo. Gostaria, antes de qualquer coisa, agradecer pela perfeita viagem, sua aeronave é excelente.

– Ora, é o mínimo.

– Senhor, devo dizer também que não é nenhum incômodo que o teste seja feito neste exato momento. Proceda como desejar. No entanto, meus filhos não estão preparados para tal, mesmo amanhã...

– Desculpe a deselegância, mas não se apresse, Senhor Satoshi – interrompeu Sir Ektor. Estou completamente a par de tudo o que vocês têm à mostra. Sei que os garotos não manipulam aura ou espírito. O teste dessa noite é exclusivamente para você.

Com uma mesura, Satoshi respondeu de forma elegante:

– Sendo assim, fico grato e tenho o prazer de aceitar qualquer teste que Vossa Graça requeira.

– Primeiramente, não há necessidade de me tratar como “Vossa Graça”. Quanto ao teste, é algo simples. Será uma exceção ao padrão, mas acredito que será algo normal para você, Satoshi. Imagino isso me baseando nos relatos que ouvi. Bem, Senhor Makoto, testá-lo-ei em um combate amistoso entre o senhor e Carlin Adams.

Adams permaneceu calado, mas olhou Sir Ektor pela beira do olho com certa surpresa em sua face. Não apenas surpresa, um certo prazer inesperado.

Michael Makoto observou isso. *Você se ferrou, amigo!* O prazer corria pelas veias de Michael ao pensar em como seu pai era bom lutador. Venceria qualquer um! O pobre Adams não tinha chance. Seria muito bom ver seu velho em ação e vencendo um dos homens que mais eram considerados na fundação, segundo um dos relatos de Christian Levine.

– Carlin, tome sua posição – anunciava Sir Ektor o início do teste. Senhor Makoto, se não se importar...

– Perfeitamente, senhor – respondia Satoshi assumindo um lugar no tatame e observando atentamente o adversário.

O rosto de Adams não demonstrava preocupação, mas um certo contentamento. Por outro lado, Michael viu seu pai com ar muito sério. Satoshi observava o oponente por completo. Não parecia correto para Michael, mas seu pai estava preocupado.

Sir Ektor anunciou o início do confronto: – Comecem!

O que está acontecendo?

A perplexidade e a preocupação logo atingiram o coração de Michael como uma flecha. Ele mal conseguia observar os movimentos dos dois lutadores. A luta estava acontecendo, certamente. Os sons provocados pelos movimentos e pelos golpes desferidos e bloqueados eram perturbadores, de certa forma, pois mais pareciam estrondos. Não havia dúvida de que a luta estava acontecendo diante de seus olhos, os sons não permitiam qualquer reconsideração quanto a isso, mas por que os dois eram tão rápidos?

Michael não conseguia ver quem levava vantagem. Ele mal conseguia ver os golpes, que assemelhavam-se a flashes, os quais desapareciam antes que o cérebro do garoto tivesse tempo para processar o que viu.

Os olhos preocupados de Michael Makoto foram levados ao irmão, que estava ao seu lado. O rosto de Brian demonstrava o quão sem palavras e espantado ele estava. Nenhum dos dois irmãos conseguia entender o que estava acontecendo ali. Nenhum poderia julgar aquela luta como qualquer coisa além de “rápido demais”.

– Basta!

A voz de Sir Ektor ecoou no ar por um curto tempo antes de ser abafada pelo ruído do que Michael acreditava ser um dos muitos golpes bloqueados por qualquer dos lutadores. Em menos de um segundo, entretanto, um barulho muito maior preencheu a sala. Como uma enorme marreta esmagando impiedosamente um objeto qualquer de metal, assim soou aquele atrito que aconteceu entre a perna direita de Adams e o pé esquerdo de Marinville, que entrou na luta. Adams ainda estava na posição propícia para tentar acertar Satoshi com um chute que vinha de cima e Joseph Marinville continuava entre os dois com a palma do pé esquerdo ainda tocando a perna direita de Carlin Adams.

– Ficou louco, Adams? – falou Marinville com voz calma, porém, autoritária.

Após um segundo de silêncio e respiração profunda, a resposta fugiu da boca de Adams: – Pensei que era uma luta entre mim e Makoto-kun.

– Era, mas chegou ao fim no momento em que Sir Ektor anunciou que ele era chegado.

– Por que interferiu, Marinville?

– Por que você perdeu a cabeça, Adams?

A posição estranha dos dois homens se desfez e Sir Ektor declarou em voz alta:

– Tudo está bem se acaba bem. Adams, gostaria de falar com você em particular daqui a pouco. Senhor Makoto, realmente, você é excelente. Conseguir manter igualdade com Adams e não se sentir intimidado é realmente uma missão difícil. Meus parabéns por essa realização e seja bem-vindo, mais uma vez, à Fundação Levine.

Manter a igualdade?! Meu pai só manteve a igualdade? Que diabo de luta é essa? Isso também tem a ver com aura e espírito? É por isso que eles conseguiram se mover tão rápido?

– Pai, como é que... – começou Michael.

– Senhor Makoto – disse Sir Ektor. O senhor pode, e eu incentivo, começar a instruir seus filhos na manipulação de aura e espírito imediatamente. Eles precisam saber o mínimo antes de entrarem em algum grupo da fundação.

III

Lá estavam eles, a caminho do bloco A. Depois de uma rápida palavra com Sir Ektor, Neville Trusten e Carlin Adams, Marinville correu para encontrar os Makoto. Não levou muito tempo para que os encontrasse, embora eles já estivessem de volta ao castelo e quase no corredor que dava acesso ao bloco A.

– Senhor Makoto!

– Sim, senhor Marinville – respondeu Satoshi virando-se. Em que posso ajudar?

– Quero me desculpar pessoalmente pelo comportamento de Adams. Asseguro-lhe que não acontecerá de novo.

– Não acredito que irá, senhor. Mas o senhor deve me entender, certo? Se acontecer algo do tipo, eu não hesitarei...

– Foi por entender isso que Sua Graça parou o teste de imediato, e também eu entendo, daí minha intervenção. Sabíamos que Adams é um homem “competitivo demais”, por assim dizer, mas não esperávamos esse comportamento dele.

– Como disse Sir Ektor, tudo está bem se acaba bem. Contanto que não aconteça de novo, eu esquecerei esse episódio, senhor Marinville.

– Tem minha palavra.

– Podemos nos retirar agora?

– Sintam-se à vontade.

Com um leve aceno de cabeça que denotava respeito, Satoshi retirou-se para o dormitório juntamente com seus filhos. Joseph Marinville tomou o rumo de seu próprio quarto.

Não vai adiantar ameaçar os filhos diretamente. Adams, seu filho da mãe! Você me fez ver o óbvio quando tentou distrair Satoshi ameaçando seus filhos para poder acertar um golpe em cheio.

Satoshi só acredita que os garotos são importantes para mim e não para todos da fundação. Sendo assim, eu posso ameaçá-los indiretamente e isso o fará dançar conforme a minha música. Haha! Quando eu penso que uma dificuldade pode ser vencida com algo tão óbvio... essa vida me atrai.

Capítulo 3

E, de Repente, Um Novo Mundo

Que noite... É sério, que noite!

Michael Makoto tinha uma nova perturbação em sua mente. Incrível, segundo ele próprio. Em dois dias, tudo conseguiu mudar tanto que ele teve dois pensamentos perturbadores nesse pequeno lapso de tempo.

A última noite não foi sua melhor noite de sono também, o que era esperado. Marinville fez algo sobrenatural com ele e seu irmão. Pouco mais de 24 horas depois, seu pai se mostra absurdamente rápido em seus movimentos de combate. Tanto que seus golpes não podiam ser realmente observados. E, aparentemente, isso tinha alguma relação com o que Marinville usou anteriormente. Ah, claro, não poderia ser esquecido pelo garoto – e ele acabava de se dar conta disso – o fato de que Marinville também podia fazer o mesmo que seu pai. Ora, ele interveio na luta e deteve um golpe de Carlin Adams, que também era absurdamente rápido.

Que tipo de festival de super poderes está acontecendo nessa droga de castelo afinal de contas?!

Nunca passou pela mente de Michael que isso pudesse realmente existir. Ele sempre zombou dos filmes de artes marciais nos quais as pessoas praticamente voavam. Michael sempre achou ridículo que aquilo acontecesse, pois o filme tinha uma proposta baseada na realidade e aquilo era bizarro.

Michael foi obrigado a mudar seus conceitos nesses dois dias que se passaram. E o pior, sua curiosidade agora estava lhe fazendo ficar, como Sir Ektor disse na noite anterior, angustiadamente ansioso.

E, como se todo o resto não fosse o bastante, Michael ainda recebeu uma carga de preocupação com seu pai na noite anterior. Satoshi Makoto realmente ficara perturbado após o combate com Adams. O que poderia ter acontecido? Ele foi ferido? Ou aconteceu algo que envolve aura e espírito? A junção de todas essas informações e dúvidas dos últimos dois dias estavam, de fato, perturbando o garoto.

Para o alívio de Michael, Sir Ektor disponibilizara um pequeno tatame localizado, para surpresa de todos, não na ala de instrução, mas no castelo. Uma das salas subterrâneas do castelo é um tatame de 200 metros quadrados. Embora menor que o tatame da ala de instrução, tinha uma ornamentação aparentemente mais suntuosa. Não tinha quadros nas paredes, mas o lugar em si inspirava grandeza, o que lhes deu a ideia de que aquele seria o local de treino particular de Sir Ektor. E tudo isso só fazia a mente de Michael ficar ainda mais sobrecarregada de perguntas sem respostas.

Porque somos tão especiais assim?

Nesse local, Satoshi Makoto e seus filhos teriam o tempo que fosse necessário para treinamento particular dos garotos. Apenas os três estariam ali durante os momentos de treino da família.

Por conta disso, Satoshi disse a seus filhos que o treino deles teria início na manhã seguinte e que, por isso, eles deveriam descansar bem.

Ah, claro! Até parece.

A despeito do aviso, a noite de sono de Michael foi péssima e agora estavam os três no tatame particular para darem início ao que – assim esperava Michael – poria fim aos questionamentos constantes.

– Brian e Michael – começou Satoshi a falar quando chegaram ao tatame –, vocês talvez estejam em dúvida sobre muitas coisas. Primeiramente, vou avisá-los que

tudo isso é muito natural. Nada do que vocês presenciaram nos últimos dias é incomum. Na verdade, ocorre com mais frequência do que vocês possam imaginar.

Ao sentarem os garotos, o pai deles continuou:

– Antes de qualquer treino, deixem que eu explique o que é a aura e o espírito. Eu mantive esse fato escondido por querer que vocês primeiramente tornassem os seus corpos e mentes mais fortes. A maioria das pessoas, ao descobrir que existe aura e espírito, e que se pode manipulá-los, costuma ficar tão estarecida que larga as demais coisas no esquecimento, e isso não é algo muito sábio a se fazer. Eu não queria que isso acontecesse com vocês, pois o corpo e a mente fortes são necessários como base para tudo.

“Bem, sobre a aura, ela é a energia que emana do corpo humano. Nada mais, nada menos. E até onde sabemos, só o ser humano produz tal energia. Os corpos de vocês dois, assim como todos, produzem uma certa quantidade dessa energia. Não é o mesmo que energia elétrica, vejam bem, é muito diferente. A aura é muito mais versátil que qualquer outro tipo de energia conhecida, mas só pode ser armazenada no corpo humano.”

Brian levantou a mão na intenção de questionar, ao que seu pai lhe concedeu a palavra.

– Só pode ser armazenada no corpo humano? Como assim, pai?

– Eu disse que só pode ser armazenada, eu talvez tenha usado palavras que confundem mais do que ajudam. Vejam bem, o corpo humano produz aura, e uma pequena quantidade dessa energia emana de nossos corpos e nos deixa. Outra parte permanece nos corpos e fica armazenada, como se fôssemos uma pilha.

“Eu disse que poderia confundir, pois, da maneira que falei, deixei a impressão de que uma pessoa pode passar sua aura e armazenar no corpo de outra, o que não acontece. Bem, pelo menos não acontece normalmente. Mas o produto da aura, seja qual for, pode ser armazenado em qualquer outro lugar, a depender de que produto foi feito com a aura. Ou seja, se com a aura eu produzir algo, esse produto pode ser colocado em outro lugar que não o corpo humano. A aura, entretanto, enquanto energia, não pode ser armazenada em qualquer outro lugar que não o corpo em que foi gerada. Estão conseguindo acompanhar tudo?”

Brian e Michael se preparavam para questionar, mas Satoshi não lhes deu a chance e continuou.

– Talvez vocês queiram saber o que se pode produzir com a aura. Entendam que é tudo muito complicado. A aura é algo muito versátil, como eu já disse, e tem aplicações praticamente infinitas. Sim, na verdade, não é exagero dizer que com a aura se pode fazer praticamente qualquer coisa.

Mais uma vez, antes que os garotos pudessem se expressar, Satoshi continuou.

– O mais importante é perceber que a aura pode ser manipulada e que temos limitações ao fazer isso. Como eu já disse, por exemplo, não podemos armazenar a aura em algum local que não em nós mesmos. O que é um problema, pois nossos corpos têm um limite. Esse limite muda de acordo com o indivíduo, mas sempre há um limite. E não podemos ter mais aura armazenada dentro de nós do que esse limite permitir. Chamamos tal limite simplesmente de Aura Total.

“Dessa maneira, nossos corpos param quase toda a produção de aura quando atingimos o limite de Aura Total, e o que é produzido em excesso, além de ser produzido em quantidade menor, é totalmente lançado fora de nossos corpos. Ou seja, é aura perdida, desperdiçada.”

“Cada indivíduo tem um outro limite também. O limite de quanta aura ele pode fazer emergir de dentro de seu corpo sem permitir que essa aura seja lançada fora, ou

seja, sem permitir que a aura que ele retirou do interior de seu corpo seja desperdiçada. Chamamos esse limite de Aura Total Emanada. Vocês não podem ver, mas meu corpo, nesse exato momento, está envolto em uma certa quantidade de aura. Vocês não podem ver porque para isso é necessário que uma outra quantidade de aura seja colocada nos seus olhos, assim, sua visão melhora o suficiente para ver outras auras. Nesse momento, seus olhos não possuem quase nenhuma aura, o que inviabiliza que vocês vejam a pequena quantidade que estou emanando agora. Para que vocês possam ver, eu teria que aumentar muito a quantidade de aura que eu emano, ou vocês teriam que aumentar um pouco a quantidade em seus olhos. Quanto mais aura nos olhos, melhor vocês podem ver a aura, mesmo que seja uma pequena quantidade. Resumindo, quanto mais aura nos olhos, melhor você pode ver; daí, com mais aura nos olhos, você poderá ver uma quantidade menor de aura que esteja na sua frente.”

Michael agora queria fazer uma pergunta e seu pai autorizou.

– Foi usando a aura que o senhor conseguiu se mover tão rápido ontem? E foi assim também que Marinville fez Brian desmaiar e me paralisou no museu?

– Foi graças a uma aplicação da aura que eu pude me mover mais rápido, mas a técnica de Marinville, pelo que você me disse, não foi baseada em aura, mas no espírito. É algo bem diferente.

– E qual a diferença?

– Vamos com calma, Michael. Um passo de cada vez.

Satoshi não demonstrava irritação alguma. Na noite anterior, entretanto, ele estava visivelmente perturbado para Michael. Alguma coisa aconteceu durante a luta que ele teve com Adams. Michael não conseguiu entender o que aconteceu, mas entender as aplicações de aura agora pareciam a Michael a melhor coisa a se fazer. Não apenas para satisfazer sua sede de conhecimento do interessante, mas para diminuir a preocupação que surgiu nele a respeito de seu pai.

– Como eu dizia, existem diversos limites na manipulação da aura e ainda existem infinitas maneiras de aplicá-la. Ontem, como Michael perguntou, eu utilizei da aplicação da aura para me mover mais rápido, não apenas isso, mas para aumentar a resistência de meu corpo, para aumentar o poder destrutivo dos meus próprios golpes e muito mais. Isso é uma das aplicações mais básicas da aura, chamamos isso de Amplificação.

“Essa aplicação permite ampliar as capacidades físicas de alguém ou de alguma coisa. Ontem, eu ampliei minhas próprias capacidades físicas. Da mesma maneira, eu poderia ampliar as capacidades físicas de um objeto. Deixe-me mostrar.”

Satoshi havia trazido uma mochila, ele tirou dela um pequeno pedaço de madeira que não media mais que 30 centímetros de comprimento. Segurando-o firme com as duas mãos, ele o colocou a sua frente.

– Michael, você pode quebrar isso com um soco?

– Posso, pai.

– Tente – disse resolutivo.

Era estranho. Michael conseguia quebrar algo como aquilo com facilidade, mas os dois dias que se passaram o prepararam mentalmente para o que viria em seguida. Ele não conseguiu. Aplicou dois socos com toda força que poderia existir em seu corpo, mas o pequeno pedaço de madeira permaneceu inteiro nas mãos de seu pai e o seu próprio punho direito agora doía intensamente.

– Sente-se, Michael. Espero que isso ajude a lembrar que sua animação nem sempre lhe serve bem. Eu apenas apliquei minha aura nesse pedaço de madeira e amplifiquei suas qualidades físicas. Acredito que com uma marreta você não conseguiria quebrá-lo, Michael.

“Vocês percebem o quanto isso pode ser usado como arma, correto? Se uma pessoa amplia suas próprias capacidades físicas, um soco poderá ser muitas vezes mais forte, dependendo unicamente da quantidade de aura usada para tal e do quão bem foi realizada a aplicação. Eu utilizei muito de minha aura nesse pedaço de madeira para garantir que Michael sequer pudesse fazê-lo torcer.”

– Quais são os outros métodos de aplicação da aura, pai? – perguntava Michael depois que seu pai permaneceu um pouco em silêncio.

– São muitos, mas eles podem ser agrupados. É dessa forma que as pessoas os estudam.

– Quando vamos aprender a manipular nossa aura?

– Amanhã, eu acho, começarei a mostrar-lhes como manipular a aura. Hoje vocês vão se concentrar em aprender um pouco da teoria. Um mínimo necessário para que, ao começarem a manipulação, tenham em mente as possibilidades que surgirão diante de seus olhos. As boas e as más.

Satoshi Makoto mais uma vez buscou algo em sua mochila. Retirou de lá um pequeno caderno e uma caneta. Ao abrir o caderno em uma folha em branco, usou a caneta para desenhar algo que parecia uma árvore.

– Prestem muita atenção agora. A maneira mais comum de agrupar as diversas formas de aplicação da aura é demonstrada como uma árvore. Vou explicar porque isso acontece.

“Costumamos separar esses métodos de aplicação em 3 grandes grupos: o Grupo Básico de aplicação, o Grupo Elemental e o Grupo Especial. A Ampliação, como eu disse antes, é uma das aplicações mais básicas, então é bem lógico dizer que ela pertence ao Grupo Básico.”

“O Grupo Básico é a raiz da árvore, juntamente com o caule. O Grupo Elemental é representado pelos galhos. O Grupo Especial é representado pelas flores. Com isso, a ideia é de que só é possível atingir o Grupo Elemental ou o Grupo Especial se você já dominar um pouco o Grupo Básico, pois não há galhos e flores sem raiz ou caule. Assim, os grupos Elemental e Especial são dependentes do Grupo Básico.”

– E o Grupo Especial é dependente do Grupo Elemental também, certo? – questionou Michael.

– Não. É possível, e não é raro, que uma pessoa realize uma aplicação especial da aura sem nunca ter realizado uma aplicação elemental. Michael, existem flores que nascem diretamente do caule das árvores, sem precisar dos galhos para existir.

“A representação de galhos e flores tem um outro sentido. As aplicações elementais são, em regra, iguais para qualquer um. As aplicações especiais, no entanto, raramente são iguais entre os manipuladores. Assim são também os galhos e as flores. Entre árvores diferentes, é bem comum que os galhos sejam muito parecidos, mas as flores terão cores, aromas e formas totalmente distintas.”

“Enfim, todos necessitam das aplicações básicas, pois delas é que são abertas as portas para as demais. E antes que me perguntem, as básicas não são necessariamente piores que as elementais ou especiais. Alguma dúvida até aqui?”

Ambos os garotos permaneceram em silêncio com olhares estarecidos. Assim, Satoshi retomou a palavra.

– Acho que vocês têm dúvidas demais, não é? À medida que vocês forem se familiarizando com tudo isso, vai ficar mais fácil entender e até lembrar cada grupo e cada parte da teoria. Não se apressem em entender tudo hoje, pois cada parte desse complexo sistema vai se mostrar simples aos seus olhos com o mero passar dos dias em que vocês vão aprendendo um pouco mais. Continuando, notem agora que cada grupo

também é composto de subgrupos. Não adiantaria lhes dar detalhes hoje, mas vou adiantar o seguinte resumo.

“O Grupo Básico engloba as aplicações que envolvem a Ampliação, a Emissão, a Transformação e o Movimento. Cada um desses tipos de aplicação pode ser combinado, o que gera um novo tipo que também será encaixado no Grupo Básico.”

“O Grupo Elemental é composto pelas aplicações que envolvem o uso de água, de fogo, de ar ou de terra. Isso lhe traz lembranças de algum filme, Michael? Pois bem, não entrarei em detalhes, mas o passar do tempo lhes mostrará como isso é possível.”

“O Grupo Especial, como seu nome anuncia, é especial. É o grupo que envolve todas as aplicações que têm como produto algo que não se encaixa nos dois anteriores. É um grupo que não tem um denominador comum. É composto por infinitos tipos de aplicação. Contudo, existem dois tipos que predominam nesse grupo, são os tipos de aplicação que envolvem a materialização de um objeto – sim, isso é possível – ou o selamento de algo. Caso exista dúvida quanto a isso, selar alguma coisa é, literalmente, prender tal coisa.”

Os rostos de Michael e Brian ainda estavam perplexos. Satoshi continuou, entendendo isso.

– Acho que vocês precisam de um tempo para processar toda essa informação. Perguntem o que quiserem.

– Na verdade, pai – começou Michael –, não é tão difícil de entender, mas é tudo fantástico demais. É como se estivéssemos participando de alguma história louca saída de um livro de aventura.

– Certo, então é difícil de acreditar.

– Não é tanto, pois minha mão ainda dói por causa da tabuazinha, e isso me ajuda a acreditar, mas...

Um momento de silêncio se fez. Brian o rompeu.

– Na verdade, isso tudo é realmente muito fantasioso. É um tanto inacreditável mesmo. Se me contassem isso há 3 dias, eu riria.

– É claro – respondeu Satoshi. Vocês estão se deparando com uma faceta nova da realidade. É o surgimento de um novo mundo para vocês. Isso acontece com todos em diversos momentos. Na verdade, aura e espírito não são coisas difíceis de acreditar ou entender, não mais difícil que acreditar em qualquer outra coisa, mas a visão de mundo que vocês têm dificulta esse processo.

“Sabe, garotos, isso acontece durante toda nossa vida. Não estranhem quando chegar o dia de encontrar uma nova informação que vai chocá-los, isso vai acontecer mais vezes. Alguém certa vez disse algo como ‘Se as pessoas soubessem como são feitas as salsichas e as leis, não comeriam as primeiras e não obedeceriam as segundas’. Não me lembro quem foi o homem que disse isso, mas demonstra bem toda essa situação.”

– Pai, o senhor está falando de quê? – questionou Brian.

– Meu filho, estou falando das nossas vidas. Nós nascemos sabendo de muito pouco. Por não sabermos de muitas coisas, nós passamos nossos primeiros anos de vida interrogando a tudo e a todos. Passamos os primeiros anos de vida em busca da verdade. Depois de aprendermos algumas coisas, não muitas, simplesmente deixamos de lado a busca pela verdade e nos contentamos com a noção que temos da realidade. É mais fácil acreditar que aquilo que sabemos já é todo o necessário. Isso nos faz formar uma visão de mundo, mas ela nunca é completa. Aí está a questão, nós não entendemos muito da realidade, mas passamos a aceitar o que conhecemos como se fosse a realidade plena. Num determinado momento, surge algo novo diante de nossos olhos e nos confronta. Por ser algo tão diferente daquilo que nós acreditamos ser a realidade, nós passamos a

taxar essa novidade de mentira, sem nem mesmo julgar adequadamente qual é a verdade real. Compreendem?

Os rostos dos garotos ainda estavam perplexos, mas demonstravam uma nova noção de entendimento.

– Vejam bem, vocês se acostumaram com uma realidade e disseram para vocês mesmos que não existe algo como aura e espírito. Agora, suas mentes querem se convencer de que isso não existe, mesmo que seja tão óbvio que existe. Sim, pois assim é mais fácil. As pessoas não procuram saber como são feitas as leis e as salsichas, pois é mais fácil simplesmente obedecer as leis, desde que não sejam muito duras, e comer as salsichas, desde que tenham um sabor agradável. Entendem? Viver sem procurar a verdade é mais fácil, e quando uma informação destoante das nossas crenças nos é mostrada, tendemos a julgá-la como errada sem ao menos averiguar qual é a real verdade.

Os rostos dos garotos pareciam mais entendidos agora. Michael pensou bem no que o pai disse. Ele agora imaginava que sua curiosidade o tentava a ver o mundo como realmente é, mas existia dentro dele uma outra força, uma força que o tentava a aceitar o que ele já entendia como a verdade. Duas forças opostas lutando dentro dele. Qual venceria? Talvez essa resposta dependesse exclusivamente de Michael. Talvez não. Ele ainda não sabia.

– Bem – iniciou Satoshi Makoto –, vou ajudar um pouco suas mentes a aceitarem essa nova realidade, mas lembrem dessas minhas palavras no passar de suas vidas, pois talvez eu não possa ajudá-los em outros momentos.

Levantando-se, o pai ordenou aos filhos: – Fiquem de pé. Vou demonstrar o quanto a aura e sua aplicação são reais.

O que se seguiu foi, para Michael, o treinamento mais severo que já havia ocorrido na face da Terra – e ele já havia passado por muitos treinos severos. Durante 3 horas, com poucas pausas curtas para beber um pouco de água, os garotos deveriam atacar o pai com tudo o que tinham. Michael percebeu logo que o corpo do pai possuía o mesmo efeito protetor que havia no pequeno pedaço de madeira, porém, numa intensidade menor.

As 3 horas mais longas das vidas dos garotos Makoto acabaram finalmente. Os corpos de Michael e Brian estavam não apenas exauridos, mas doíam como nunca. Cada parte de seus corpos doía, embora não houvesse um só osso quebrado. Satoshi Makoto dosou muito bem a quantidade de aura em seu corpo, isso deu a seus filhos a “sorte” de não ficarem gravemente feridos.

– Já é meio-dia, nosso treino de hoje acabou. Essa foi a primeira aula de vocês. Descansem por hoje. Sir Ektor deu liberdade para aproveitarmos a maior parte das instalações do castelo e de toda a propriedade, mas tomem todo o cuidado possível.

– Tomaremos – saiu em uníssono da boca de ambos em resposta.

– Vamos comer alguma coisa. Antes do anoitecer, vocês já se sentirão melhor, acreditem.

Entre o lado leste do castelo e a floresta de Overton Woods, localizava-se a ala de habitação. Um prédio tão regular quanto a ala de instrução, porém, muito menor. Possuía 3 andares também – e um outro subterrâneo, no qual funcionava uma cozinha –, mas cada um deles ocupava uma área muito inferior aos andares da ala de instrução, ocupavam “apenas” 1500 metros quadrados cada.

Michael, na noite anterior, conheceu unicamente o andar térreo – no qual funcionava o bloco de alimentação – e o primeiro andar – o qual era composto exclusivamente pelo bloco A, o bloco com alojamentos para até quatro pessoas cada.

Depois de comer com seu pai e seu irmão, ele resolveu conhecer a cozinha e o segundo andar.

Seu corpo não estava tão mal afinal de contas. Ele conseguiu realizar todo o trajeto sem complicações – salvo a proibição de entrar na cozinha. No segundo andar, entretanto, ele conseguiu adentrar facilmente. Havia dois banheiros, o feminino e o masculino. Eram banheiros exclusivamente para banho e outras formas de limpeza, visto que nos alojamentos existia um local apropriado para as demais atividades que alguém pode realizar num banheiro. O restante do andar era constituído de outros alojamentos, cada um deles com capacidade para uma pessoa. Michael logo observou que aquele segundo andar era o bloco B.

Que original, chamar cada andar de “bloco”. Poderiam chamar simplesmente de “andar”.

Todos os quartos estavam ocupados. Assim como os alojamentos do andar abaixo, havia um número na porta de cada um. Próximo à escada, assim como no andar de baixo, havia uma lista com os nomes dos ocupantes de cada aposento. Sim, até os nomes dos 3 membros da família Makoto já constavam no quarto número 112. Michael observou esse detalhe e agora notava que os nomes de Adams e Trusten, bem como o de Marinville, não estavam em nenhum dos quartos. *Eles devem ter quartos no castelo. Quartos melhores.*

– Ah, quem é você? – Perguntava uma voz feminina e desconhecida que vinha do quarto 203, agora com a porta aberta. Você é um novato? Eu não lembro de você.

– Ah, olá. Sim... é, sou sim.

Michael virou-se muito rapidamente para ver quem era a dona da voz, mas não esperava o que viu. Uma linda garota, que não aparentava ser de uma idade diferente da sua, agora estava observando-o. Seu rosto lívido era como a neve, o que foi uma visão agradável aos olhos de Michael. Claro, ainda mais depois das duras horas que passara há pouco. Os cabelos loiros caíam até a altura de seu abdômen. Todo o conjunto parecia a Michael raios de sol dourados refletidos na neve de um dia belo e aconchegante.

Por um momento, todos os questionamentos deixaram a mente de Michael e uma única imagem restava. Um momento rápido, sim, mas o primeiro desse tipo em muitos meses.

– Meu nome é Carol Adams. Você é...?

– Michael Makoto – completou de imediato. Eu cheguei ontem com meu pai e meu irmão.

– Ah, estou vendo seu nome no quarto 112. Bem-vindo. Você pratica o quê?

– Karate. Desde criança. Você?

– Eu sou pintora. Bem, também gosto de música.

– Carol Adams... você é filha do... como é mesmo, Carlin Adams?

– Eu? Não, não. Ele é um dos que ajudam Sir Ektor a dirigir a fundação. É também o instrutor de atletismo. Não dá pra imaginar como seria bom ser filha dele, mas não. Ele é muito respeitado, ele é incrível. Então não, não somos parentes, é apenas uma coincidência de nomes. Mas espere até conhecê-lo, o senhor Adams é realmente demais! Mas... tá tudo bem com você?

Pelo olhar da moça, Michael entendeu que ele mesmo não aparentava dar interesse ao que ela achava de Carlin Adams. Aquele cara seria sempre um qualquer para Michael. Mas essa não era a imagem que ele queria passar nesse momento. Depois de uma curta pausa, Michael perguntou: – Você tá ocupada, Carol?

– Hã?

– Bem, eu sou novato e... – a voz de Michael tentava aparentar uma necessidade imperativa agora – bem, não conheço a propriedade. Eu estava olhando tudo sozinho, mas se eu tivesse alguém como você pra me mostrar, seria muito melhor.

– Ah... ah, bem. Tudo bem. Só aguarde um momento. Já volto.

A porta se fechou mais uma vez quando a garota entrou, deixando Michael no corredor ao lado da escada. Não demorou nada, no entanto. Carol voltou com um casaco vermelho sobre a camiseta branca. Parecia ter se animado com a ideia, embora um pouco incomodada. Isso fez Michael ficar um tanto alegre.

– Bem, o que quer ver primeiro? – perguntou a garota Adams.

– Você é a guia. O que você quiser me mostrar primeiro será o primeiro lugar que quero conhecer. Por favor...

Valendo-se de um gesto cortês, Michael indicou a escada com o braço direito. Carol aceitou e tomou a dianteira na excursão. Em poucos minutos, eles estavam no jardim da frente do castelo. Michael já conhecia o local, mas não interrompeu.

– Esse é o jardim principal. É, na minha opinião, o local mais bonito de toda a propriedade. Muitas vezes, quando não consigo ter inspiração, eu venho aqui. Esse jardim me faz pensar em coisas magníficas.

Era, de fato, um jardim muito bonito para Michael. Pelas plantas que, mesmo no frio atual, conseguiam manter um verde agradável. Possuíam várias formas. Uma delas parecia um lobo, era a que mais chamava a atenção de Michael. Os bancos de madeira também davam ao lugar um ar de elegância. No entanto, o clima frio atual fez com que o jardim estivesse quase deserto. Com exceção de Michael e Carol, somente uma outra pessoa estava lá observando as obras de arte feitas nas plantas.

– É mesmo um lugar muito agradável. Pena que esse frio que está fazendo não seja muito bom pra ele.

– Não, eu discordo totalmente.

– Mesmo?

– Sim! – a voz da menina estava excitada agora. A neve aumenta o esplendor desse lugar. Veja só essas calçadas que contornam o jardim. São de mármore. Sem a neve, a paisagem não tem o mesmo brilho, principalmente porque as plantas são embelezadas pelo branco gasto do mármore que, por sua vez, fica mais atraente com o branco mais forte da neve.

Michael Makoto não tinha notado as calçadas. A observação de Carol o fez perceber o quanto todo aquele lugar fora bem projetado. As calçadas de mármore davam ao jardim um tom a mais, sem dúvida.

– Mas venha, ainda há muito mais pra te mostrar. Está vendo aquela pequena casinha lá depois da pista de pouso?

Ela apontava para longe. Michael viu, com alguma dificuldade, uma pequena construção que mais lembrava uma guarita que uma casa. Estava depois da pista, distava do jardim uns 400 metros. Estava próxima ao muro que cercava a propriedade da Fundação Levine.

– O que é aquilo? – perguntou Michael.

– Aquela costumava ser uma espécie de torre de vigilância – a voz dela agora possuía um ar de gozação que era propício, pois não havia nada de torre naquela pequena casinha. Está sem uso hoje em dia. Bem, aqui é um lugar bem pacífico, e ninguém tenta nada contra nós, então as torres de vigilância perderam a razão de ser com alguns anos de uso.

– Dá pra imaginar.

– Mas aquele lugar possui uma visão interessante do lado de fora. Qualquer dia você tem de ver. Mas hoje não. Não tenho tanto tempo pra mostrar tudo, então quero mostrar uma outra coisa primeiro.

– E o que é?

– Venha e você vai ver.

Adentraram o castelo. Tomaram o corredor na parte de trás, que fazia conexão com a ala de instrução. O tatame ficava na 3ª porta do lado esquerdo, mas Carol parou em frente à primeira do lado direito. De imediato girou a maçaneta.

– Está aberto, venha – convidou ela.

Era uma sala de 300 metros quadrados repleta de pinturas nas paredes e, no centro, de várias telas parcialmente pintadas.

– É aqui que fazemos arte, Michael Makoto. Essa é a sala de pintura.

– Caramba! Quantos quadros!

São 16 pintores jovens e o nosso instrutor, o senhor Antony Tresdent, mas ele só aceita que o chamemos de Tony. Daqui a 4 meses é o campeonato interno de pintura. Todos querem ganhar, mas pra isso é preciso uma grande ideia.

– Você já terminou o seu quadro?

– Claro que não! Não vai ser nada fácil criar algo que me faça vencer essa competição, mas eu quero mesmo ganhar, sabe?

– Sei bem como é.

– Mas a ideia do que pintar e como pintar é que vem antes de tudo. Pintar clichês não vai me render nada.

– O jardim é um clichê?

– Não. Nunca venceram, nesses sete anos, com uma representação do jardim principal. Algumas pessoas pintaram, mas não venceram. Eu penso muito em usá-lo na minha obra, mas não consigo representar a excelência daquele lugar. Se eu não conseguir passar isso para a tela, é melhor nem tentar.

– Tem certeza?

– E como. Tenho certeza que foi exatamente por isso que nenhum dos quadros representando o jardim conseguiu vencer a competição. Eu vi uma das representações do jardim, era uma tela linda, mas... sabe, os jurados observam aquele lugar quando chegam aqui. Quando viram as representações, aposto que foi uma decepção. E aí as notas foram baixas.

Michael ponderou antes de responder. Ele, no entanto, não chegou a falar. Passos vinham do corredor atrás dele. Segundos depois, uma voz: – Carol? O que você tá fazendo?

– Oi, Christian. Como vai? – respondeu Carol com a voz alegre. Estou mostrando um pouco da propriedade para o Michael Makoto aqui. Ele é novato.

– Já nos conhecemos – disse Michael. Como vai Christian?

– Vou bem, obrigado – respondeu o outro rapaz. Carol, lembre-se de que você tem de se concentrar se quiser vencer o campeonato.

– Eu sei, Christian, mas Michael não está me atrapalhando.

– Se você diz assim, tudo bem, mas lembre-se do que conversamos.

Michael não estava gostando disso. Christian Levine o estava irritando pela primeira vez. Antes só parecia um bobo que foi mimado pelo tio rico. Agora era diferente, parecia o chato que estava tentando atrapalhar.

– Eu acho que ele está um pouco certo, Carol – declarou Michael. Concentre-se um pouco no seu quadro. Eu gostei de ter te conhecido, foi uma surpresa muito boa. Depois vou te procurar pra você me mostrar a visão do lado de lá do muro que você acha muito boa.

– Uhm... dois contra uma. Então tá, eu vou aceitar por enquanto. Depois a gente se fala então, Michael?

– Com certeza. Até mais.

Com um aceno de mãos eles se despediram e Michael voltou para o castelo. Seu corpo ainda doía, sua mente ainda buscava algumas respostas, mas as antigas perguntas agora tinham nova companhia. Sim, Carol Adams ocupava um lugar na mente de Michael de uma forma rara de se ver. Esse fenômeno tornou difícil pensar no que seu pai falou mais cedo sobre aura. De fato, Michael quase não pensou nada sobre aura.

Até a manhã seguinte.

Capítulo 4 *Conflitos de Interesses*

I

– A comida aqui é muito boa – comentava Satoshi Makoto ao terminar de comer sua *pie and mash* tão saborosa.

– É mesmo! – falou Brian em resposta ao comentário do pai.

Brian Makoto ainda não havia acabado de comer sua *pie and mash*, mas estava gostando daquilo. Para um prato tão simples, não poderia exigir nada tão delicioso. Será que Michael havia achado o mesmo daquele prato? Ele comeu tão rápido, e sem comentar nada, que não seria de admirar para Brian se ele nem ao menos tivesse sentido o gosto do que colocava na boca.

– Eu não entendo por que Michael estava com tanta pressa de conhecer melhor a propriedade, pai.

– Você o conhece bem. Ele gosta desse tipo de coisa. Parece uma criança quando faz isso, mas é o jeito dele. Imagino como ele se comportou no museu.

Brian deteve sua mão por um instante e não levou o garfo à boca enquanto olhava a janela que estava à sua frente. Dava pra ver uma parte do jardim da frente, e ele jurava que tinha visto Michael por um instante. Levou alguns segundos até que ele falasse.

– No museu, ele realmente parecia boquiaberto. Ele ficou admirando tudo. Repetiu que tudo ali dava impressão de grandeza e blá, blá, blá. Aquele idiota...

– Hahaha! Vocês dois se amam mesmo.

Enquanto Brian mastigava, pai e filho ficaram um pouco em silêncio. Brian agora se concentrava na comida de novo. Ele a saboreava por completo, como alguém que não pode perder um só verso de uma bela poesia. Satoshi observava ao redor. Brian, que agora engolira mais uma porção de sua refeição, tentou entender os pensamentos do pai. O ambiente era muito bonito e agradável. Era um restaurante elegante na verdade. Estaria seu pai pensando nisso?

Havia muita gente comendo, mas as numerosas mesas viabilizavam o conforto de todos. Provavelmente ainda haveria mais pessoas que comeriam depois, não devia haver mais que 50 pessoas almoçando ali naquele instante.

Brian, por alguma razão, lembrou de Michael.

Por que ele gosta tanto de conhecer lugares novos e não se importa com uma comida tão boa?

– Eu acho que vou imitar um pouco o Michael – Anunciou Brian. Vou conhecer o lugar.

– Sério?! Não parece você mesmo falando, filho.

– Hahahaha. Eu sei, pai. Mas preciso conhecer os jovens daqui. E também é bom conhecer o lugar. Nunca se sabe, não é?

– Sim, nunca se sabe. Eu vou ficar aqui por mais algum tempo. Divirta-se, mas tome cuidado.

– Vou tomar.

Com essas palavras, Brian saiu do refeitório. Do lado de fora, o tempo frio estava repercutido em seus ossos.

QUE FRIO! MAS QUE DROGA DE FRIO!

Ele deu uma olhada para Overton Woods atrás de si. Aquela floresta lhe chamou muito a atenção desde que desceram do avião na noite anterior. Era como se alguém o estivesse observando, e esse alguém estava lá. Provavelmente era um pensamento tolo, sua mente estava se deixando levar pelo cenário, com certeza. E aquele frio só piorava tudo.

Rápido e certo, ele decidiu entrar no castelo. Sir Ektor deu permissão de entrarem em quase todas as salas de sua grande morada. Talvez encontrasse algo interessante lá dentro.

O salão principal era grande e ostentava muita riqueza, mas Brian já havia passado por ali algumas vezes. É verdade que antes não havia observado o quadro que estava colocado entre a grande porta do escritório de Sir Ektor – escritório que obviamente era terminantemente fora dos limites de quem quer que seja – e a armadura medieval que segurava uma espada longa apoiada no chão, com sua ponta contra o solo. A armadura já havia chamado a atenção de Brian, mas o quadro era novidade a seus olhos.

Aquela pintura lhe fazia lembrar de algo. Era familiar, mas o que era aquilo? Cinco homens, retratados em roupa de combate oriental. Da maneira que foram pintados, o autor os colocou em um alto monte, deveriam ser um time vitorioso.

Um grupo de heróis de guerra famosos, talvez?

Um deles, entretanto, não vestia uma roupa de combate. Bem, poderia ser usada para combate, mas lembravam mais as vestes de um sacerdote. Vestes azuis, um azul marinho muito bonito. Os outros quatro vestiam roupas com predominância de uma cor também. Um deles vestia algo que lembrava uma armadura samurai do século XVIII sem a proteção para a cabeça e com um marrom predominante.

Dentre os homens restantes no quadro, um chamava a atenção por vestir um traje de samurai também, mas com proteção para a cabeça e totalmente preto. Os outros dois tinham um tipo de vestimenta diferente das que Brian conhecia, mas eram de aspecto oriental, e certamente eram usadas para combates, pois contavam com proteções nos membros, no tórax e na cabeça.

Aquela obra era recente, foi a campeã do campeonato interno de pintura do ano anterior – ao menos era o que indicava a pequena placa abaixo dela. A assinatura no canto direito inferior indicava o nome do artista: Christian Levine.

A porta da frente abria-se agora e duas pessoas entravam no salão. Brian os olhou e foi retribuído, os dois jovens rapazes que adentraram o recinto o fitavam.

– Eu não lembro de você por aqui antes – disse um deles. Você é novo?

– Sou – respondeu Brian, mas sem sair do lugar ou virar-se, apenas virou a cabeça e assim se manteve. Me chamo Brian Makoto, muito prazer.

– Makoto? – o mesmo rapaz continuou a falar. Christian falou de vocês. Um pai e dois filhos. Sir Ektor e o senhor Marinville gostam bastante de vocês, hein?

– Eu não sei bem, mas acredito que gosta tanto quanto de qualquer outro.

– Tá brincando?! Só em ter voado até aqui no avião dele... vocês devem valer muito. Ah, eu me chamo Richard Bent.

– Eu sou Alexander Dolton – declarou o outro rapaz, que não tinha falado até o momento.

Brian agora se virava para falar melhor com os dois. Ambos eram mais altos que ele próprio. Robert Bent tinha os cabelos castanhos não tão curtos em conjunto com a pele branca de uma maneira que lembrava um lenhador.

O outro rapaz, Alexander Dolton, tinha um porte diferente. Seu cabelo negro e muito curto, a pele clara, o jeito que ficava em pé ereto e, de certa forma, elegante. Tudo dava uma impressão de que era alguém importante. Passava quase a mesma impressão

que Sir Ektor, mas não usava roupas tão nobres. Suas roupas, entretanto, não eram roupas quaisquer. O sobretudo preto que lhe cobria, e até mesmo as luvas, as roupas de Alexander Dolton prenunciavam um homem importante. Isso era curioso para Brian, pois o rapaz a sua frente era claramente um jovem que fazia parte da instituição. Qual seria sua importância?

– De novo, é um prazer conhecê-los – repetiu-se Brian. Ainda não conheço quase ninguém por aqui. Eu pretendia mesmo conhecer o lugar e as pessoas. O que podem me adiantar?

O jovem com aspecto de lenhador virou-se para o outro e deixou sair de sua boca de forma jocosa algo que não pareceu adequado aos ouvidos de Brian: – Ele quer conhecer o lugar. O que você acha, Alex?

– O que você faz? – perguntou seriamente Alexander Dolton.

– O que eu faço? – retorquiu Brian, agora um tanto irritado por não conseguir uma resposta direta.

– É, você tem de estar em uma atividade da fundação – disse o lenhador. Eu sou do time de atletismo. O meu amigo Alex aqui é o melhor do grupo de música. E você?

– Eu ainda não estou em nenhum grupo, nem em nenhum time. Bem, mas eu pratico kendo desde criança.

– Ainda não tá em nenhum grupo? – coçou a cabeça e continuou. Estranho. Por quê?

– Sir Ektor parece querer que treinemos isolados por um tempo. Depois vamos entrar em algum grupo.

Os rostos dos dois rapazes traíam uma certa surpresa e algum ar de inveja. Não importando o motivo que os levou a ficar daquele jeito, Alexander Dolton rapidamente avançou o assunto, deixando aquele ponto no passado.

– Você disse kendo, certo? Você então treina com espadas. Onde está a sua?

– Eu não sabia que era permitido usar espadas aqui – respondeu Brian.

– Todos os que praticam kendo aqui tem uma espada de madeira. Você ainda não faz parte do grupo de kendo. Imagino, portanto, que é esse o motivo de você não ter uma ainda. Você é bom com a espada?

– Eu acho que sim.

– Brian Makoto, certo? Se o senhor Marinville o recrutou e lhe dá tanta confiança, significa que você é valioso, sem dúvida. Você e seu irmão estão convidados a participar da minha festa de aniversário que será amanhã. Que grande sorte a chegada de vocês coincidir dessa forma com o meu aniversário. Bem, na ocasião, eu gostaria de conversar com vocês sobre como os formandos aqui são representados.

– Representados? – Brian perguntava secamente.

– Sim. Vocês devem perceber logo que há grupos aqui na Fundação Levine que não são grupos fixados pelos dirigentes. Os formandos se dividem em grupos informais. Tudo que acontece aqui é afetado pelas relações entre os formandos. Quero conversar com você e seu irmão para mostrar que meu grupo pode ser bem interessante.

Brian não gostava daquele jeito de falar. Aparentemente, Alexander pensava de si mesmo mais do que deveria.

– Ah, bem. Vou pensar no que você me falou. Depois lhe digo se iremos a sua festa – completou Brian, tornando mais uma vez a observar a tela. Mas obrigado pelo convite de qualquer forma.

Agora que estava de costas, Brian não podia ver os dois, mas era como se conseguisse sentir a raiva provocada por uma humilhação emergir do corpo de Alexander Dolton.

– Permita-me, Brian Makoto – falou friamente.

Assim que Brian virou a face para olhar para os 2 rapazes, Alexander estendeu o indicador de sua mão direita, que por poucos centímetros não tocava o nariz de Brian.

Ele permaneceu assim por alguns segundos até que fosse questionado pelo jovem Makoto, que estava ficando muito irritado agora.

– O que você está fazendo?! – perguntava com certa rispidez.

Após baixar o braço, o jovem Dolton falou mais consigo mesmo que com qualquer outro no recinto: – O que poderia Sir Ektor e o senhor Marinville terem visto de especial em você?

– Cara, você nem usa aura?! – perguntou o garoto lenhador Bent com verdadeira surpresa na voz.

– Eu e meu irmão estamos começando a aprender. E daí? – a resposta de Brian soou totalmente diferente agora, seu tom não era mais ríspido; ele queria saber o que Alexander fizera para descobrir essa informação.

– Caramba! Sir Ektor trouxe um cara que nem sabe usar aura?! – nesse instante, a jocosidade da voz de Richard Bent passava a ser zombaria. Até as meninas sabem usar aura aqui. Se você não sabe nem isso, não vai durar. Hihi. E eu pensei que vocês treinavam sozinhos por serem bons... é por serem péssimos!

– Richard, chega! – disse o jovem Dolton, e a autoridade em sua voz lembrava Satoshi. Não vamos deixar o novato desconfortável em seu primeiro dia. Vamos indo, ainda temos um dia cheio.

Richard Bent realmente calou-se de súbito. E com um olhar desanimado no rosto, seguiu ao lado de Alexander que ia em direção ao corredor esquerdo abaixo da escada.

– Ei, esperem! – disse Brian, e os dois olharam para trás. Como você soube que eu não sei manipular minha aura?

– Eu concentrei uma boa energia na ponta de meu dedo e estava quase tocando seu nariz. Se eu tivesse me aproximado mais um centímetro, você estaria com um ferimento considerável no rosto. Se você pudesse ao menos ver minha aura, você teria esboçado uma reação, ainda que acreditasse que eu não atacaria.

Mas... eu não senti nada!

– Você quer saber mais sobre esse lugar, então vá amanhã à minha festa – continuou Alexander Dolton.

– E onde acontecerá a sua festa?

– Há um salão de festas nesse castelo. Isso será o mínimo que você conhecerá sobre esse lugar se for até lá amanhã.

II

E a manhã seguinte surgiu sem tardar. Às 9 da manhã em ponto, Michael e Brian estavam mais uma vez no tatame particular, era o início do segundo treinamento de aura. Satoshi Makoto era um homem pontual, todos sabiam disso e Michael jamais esqueceu. Ele sabia, portanto, que deveria ter descansado mais na noite anterior, mas pela segunda vez o seu sono foi péssimo. Sua mente tinha preocupações a respeito de todas as novidades que ocorreram em sua vida nos últimos dias.

O efeito de duas noites mal dormidas começou a se fazer presente. O rapaz estava em má forma para o dia. Ele percebeu que seu pai havia notado sua condição, mas agora era tarde para qualquer coisa. Estava feito. Satoshi não pegou leve por saber da debilidade do filho. O treinamento começou com mais uma boa dose do que tiveram na manhã anterior. Satoshi voltou a forçar os dois garotos ao máximo para que eles o atacassem sem parar.

O treino era pesado, não foi mais fácil que o anterior. Michael percebeu que Brian não sentia o peso do treinamento tanto quanto ele próprio, isso foi o suficiente para que um amargo arrependimento viesse sobre Michael por não ter descansado bem no dia e na noite que se passaram. Realmente não foi sua intenção ficar acordado a noite quase inteira, ele simplesmente não conseguiu dormir. No entanto, durante o dia ele poderia ter descansado bem melhor se não passasse o dia tentando descobrir tudo sobre Carol Adams. “Tentando” é a palavra certa, pois não conseguiu muita informação. Sequer viu a garota novamente e as pessoas da fundação não pareciam gostar de muita conversa, ou talvez fosse apenas com ele. Michael nem parou para conversar com o irmão no restante do dia, e estavam cansados demais para falar sobre qualquer coisa antes de dormir. Ou melhor, antes de Brian e Satoshi dormirem, pois Michael não conseguiu fazer o mesmo.

Para alegria de Michael, seu pai encerrou essa primeira parte do treino em uma hora, não em três. Os garotos agora já não sabiam o que esperar da segunda parte, mas Michael não acreditava que seria pior que a anterior.

– Está na hora de vocês dois começarem a manipular a aura que existe em seus corpos – dizia Satoshi após mandar que os jovens ficassem em pé parados.

– Como fazemos isso, pai? – questionava Brian.

– Comecem fechando os olhos.

Sem entender, mas confiando no pai, os garotos seguiram as ordens. Fecharam os olhos e aguardaram novas instruções. Antes que ouvisse qualquer coisa, Michael sentiu a mão de seu pai tocar seu ombro esquerdo. A outra mão devia estar no ombro direito de Brian, que estava à esquerda de Michael.

– Não abram os olhos. Continuem como estão. Quero que tentem visualizar algo dentro de seus corpos, como se fosse um gás incontrolável, que quer sair e está saindo aos poucos – continuava Satoshi.

Eram instruções difíceis de seguir, mas eles estavam fazendo isso. Michael tentava imaginar uma neblina dentro de seu corpo que escapava aos poucos por entre os poros. Não entendia o que isso tinha de importante, não sentia nada de diferente.

– Agora é preciso ir além. Sintam! Sintam esse gás, ele está dentro de vocês. Usem suas mentes, controlem-no, façam-no sair – Satoshi insistia.

Para surpresa de Michael, ele conseguia sentir que realmente havia algo dentro de si. Não era a melhor das sensações, mas algo estava se movendo dentro de todo seu corpo, implorando para sair. E a sensação era familiar. Mas como?

– Façam-no sair, façam com que essa energia saia de seus corpos, mas dominem sobre ela, não deixem que vá muito longe. Imaginem que ela está fazendo uma roupa, uma túnica que cobre totalmente os seus corpos.

Satoshi continuava dando instruções, instruções que não pareciam sérias, mas estavam funcionando. Definitivamente estavam funcionando! Michael sentia a energia que supunha ser sua aura. Ele agora sabia até mesmo o porquê de aquela sensação ser tão familiar.

É o mesmo que senti quando bati na tabuinha de madeira. Também senti algo parecido durante os momentos que tocava no corpo do meu pai. Meu corpo se familiarizou com a aura nesses últimos dias.

– Se vocês conseguiram – começava novamente Satoshi –, está na hora de abrir os olhos.

Sem nem mesmo perguntar qualquer coisa, os dois garotos abriram os olhos lentamente. Tudo estava normal, mas Michael continuou sentindo a aura fluir sobre seu corpo e dentro dele.

– E agora? Como se sentem? – perguntou Satoshi com uma certa ansiedade.

– É... é estranho, pai – respondeu Brian. É uma sensação estranha, como se eu realmente estivesse vestindo uma manta que cobre todo o corpo.

– É mais ou menos isso – interrompeu Michael. Pai, o senhor nos fez te atacar enquanto usava aura pra proteger o corpo... era pra que os nossos corpos se familiarizassem, não é?

– Isso! – a voz de Satoshi demonstrava o quanto ele estava animado com tudo aquilo. Com seus corpos familiarizados com o que é a aura, vocês puderam senti-la e, com o corpo e mente treinados que vocês têm, foi fácil sentir a aura que já existe dentro de vocês. Eu coloquei a mão no obro de cada um com uma pouca quantidade de aura, para que servisse de guia. Afinal, aura é aura. A minha é igual a de vocês, mas me pertence, essa é a única diferença.

– Se o senhor não tivesse feito esse treino conosco – perguntou Michael – e precisássemos sentir essa energia sem nunca ter entrado em contato com ela... Isso é possível?

– Se é possível? Sim, bastante possível. Até onde se sabe, a pessoa que fez isso em menos tempo conseguiu o recorde de 10 dias, e isso foi um feito e tanto.

– 10 dias?! – soou em uníssono saído das gargantas de Michael e Brian.

– É por isso que normalmente se usa esse método mais rápido. Claro, a pessoa que o aplica tem de ser muito capaz. Se eu usasse aura demais pra lutar contra vocês, seus corpos sofreriam danos muito grandes. Também, se eu usasse uma quantidade menor que o devido, vocês não teriam se familiarizado de uma forma efetiva.

– Bem, e agora? – questionou Michael. Já conseguimos manipular nossa aura, vamos aprender o quê?

– Vá com calma, Michael. É de praxe aprender o mais básico agora.

– Amplificação?

– Não. Aprender a manter esse estado em que vocês estão durante todo o tempo.

– Mas parece fácil, pai.

– Você também acha, Brian?

Um segundo de silêncio se fez. Brian pensou um pouco e respondeu: – Quando eu me distraio, parece que o cobertor de aura diminui.

– Exatamente! – interrompeu Satoshi animado. Isso acontece porque se você não controlar bem esse estado, a aura escapa e se perde. Uma vez fora de seu corpo, a aura tem de ser domada a todo o tempo, ou ela simplesmente irá embora. Se vocês relaxarem, em alguns instantes vão se sentir cansados. Isso é outro sintoma de que o corpo está perdendo a aura em uma quantidade acima do normal. Vamos! Mantenham esse estado!

Os dois garotos ficaram em silêncio. Estavam concentrados em não permitir mais desperdício de aura. Michael podia sentir a aura fluindo, e era fácil mantê-la sob controle, mas se ele desviasse sua atenção por um segundo...

– Ai!!! – Michael e Brian gritaram em uníssono mais uma vez.

Satoshi, sem deixá-los perceber, aplicou um fraco tapinha nas costas de cada um dos garotos, que foram pegos de surpresa.

– Como vão poder lutar nesse estado se não dominarem a aura enquanto fazem diversas outras coisas ao mesmo tempo?

Fez-se silêncio, quebrado rapidamente pelo pai dos garotos: – Estão entendendo? É fácil manter esse estado, mas precisam fazer isso naturalmente. Seu corpo e sua mente devem se acostumar com isso de uma maneira tão comum que possibilite o domínio do mesmo enquanto sua atenção está totalmente voltada para outra coisa. Deve ser como respirar. Mesmo que você esteja numa luta, numa corrida, em

qualquer outra coisa, você respira naturalmente, não precisa se concentrar muito na respiração. Isso deve acontecer com a aura de vocês.

– Pai – Michael tomou a dianteira para perguntar –, quando o senhor pensa que vamos dominar esse estado?

– De uma maneira mínima? Hoje mesmo. Mas para tornar esse estado algo natural, acredito que levará mais de uma semana.

– Antes disso, não treinamos mais nada?

– Vocês vão treinar a Movimentação de aura quando alcançarem um mínimo necessário para manter esse estado.

– E a Amplificação?

– Vocês já estão usando a amplificação sem saber. Seus corpos estão mais resistentes, mais fortes e mais rápidos só por terem essa aura cobrindo-os. Depois vou ensinar como fazer isso de forma mais eficiente. Mas, garotos, isso ainda vai levar algum tempo. Primeiramente, vocês terão de treinar a Movimentação da aura.

– Então nos ensine agora, pai! – falava Michael ansioso.

– Michael, você não dominou minimamente esse estado.

– Mas estamos conseguindo, eu sei que estamos indo bem.

– Pai – Brian resolveu falar –, mesmo com essa agitação, Michael não perdeu mais aura que o normal, não foi?

– Você consegue ver isso? – perguntou o pai, um tanto surpreso.

– Bem, eu lembrei que o senhor falou ontem sobre a quantidade de aura nos olhos melhorar a visão e possibilitar enxergar aura, então eu pensei em mandar mais aura para meus olhos, como eu mandei para fora de meu corpo, e funcionou. Eu consigo ver uma fina camada que está cobrindo o corpo do Michael, uma tecido quase transparente, mas é como se fosse um tapete e alguns fiapos de vez em quando saíssem dele e desaparecessem.

– Sério que você vê tudo isso? – Michael agora estava muito mais animado. Ah, eu vou tentar também.

– Isso que você fez, Brian, é a movimentação da aura. Bem, tudo bem. Eu vou deixar vocês treinarem. Vou passar o exercício para Movimentação, mas só continuem fazendo até onde aguentarem, não tentem forçar mais que o devido.

– Nós iremos, pai – disse Michael.

–Uhm... Prestem atenção. Estiquem a mão direita, ou a esquerda, a que preferirem – os garotos assim fizeram. Agora comandem a aura que está em torno do corpo de vocês que vá para os olhos, a maior quantidade que vocês puderem sem se esforçar demais. Quando tiverem feito isso, façam com que essa mesma aura vá para a ponta do dedo indicador da mão suspensa no ar, também a maior quantidade que conseguirem. Depois voltem para o olho e continuem repetindo.

– Certo – o unísono em resposta surgiu mais uma vez no tatame.

Michael já estava um tanto acostumado em manter sua aura junto ao corpo, e também estava confiante que conseguiria fazer o exercício do Movimento de aura muito bem feito. Assim, não demorou nada e ele já estava concentrando-se em imaginar sua aura uma “manta gasosa” que fluía sobre seu corpo. Não foi tão simples, mas depois de quase um minuto ele acumulou tanta aura nos olhos que viu o restante de seu corpo com uma fina camada de aura que já não era transparente. A fina camada de aura adquiriu uma cor prateada mais viva.

Será que essa é a cor da aura? Quanto mais eu concentrar nos olhos, melhor eu vou ver.

Antes que se desse conta que sua aura fugia em uma quantidade larga de seu corpo, Michael observou o irmão. Brian estava muito focado e foi possível para Michael

ver uma humilde onda na aura do irmão (que tinha uma cor prata viva). Sem dúvida, de todos os cantos do corpo, a aura de Brian estava se encaminhando para os olhos, lentamente, mas constantemente.

Michael não demorou a se dar conta de que sua aura deixava seu corpo em uma quantidade maior que antes. Foi fácil parar o desperdício, mas concentrar-se nos dois ao mesmo tempo era difícil.

O exercício continuou. Michael encaminhou sua aura para o dedo indicador direito. Não conseguiu concentrar toda sua aura nos olhos, menos ainda no dedo. Era sua meta, acumular toda a aura nos olhos, para que visse seu corpo sem aquela camada prateada. Não foi possível. Sua mente e seu corpo doíam intensamente quando alcançava uma certa quantidade de aura nos olhos ou no dedo indicador.

Michael se contentou em concentrar o máximo possível, sem que a dor intensa tivesse início. Assim o fez, por 3 vezes ele mandou dos olhos para o dedo indicador o que lhe parecia ser uma grande quantidade de aura; do dedo indicador para os olhos ele mandou mais 2. Estava iniciando o retorno da aura para os olhos quando seu pai anunciou que o exercício já durava 10 minutos.

Michael não fazia ideia de como seu irmão estava se saindo, mas pensou que ele mesmo estava indo bem. Em 10 minutos todas essas repetições... Mas aquilo estava deixando-o exausto. Ficava claro a cada repetição. Era como dar voltas em um grande pátio sem diminuir a velocidade. Ele estava ficando cansado. Talvez não durasse muito mais. E foi o que houve. Antes que pudesse completar a 4ª transferência no sentido dedo indicador/olhos, Michael percebeu que suas pernas não estavam suportando seu peso. Ele preferiu parar antes que seu pai o parasse.

Respirava fundo agora, concentrando-se somente no domínio de sua aura. Depois de um ou dois minutos assim, observou Brian. Seu irmão estava na mesma situação que ele, não sabia se há mais ou menos tempo.

– Vocês foram muito bem. Melhor do que eu esperava, na verdade. O cansaço que estão sentindo vem da perda de aura que tiveram. Precisam melhorar o domínio da aura. Além disso, vocês não sabem como movimentar, ainda estão fazendo intuitivamente, e isso está consumindo muita aura. Com mais treino, vocês logo vão fazer isso com pouco gasto.

Satoshi encerrou o treinamento do dia, deixando os garotos com a missão de apenas melhorar o domínio da aura, sem tentar exercícios de Movimento. Os garotos ficaram no tatame por algum tempo, mas Satoshi se retirou. Não passariam outros 10 minutos antes que Michael e Brian fossem procurar algo para beber e comer, mas conversaram um pouco antes.

– Ah, eu não tive chance de te contar – falou Michael, tentando não perder o domínio. Ontem conheci uma garota. Carol. Ela é muito legal, gostei dela.

– Sério? Bom pra você. Eu conheci algumas pessoas que não pareciam ser tão legais. Acho que não vamos nos dar muito bem com eles, mas um deles me convidou pra festa de aniversário dele. Hoje à noite.

– E você vai?

– Acho que é uma boa ideia nós dois irmos. Se o nosso pai quiser, acho que ele também pode. Não acredito que seja um problema.

– Você não gostou desse pessoal. Não acha que vamos nos dar bem com eles. O que você quer fazer na festa de um deles?

– Acho que nós podemos aprender muito indo até lá. Aprender mais sobre como as coisas são por aqui. E também, só dá pra saber se vamos gostar deles depois de testar.

O anoitecer chegou tão depressa quanto o amanhecer que o antecedeu. Brian conseguiu ativar a curiosidade de Michael sobre as pessoas que ele iria conhecer na

festa. Assim, ao anoitecer, a comemoração já havia tido início e os irmãos Makoto já se dirigiam ao salão.

Era uma festa bem comum, mas não seria para os dois. O domínio da aura ainda estava deixando-os um pouco desconfortáveis, eles não podiam sequer correr sem que isso lhes fizesse perder um pouco o controle. Era um pouco, é verdade, mas um pouco que acarretava num desperdício de aura que eles não poderiam mais aceitar.

Michael não conhecia a música que estava tocando, mas com certeza é uma música clássica, um pouco estranho para um aniversário. Atravessaram os portões do salão onde ocorria a festa e se depararam com muitas pessoas. Uma decoração que mais lembrava um baile nobre e todos os convidados sentados em alguma mesa, apenas os garçons estavam em pé. Isso logo mudou.

Michael sentiu seu irmão cutucando-o com o cotovelo e logo entendeu que aquele jovem que se levantara não poderia ser outro senão o seu anfitrião: Alexander Dolton.

– Olá, mais uma vez, Brian Makoto – disse ao aproximar-se com um ar empertigado. Você deve ser Michael Makoto, presumo.

– Sou eu mesmo.

– Me chamo Alexander Dolton. É um prazer tê-los em minha comemoração.

– Meu irmão já havia me falado um pouco sobre como vocês se conheceram.

Obrigado pelo convite.

– Será um prazer conversar com vocês esta noite. E não se preocupem, se entendi um pouco do que se passou na mente de Brian hoje à tarde, será um prazer para vocês também.

Capítulo 5

Grey Star

– Em que consistirá essa conversa? – perguntou Michael.

– Bem, sobre o que vocês desejarem – respondeu Alexander Dolton. Eu serei seu anfitrião esta noite e, como sei que vocês acabam de chegar, far-me-ei mais que seu anfitrião, serei seu informante. Tudo o que quiserem saber sobre este lugar, eu lhes direi.

– É muita gentileza de sua parte, senhor Dolton. Não será um abuso de nossa parte?

– De maneira nenhuma – respondeu decidido.

– Então a primeira pergunta que tenho a fazer é a seguinte: por que o senhor tem tanta bondade em nos ajudar assim?

O anfitrião hesitou um momento, mas logo veio a resposta: – Vocês perceberão logo que não são normais. Refiro-me a vocês dois. Não sei até que ponto, ou ainda, em que consiste essa anormalidade. No entanto, não tenho dúvidas. Vocês dois são pessoas de um potencial incrível, seja ele qual for.

– E por que diz isso?

– Pelo mesmo motivo que todos os que sabem o que sei também dizem o mesmo. Se o senhor Marinville e Sir Ektor os trouxeram aqui de maneira tão inusitada, abrindo uma exceção tão incrível no recrutamento, eu não tenho a menor dúvida de que vocês têm um valor incalculável. E eu quero essas duas pessoas valiosas do meu lado e não contra mim.

Foi a vez de Michael hesitar. Brian, que estava mudo, permaneceu calado. Michael logo deu resposta a esse comentário.

– Eu admiro muito sua honestidade – Michael dizia isso com tom de voz que denotava uma surpresa real e uma dúvida irreparável.

– Obrigado, meu caro. Mas, se estou aqui com a intenção de informar-lhes, não seria inteligente começar essa missão com uma mentira.

As maneiras, a voz, a expressão, os movimentos do corpo. Tudo em Alexander Dolton indicava alguém que tinha um domínio admirável de si mesmo.

– Bem – continuou –, sentemo-nos. Venham comigo, senhores.

Sem dizer mais nada, conduziu os recém-chegados a uma mesa vazia. Uma mesa simples, aparentemente de madeira, coberta de um tecido branco que aparentava ser de algum valor. Michael pensou que eles se sentariam na mesa principal, de onde Dolton viera. Era uma mesa grande, retangular, que comportava no mínimo 15 pessoas, enquanto a mesa onde ficaram comportaria no máximo 4.

Sentando e fazendo sinal para que um dos garçons servisse a mesa fartamente, Alexander Dolton continuou a conversa que iniciaram na entrada.

– Que gostariam de saber, meus amigos?

– De uma maneira geral – era Brian quem perguntava agora –, como funcionam as coisas aqui?

– Interessante. Uma pergunta cuja resposta não poderá ser curta, mas vou fazer uma síntese. A Fundação Levine é presidida por Sir Ektor Levine. Ele tem a palavra final em todas as decisões, seja de qual área for. Depois dele, o senhor Marinville tem a palavra final. Num terceiro patamar, existem três homens que cuidam da fundação de uma maneira mais direta, seus nomes são: Neville Trusten, Carlin Adams e, meu pai, Jonathan Dolton.

A mente de Michael agora era capaz de entender muitas coisas. Se o pai de Alexander Dolton é alguém de tanta influência na organização, é de se supor que o filho seja um tanto respeitado no grupo. Isso explica a festa elegante. É pelo pai dele que tudo aquilo lhe era permitido. Mas até que ponto isso seria verdade? Tudo que Alexander Dolton faz indica alguém dominante sobre si mesmo, e tal pessoa não poderia ser um qualquer, ao menos é o que Michael pensou.

– Existem também os instrutores – continuou. Cada uma das artes que são praticadas aqui tem um instrutor respectivo. Meu pai é o instrutor de música, é a única pessoa na fundação que tem a honra de ouvir Sir Ektor lhe reconhecer como superior. Claro, superior na música apenas.

“Neville Trusten é o instrutor de judô e Carlin Adams, o instrutor de atletismo. Nem Sir Ektor, nem o senhor Marinville são instrutores. Existem ainda outros 14 instrutores nessa fundação, cada um deles é respeitado e tem um determinado poder de mando. Assim, essas 19 pessoas coordenam e tem quase todo o poder nessa fundação.”

– E por que apenas quase? – perguntou Michael em seguida.

– É aqui, meu caro, que entra o meu interesse em lhes servir esta noite. Existem redes informais entre as demais pessoas que vivem aqui, como eu falei mais cedo ao seu irmão. Atualmente, mais de 200 formandos vivem aqui. Todos devem obediência a Sir Ektor e aos demais dirigentes, mas o que acontece é que nem todos os formandos se dão muito bem entre si. Existe uma certa desavença que é permitida pelos dirigentes para que os formandos não se permitam acreditar em um mundo paternal, onde alguém lhes dará uma solução para o seu problema. Se você não fizer algo, não procurar ser melhor e não se juntar com as pessoas certas, você terá dificuldades.

Michael podia entender aquilo. Fazia muito sentido. No entanto, causava-lhe repulsa essa ideia. Colocar pessoas assim, umas contra as outras, não parecia algo “educador” para ele. Ao ver a expressão de Brian, percebeu que o irmão deveria compartilhar uma opinião parecida.

– Eu sou uma das pessoas mais influentes na fundação. Sendo assim, muitos outros formandos juntaram-se a mim para formar um grupo, do qual eu sou o líder. O único objetivo desse grupo é fazer com que a vida de todas as pessoas que estiverem conosco seja melhor.

– Uhm... Simples assim? – interrompeu-o Michael.

– Sim. Simples assim.

– Então continue, por favor.

– Acredito que já respondi a pergunta que me foi feita. Qual é a próxima?

– Não. Engana-se, meu caro. Ainda não respondeu minha pergunta completamente – disse Brian. Essa é uma faceta de como as coisas funcionam aqui, eu acredito. Mas o que mais? De que a fundação sobrevive, além do patrimônio de Sir Ektor? Não somos tolos, é claro que existem crimes por trás das atividades dessa organização. O dinheiro que mantém esse lugar não vem apenas dos patrocínios que os jovens daqui recebem de empresas para levar o nome delas às competições. Também não vem apenas da venda de softwares desenvolvidos na área de computação que existe na organização. E, é claro, a fortuna de Sir Ektor pode ser grande, mas não é grande o suficiente para manter tudo isso. E somamos isso com o fato de termos conhecido Marinville quando ele realizava um roubo... bem, as atividades dessa fundação com certeza não são apenas o que parecem ser.

O silêncio se fez no instante que Brian se calou. Alexander Dolton, ainda senhor de si, não parecia que negaria nenhuma de todas as afirmações que Brian fez, e realmente não negou. Seu rosto parecia o de alguém que pensava apenas em uma

maneira prática de explicar o funcionamento dessa outra parte mais sombria da organização.

– É difícil explicar. Principalmente porque eu não integro muitas das missões, então só posso falar com segurança daquelas que eu participei e de algumas conclusões que cheguei ao refletir sobre diversas cenas exóticas que aconteceram.

– Pois bem. Por favor, conte-nos – pediu Brian.

– Você está correto em acreditar em todas essas coisas, meu caro Brian Makoto. A Fundação Levine é uma organização gêmea. Sua irmã chama-se Grey Star. É uma das organizações criminosas que mais tem influência sobre o mundo todo. Eu não sei quais os limites dessa influência, tampouco quais as ações que ela atinge em sua totalidade. Sei apenas que a Grey Star tem participação em diversas áreas do crime organizado mundial.

– E todos os formandos aqui participam dessas missões?

– Não. Os instrutores são os que realmente podem ser os braços da Grey Star. No entanto, qualquer formando mais preparado pode ser enviado para certas missões como apoio. Sempre missões mais simples. Eu mesmo só participei de 7 e, aparentemente, apenas uma delas era uma missão de risco acentuado. Mas, observem, é bem comum que formandos participem das missões. Em quase todas que conheço, geralmente há participação de alguns formandos. Acredito que apenas as de risco mais acentuado são exceção. Por exemplo, não sei o que roubaram, mas não haviam formandos participando da missão na qual o senhor Marinville encontrou vocês.

Mais uma vez, fez-se um curto silêncio.

– Você acredita que está tudo bem em nos contar tudo isso? – questionou Brian.

– Sim, não faz mal nenhum. Se vocês estão aqui, é porque o senhor Marinville não vê mal nisso. É claro que ele sabe que vocês acabarão descobrindo tudo mais cedo ou mais tarde.

Isso era realmente verdade. Mas Michael não conseguia entender muito bem como isso poderia ser verdade. Já nem se tratava mais do suposto valor altíssimo que eles dois teriam. Será que Marinville acreditava tão piamente ser capaz de impedir qualquer esforço, por parte dos irmãos, para desbancar a organização criminosa na qual acabavam de entrar? Em que se baseava toda a confiança desse homem para arcar com um risco tão alto? Não importava o valor, Michael entendeu que o risco era simplesmente alto demais. Isso lhe fez lembrar de um dos homens da Interpol – era o que ele imaginava que os dois homens no hotel em Nova York fossem –, um dos dois que falaram com seu pai e seu tio Ben, ele disse o mesmo: o risco é simplesmente alto demais.

Michael entendia isso agora. Ele, seu irmão e seu pai, os três estavam em apuros. Fosse o que fosse, Marinville e Sir Ektor tinham algum ás na manga. E Michael não conseguia ver um cenário seguro quando esse ás fosse lançado na mesa. Talvez o melhor fosse dançar conforme a música da organização, sim, talvez. No entanto, por quanto tempo isso seria seguro?

– Que mais gostariam de saber? – perguntou Dolton.

– Quem são os formandos influentes aqui? Além de você? – perguntava Brian.

– Christian Levine é um dos mais conceituados. Claro, é o herdeiro de Sir Ektor. Ele está junto comigo. Há também Maximillien Cunt, que é o líder do outro grupo.

– Somente vocês?

– Exato.

– Todos os formandos estão, portanto, divididos entre esses dois grupos?

– Não. Somos os mais influentes, é verdade, mas existem aqueles que preferem ficar sós. Ou ainda, outros que preferem formar grupos de 3 ou 4 pessoas.

- Eles não gostam de você, nem do tal Cunt.
- Precisamente.

Michael não queria fazer esta pergunta, mas julgou que seria uma boa maneira de descobrir uma coisa ou outra.

– O que você pode me falar sobre Carol Adams? – perguntou Michael num tom decidido, ao qual Alexander Dolton mostrou uma certa surpresa, que logo cessou.

– Compreendo – falou isso como se falasse para si. Você se interessou pela Carol – agora já falava olhando diretamente para Michael.

- Isso é um problema?
- Talvez. Não para mim, veja bem. Talvez seja um problema para outro.
- O jovem mestre influente Christian Levine?
- Precisamente.
- De qualquer forma, pode me falar sobre isso?

– Deixe-me ser direto: Christian Levine é apaixonado por Carol. Ele ama a beleza dela, ama o talento dela, a ama de uma forma total. Não sei se podemos dizer assim, mas se já estamos dizendo... O fato é que Carol não parece nutrir por ele o mesmo sentimento, embora sejam muito amigos.

O anfitrião continuava a olhar diretamente os olhos de Michael, os quais denotavam um nítido interesse pelo assunto.

– O que quero dizer – continuou Dolton – é que talvez Carol até possa se interessar por você. Não sei dizer se irá, mas é uma possibilidade, já que ela não se interessa por Christian. No entanto, meter-se com Christian Levine pode lhe causar problemas.

- Tudo bem. Já entendo o que preciso por enquanto.

E ao dizer essas palavras, Michael levantou-se da cadeira.

- Já vai? Já deu nossa conversa por encerrada? – questionava Dolton.

– Por enquanto sim. Obrigado por todas as informações. Você foi sincero conosco, então também serei: não sei se posso confiar em você e, sendo completamente sincero, sinto que não gosto muito de você, meu caro.

O rosto de Alexander Dolton esboçara um leve sorriso em resposta a essas palavras.

– Tudo bem – disse. Eu compreendo. Tire suas próprias conclusões de tudo. Dentro de alguns meses você já terá uma ideia de tudo o mais nessa fundação. Meu caro, Brian, a você também digo o mesmo. Pensem bem e façam como acharem melhor. Já que nossa conversa se encerrou por aqui, me retiro para meu lugar e os deixo aproveitando o restante da comemoração. Fiquem à vontade.

Assim que Alexander Dolton se retirou para a mesa principal da qual viera, Brian interrogou o irmão: – O que você acha dele?

– Eu acho que ele fala a verdade em tudo o que nos disse, mas não disse toda a verdade.

– Eu acho o mesmo. Mas, ainda mais importante, eu acho que não nos daremos bem com ele. Se nos juntarmos de algum modo ao grupo dele, teremos de seguir as regras dele.

– Eu não acho que seria prazeroso para você ou para mim. Eu realmente não fui com a cara dele.

Michael ainda estava cansado do treinamento com a aura. O sono do qual se privou por dois dias o estavam forçando a um ponto em que ele não conseguia mais concentrar-se no domínio da aura de maneira adequada. Embora não se arrependesse de ter ido à festa, pois aprendeu muito, seu corpo implorava por descanso e ele não poderia tardar muito mais.

No momento em que procurou a saída, pensava apenas em dormir, em descansar. Ele não imaginou que esses planos seriam frustrados, e imaginou ainda menos que ele ficaria feliz por ter seus planos frustrados dessa maneira.

Era Carol Adams que vinha em sua direção. Pelo visto, ela estava chegando na festa nesse exato momento e deu de cara com Michael Makoto.

– Olá! – disse ela ao se aproximar. Então teve tempo de conhecer Alexander?

– Sim, já conheci ele. Como vai você?

– Muito bem. E você?

– Um pouco cansado, eu confesso, mas estou contente por ter encontrado você de novo.

A pele clara de Carol não poderia disfarçar o leve rubor que lhe passou pelas bochechas nesse momento, assim como o cansaço de Michael não poderia ser grande o suficiente para impedi-lo de notar isso.

– Já está melhor em relação ao seu trabalho para o campeonato?

– Não, ainda continuo com a mesma dificuldade que lhe falei. Ainda não sei o que fazer.

– O que Christian acha que é melhor?

Embora Michael tenha tentado com todas as forças falar tais palavras sem parecer inoportuno, o olhar de Carol mudou ao ouvir isso. Ela pensou um pouco antes de responder.

– Ele acha... bem, ele acha que eu devo mesmo criar uma tela do jardim principal. Ele acha que eu tenho o talento certo para isso.

– E você não concorda muito com isso, certo?

– Bem, eu continuo sem acreditar que eu possa reproduzir a essência daquele lugar em uma tela. O campeonato vai acontecer em maio e eu ainda não sei bem o que fazer sobre isso.

– Eu gostaria de vê-la pintando o jardim. Será que poderia?

– Hã... sim, mas...

– Não se preocupe. Só verei e ficarei calado. Você não precisa usar a tela para participar do campeonato.

O olhar dela, dessa vez, pousou sobre os olhos de Michael.

– Amanhã – disse ela.

– Amanhã?

– Sim. Logo depois do almoço. Tudo bem?

– Por mim, tudo ótimo.

– Agora vá descansar – o tom de voz dela mudou para falar isso. Você disse que está um pouco cansado, mas dá pra perceber que você está quase caindo.

– É que...

– Se você não descansar, como vai conseguir observar por algumas horas enquanto eu trabalho numa tela?

Dizendo isso, ela começou a andar na direção da mesa principal.

– Não esqueça de mim amanhã! – falou ela quando já havia dado um passo.

– É claro que não – disse ele baixinho.

Capítulo 6 *Arte e Amor*

I

– Yo te lo aseguro, nunca fallarás. Cuando tu respondas...

– Haha! Outra vez, Carol – denunciava Michael o comportamento de sua companheira. É a terceira vez hoje. Você faz sem perceber mesmo?!

– Aííí! – Exclamava a garota visivelmente perturbada, não com o seu companheiro, mas consigo mesma. Não tem jeito! É um hábito que não consigo deixar! Ah, desde criança, sempre que eu fico nervosa, eu cantarolo essa música e, quando percebo, já cheguei no primeiro refrão.

De fato, Michael percebeu em Carol esse padrão. Já havia uma semana que o campeonato interno de pintura acontecera. Desde que ficou em terceiro lugar, a menina dos cabelos de ouro cantarolava essa música estranha algumas vezes por dia. Michael ainda não se convencera de que a garota fazia sem intenção. Em sua mente, ela a cantava assim para brincar com ele. Esses pensamentos começaram a abandonar a mente de Michael por conta da continuidade do hábito. Sim, por uma semana inteira aquilo se repetia, e Carol não era tão brincalhona assim, Michael bem o sabia.

– Ainda me impressiona ver você a cantar em espanhol – dizia o garoto.

– Eu já disse. Meu pai contratou uma babá quando eu tinha 5 anos. Eu não sei bem de onde ela era, mas ela gostava muito dessa série mexicana. Eu não me lembro do nome, na verdade, mas na série, que ela tinha em VHS, os personagens cantaram essa música uma vez. Eu nunca esqueci, até a letra me ficou na memória. Diga “Churi Churin Fun Flais” quando não souber uma coisa, ou quando não quiser responder. Não me pergunte por que, mas isso continua na minha mente desde a primeira vez que ouvi. E, seja por que for, parece que meu cérebro começa a tocar essa música sempre que meu nervosismo quer aparecer.

– E eu já entendi isso – respondia o garoto que pacientemente ouvia a mesma história pela terceira vez na semana –, mas você ainda está nervosa por causa do campeonato de pintura?

Carol ficou calada e apenas encostou a cabeça ao ombro do companheiro que entendeu bem o significado daquele comportamento. Michael não compreendia todo o amor e importância que Carol imputava às telas que criava, ele próprio nunca se importou tanto por perder um campeonato de karate. Mesmo sem entender, entretanto, o garoto a compreendia. Ele acompanhou por quase 4 meses o esforço de Carol para, por fim, representar o jardim principal em uma tela. Ela não se contentou sequer com o trabalho finalizado; “Ainda não está certo”, dizia ela, embora Michael contemplasse a beleza em cada uma das telas representando o jardim. Havia na menina um bom tanto do sentimento de perfeição que somente os melhores buscam no que fazem. Michael percebeu logo de cara que, embora fosse curioso sem limites, Carol buscava fazer aquilo que amava como ninguém jamais conseguiu antes; ela tentava superar abismos diariamente, mas tais abismos eram tão somente o quão bem ela fora da última vez. Não havia uma competição sincera contra outros pintores, ela só queria ser melhor que ela mesma.

– Minha querida – começou Michael –, eu não sei se você pode esquecer isso por enquanto, mas eu gostaria que lembrasse de algo melhor. Veja – apontava o pequeno rio que passava perto da propriedade da fundação –, lá está a paisagem que

você tanto queria me mostrar. É realmente bela de se ver, e agora entendo porque esperou a primavera chegar antes de me mostrar. Você está comigo aqui. Estamos, nós dois, sentados lado a lado admirando um cenário tão bonito. Se for possível, lhe peço que se deixe levar pelos sentimentos que tem por mim, e junte-os ao belo sentimento que nutre por este lugar. Eu não acredito que você conseguirá pensar em algo triste se fizer dessa forma.

De fato, aquela era uma bela manhã. Datava 9 de maio de 2013. A primavera proporcionava uma bela visão do pequeno rio e da plantação baixa que o acompanhava. O muro que fazia a divisa da fundação com o exterior não permitia que se visse aquilo do lado de dentro, mas sentado – como os dois estavam – em cima da pequena torre que outrora servira de abrigo a algum vigilante, nesse local era fácil de ver todo aquele cenário. Carol postergou o momento de mostrá-lo a Michael, pois queria um dia de primavera perfeito para fazê-lo.

Enfim, o dia chegou. Uma bela manhã, a qual talvez não durasse muito mais, pois o tempo ameaçava mudar para um clima mais chuvoso em alguns poucos minutos. Já havia dois meses, completados no último dia 4, que Michael Makoto e Carol Adams formaram publicamente um casal. Eram, até onde eles sabiam, os únicos que namoravam com alguém da fundação. Christian Levine ficou mais que desgostoso ao saber da novidade da qual já há muito suspeitava, passou, portanto, a ficar distante de Carol. Tudo isso, para a garota, foi difícil, mas ela não ficou abalada, tal era a felicidade que lhe causava Michael em comparação à perda de um amigo que voluntariamente deixara de agradar-se de sua companhia.

Dados esses fatos, é compreensível que Michael temesse a dor que poderia corroer sua amada na última semana. Em alguns momentos, quando a ociosidade se fazia mais presente, ela cantarolava a canção do programa mexicano. Isso demonstrava o quão frequentemente o coração da jovem era invadido por uma dor ou preocupação que não eram naturais. As seguidas vezes que ela repetiu “Estou bem, não é nada demais” ou “Só estou um pouco desanimada, mas vai passar”, nada disso despreocupou Michael, antes, o preocupava mais. Para sua surpresa – e de certa forma, para seu alívio –, o que a jovem de cabelos de ouro disse-lhe em seguida foi algo que lhe tirou um peso dos ombros.

– Sabe – começou ela, depois de um breve momento de silêncio –, eu não estou bem. Eu sei que eu disse que estou, mas a verdade é que eu não estou, e agora é que desisti de tentar me enganar. Eu queria muito vencer aquele campeonato. Não vou conseguir explicar o motivo, mas é um desejo muito forte, extraordinariamente forte. E, em algum momento, eu realmente comecei a acreditar que venceria. Algo me dizia que eu venceria aquele campeonato, e isso se transformou em certeza.

Novamente, ela calou-se, como se algo lhe sufocasse a garganta. Michael não falou nada, estava ali para ela, para ouvi-la e tentar dar-lhe algum conforto. Alguns segundos se passaram e a garota continuou.

– Quando aquela certeza se desfez. Quando eu percebi que não havia conseguido, que minha criação fracassou... – a voz da garota se tornou como a de alguém que está a beirar as lágrimas; calou-se, pois, mais uma vez por alguns segundos, mas no instante seguinte continuou a falar com as lágrimas correndo pela face e voz audivelmente afetada. Ah, eu... eu não sei. Amor, foi como se... se... se eu visse um ente querido morrer...

Fez silêncio. A jovem recostou a face contra o ombro de seu namorado. Logo em seguida, olhou-o nos olhos, com uma expressão que pedia socorro, quase como se temesse que o momento se repetisse naquele mesmo instante.

– Não... – retomou ela. Não é a mesma coisa, mas foi como na noite em que soube da morte de meu pai...

– Querida, você...

– Não, Michael, me deixe falar! – ela o interrompia quase que com raiva; mas o silêncio que ela permitiu se fazer no instante em que se calou demonstrava o sentimento que a atravessou por ter dito aquilo; um sentimento que foi expresso pela próxima palavra que ela, com a voz quase totalmente apagada, dissera: – Desculpa.

– Amor – tentou Michael mais uma vez –, eu quero ajudar você. Entenda que o seu sofrimento também é meu! Não dá pra ver você assim sem que me doa até a alma!

De fato, Carol não precisou olhar o rosto de seu companheiro para perceber que ele também beirava as lágrimas.

– Carol – continuou o jovem Makoto –, eu fico feliz que você tenha se aberto pra mim. Talvez agora eu possa te ajudar.

– Me ajudar?

– Claro!

– Michael... você já me ajuda muito. Eu não sei o que eu teria feito nessa semana que se passou se não visse você todos os dias. Eu tenho que te agradecer, isso sim. Você é que alegrou todos esses dias que se passaram. Ver você era a única coisa que me fazia sorrir. Ah, Amor, se não fosse você...

Foi a vez de Michael recostar-se a ela. Passara os braços em volta do corpo de Carol de maneira que, sentados como estavam, alguém que estivesse do outro lado do rio não saberia dizer com certeza se eram duas pessoas realmente.

– Eu sempre vou estar aqui pra você, meu amor – declarou Michael. Conte comigo pra estar com você em qualquer situação. Eu sempre vou estar lá pra você.

O jovem Makoto estava diante de uma situação completamente nova. Ele certamente nunca havia sentido por alguém o que sentia por Carol. Além disso, estava preocupado há uma semana com a saúde mental de sua namorada, pois ela nunca se mostrou aberta para ninguém, nem mesmo para Michael. Hoje, no entanto, por algum motivo, ela tirava a armadura que outrora vestiu. Mostrava agora sua parte fraca e parou de esconder-se atrás de uma canção, a qual Michael agora pensava que servia exatamente como escudo para seu coração.

Não importava mais a confusão que se fazia no coração do jovem Makoto. Ele agora estava decidido. Não se conheciam há muito tempo, mas ele decididamente amava Carol. Aquela jovem era alguém sem igual aos olhos de Michael e, desde que começou a vê-la pintar, mas principalmente nos últimos minutos, ela passou a ser algo mais precioso para... Carol Adams passou a ser algo insubstituível para Michael.

– Querido – dizia ela –, eu não tenho mais o que esconder de você. Não tenho mais medo que me julgue como fraca, ou que se sinta maior que eu. Eu confio em você, e é por isso que não tenho medo de falar o que já tenho certeza: eu te amo, Michael Makoto. Eu só amei dois homens na minha vida, meu pai e você.

Um sorriso furtivo passou pelos lábios de Michael.

– Bem – disse ele –, só que o amor que você sente por mim e pelo seu pai são tipos diferentes. Hehe.

– Tem razão – disse ela, resoluta –, eu amo meu pai, ele morreu e eu continuo viva; no entanto, eu amo você e, se você morresse, eu tenho certeza que morreria também.

Foi a gota d'água para o jovem Michael. As lágrimas que apenas umedeciam-lhe os olhos passaram a banhar-lhe a face. Essas últimas palavras de Carol tocaram seu íntimo de modo inédito. É inútil tentar descrever a intensidade desse sentimento e o

quão sublime era a emoção que o arremeteu. Ele não sabia o que dizer em resposta. O que alguém poderia responder a isso?! Exatamente por esse motivo, Michael nada disse.

Nenhum dos dois jovens disse uma palavra sequer nos momentos seguintes. Só depois de quase meia hora, quando algumas gotas de chuva começaram a cair sem que eles dessem conta de ver as nuvens aproximarem-se, os jovens voltaram ao mundo real.

– Vamos para dentro do castelo – disse Michael.

Sua companheira não falou nada, Assentiu com a cabeça e levantou-se para seguirem juntos. Foi ao aproximarem-se do jardim que Carol se deu conta das horas. Eram quase 10 horas da manhã. Dali a 15 minutos o senhor Tresdent estaria na sala de pintura reunido com todos os seus alunos – o que incluía Carol – para dar início a mais uma nova temporada de descobertas maravilhosas. Ao menos, assim dizia Carol a Michael.

Assim, se despediram os dois. Tornariam a se encontrar apenas à noite. Até lá, Michael pensava em praticar mais dos exercícios de Amplificação e Movimentação da aura. Ele já estava bem nos dois quesitos, é verdade, mas longe de conseguir ser um bom manipulador. Assim, decidiu-se. Entraria no castelo – pela mesma porta que Carol acabara de atravessar –, cruzá-lo-ia para chegar ao bloco de instrução e iria ao tatame.

Tomou-se de culpa, pois deveria praticar mais karate para o campeonato interno que seria, provavelmente, em outubro. A culpa o abandonou quando recordou a luta entre Carlin Adams e seu pai. A luta que ele sequer conseguira acompanhar com os olhos. Ele precisava melhorar suas habilidades com a aura. Ora, já era muito bom em karate, mas sem manipular a aura corretamente, seria medíocre por toda a vida.

É isso! Vou treinar Amplificação e Movimentação o máximo que conseguir. Se Brian quiser, lutarei com ele e, depois, voltarei a encontrar Carol.

Com sua decisão tomada, dirigiu-se para o castelo. Atravessou o portão, mas não esperava encontrar o que viu. Aquele homem de rosto quase albino e vestido com roupas finas que lembravam um rei. Aquele homem sentado num sofá do salão principal do castelo. O que Sir Ektor fazia ali? Era totalmente diferente de seus hábitos. Aquele homem não passava muito tempo junto ao público, exceto nas ocasiões de eventos que demandavam sua presença.

Homem muito reservado, mas estava ali, num local onde todos poderiam vê-lo e falar com ele. Michael o notou de imediato, mas foi notado por ele um instante antes. Michael Makoto teve pouco tempo para conjecturar o que o mandatário da fundação – e da organização criminosa – estava fazendo ali. Teve pouquíssimo tempo, pois, assim que Michael entrou, aquele homem lhe dirigiu a palavra.

– Michael Makoto! – disse ele com certa empolgação no tom da voz. Já há algum tempo não nos víamos – e ao dizer isso, levantava-se do sofá.

– Como vai, senhor? – perguntou Michael com uma nota de educação que não lhe era característica; mas não havia o que fazer, Sir Ektor impunha um respeito espantoso; não medo, como Marinville, mas respeito.

– Estou muito bem, meu jovem. Você se encontra muito atarefado hoje? – perguntou com normalidade.

– Não muito. Eu pensei em praticar alguns exercícios de manipulação de aura, mas era só isso.

– Deveras? Algo urgente?

– Não, senhor. Algo bem cotidiano.

– Excelente! Poderia atender um pedido meu e alterar seus planos de hoje ou eu estaria sendo demasiado egoísta?

– É só dizer que o posso fazer, senhor – Michael não entendia o porquê de estar tão prestativo a um homem de quem ele não se agradava, mas o fato é que aquele homem possuía um ar de tal modo imponente que não se podia ignorar o que ele falava.

– Nada de muito complicado, meu jovem. Simplesmente gostaria de conversar um pouco consigo.

– Conversar comigo? – Michael era traído por si próprio ao deixar transparecer tanta surpresa.

– Sim, conversar consigo. Está tudo bem?

– Tudo muito bem, senhor.

– Excelente, então. Venha comigo.

Sir Ektor dirigiu-se à porta de seu escritório, abriu-a e observou Michael de maneira convidativa até que o jovem Makoto entrou na sala. Era um dos únicos cômodos do castelo que Michael ainda não havia observado por dentro. Sem dúvida, aquele escritório era belo. Mobiliado com muito bom gosto e elegância.

– Sente-se, meu jovem – disse Sir Ektor apontando uma poltrona próxima à escrivaninha.

Além da poltrona na qual Michael agora estava sentado, havia mais duas idênticas a ela. Havia ainda um pequeno sofá que ficava de frente à escrivaninha; por trás da escrivaninha, uma cadeira que poderia muito bem ser um trono. As duas janelas de dois metros de altura – única maneira pela qual Michael já havia observado parte do escritório – ficavam à esquerda da escrivaninha, na parede oposta à da entrada. Mas a atenção de Michael foi atraída para o quadro que estava pendurado na parede atrás da escrivaninha. Tal quadro era uma obra de Tresdent, representava, ao que Michael podia entender, uma visão aérea de York.

– Meu rapaz – iniciou Sir Ektor –, que gostaria de me perguntar?

– O que eu gostaria de perguntar?! – a surpresa, mais uma vez, era notória na face de Michael.

– Exato.

– Não entendo, senhor – respondeu agora contendo um pouco da surpresa.

– O que você não entende?

– O senhor me chamou para ter uma conversa, não entendo o que eu poderia querer perguntar. Pensei que o senhor é que gostaria de perguntar algo.

– No momento não. Tenho a necessidade imediata de lhe tirar suas dúvidas e inquietações. Claro, se me acometer alguma dúvida ou inquietação que você possa me tirar, meu jovem, espero que possa dispor de você prontamente.

– Certamente que pode, senhor.

– Então me diga.

– Minhas dúvidas?

– Sim.

– Não tenho dúvidas, senhor.

– Nenhuma?

– Nenhuma.

– Não tem nenhuma dúvida sobre a Fundação Levine?

– Não.

– Nem sobre a Grey Star?

Michael Makoto sentiu-se paralisado por um instante. Paralisado como o ladrão que é pego com o objeto roubado nas mãos. Percebendo a condição que se encontrava o pobre rapaz, Sir Ektor continuou.

– Ora, acalme-se, meu jovem, acalme-se. Não há uma pessoa nessa propriedade que não conheça a existência da Grey Star. É natural que você também conheça.

– O que o senhor acredita que eu poderia querer perguntar?
– Ora, se as dúvidas são suas, não serei eu que saberei quais são. Apenas pergunte com tranquilidade e franqueza. Não tens nada a temer, Michael Makoto, muito pelo contrário.

– Pelo contrário?

– Sim. Está ao meu serviço, e sabendo mais, me poderá ser mais útil.

– Tudo isso ainda me parece um pouco estranho.

– Tudo o quê?

– Bem, primeiramente o fato de o senhor achar conveniente ter essa conversa comigo, depois, querer unicamente esclarecer-me.

– Repito, tranquilize-se. E agora me ponha a par de suas dúvidas.

Michael parou um instante para refletir. Ainda estava um pouco inquieto com toda a situação em que se encontrava. Não podia deixar de temer um pouco. Será que aquilo fazia parte de algum teste ou coisa do tipo? Por que mais Sir Ektor faria algo assim? Os constantes avisos de seu pai sobre ter cuidado com o que falar pareciam surgir todos de uma vez na mente de Michael agora. Logo ele, que nunca teve medo de falar o que pensa. Mas ele não tardou a entender algo.

Seja um teste ou não. Eu já estou na armadilha, não posso mudar isso. Mas talvez eu possa me aproveitar disso.

– Bem, senhor – começou Michael após sua pausa. Não sei de quase nada sobre a Grey Star. Tudo o que sei é que é uma organização secreta, que a Fundação Levine serve de fachada para ela.

– Não sabia, portanto, que a Grey Star comete o que algumas pessoas consideram crimes?

Mais uma vez, a sentença diretamente pronunciada pelos lábios de Sir Ektor de forma tão normal causou um efeito funesto em Michael. E, mais uma vez, isso não passou despercebido por Sir Ektor.

– Então, sim, você sabe – continuou Sir Ektor. Obviamente, como poderia não saber? Por Deus, você conheceu Marinville enquanto ele pegava uma peça de um museu. Vamos, meu rapaz, pode ser honesto. Não peço que me conte tudo, peço que me pergunte tudo o que quiser.

Michael estava inegavelmente com medo. O que poderia significar tudo aquilo? Ele não podia saber quais as intenções de Sir Ektor. Fosse como fosse, entretanto, era mais que óbvio que uma das coisas que Sir Ektor queria era honestidade. Se era um teste, Michael foi pego mentindo uma vez e “ocultando a verdade” também uma vez. Seria seguro ser pego uma terceira vez?

Por mais paradoxal que possa parecer, foi esse medo que deu coragem ao jovem Makoto. E com essa coragem, oriunda de uma fonte tão pouco usual, ele conseguiu entrar no jogo daquele homem.

– O que é a Grey Star de verdade? – perguntou o jovem rapaz com certa inocência em sua voz;

De pronto, Sir Ektor elaborou uma resposta.

– A Grey Star, meu jovem, é uma organização que, como você mesmo disse, é secreta. Eu não a criei, meu pai foi seu fundador, eu apenas continuo de onde ele parou. O mais importante que tem de ser observado aqui é que a Grey Star tem uma finalidade filantrópica também, por mais estranho que isso possa soar aos seus ouvidos; explicarei melhor, mas saiba, de antemão, que a segunda coisa mais importante que tem de ser observado por si, meu rapaz, é que você não deve falar de tal organização, sob nenhuma hipótese, a quem quer que seja.

Sir Ektor falava tudo com o mesmo tom de voz e a mesma expressão facial que estava ao entrar no seu escritório. Fez uma pequena pausa nesse ponto para ver se Michael concordava com a última questão. Michael logo fez sinal afirmativo com a cabeça e Sir Ektor continuou.

– Nesse mundo, meu rapaz, a lei nem sempre é justa. Para fazer justiça, muitas vezes, temos de agir fora da lei. A Grey Star faz isso. Não poupamos recursos ou qualquer meio que seja para alcançar nosso objetivo. Se acreditamos que a justiça não está sendo feita em algum local que pode ser atingido por nós, então intervimos.

“Todos os jovens da Fundação Levine devem entender isso. Somos, de certa forma, um exército. Servimos, não a uma nação, servimos ao mundo, ou melhor, às pessoas do mundo.”

Essas palavras pareciam verdadeiras aos ouvidos de Michael, mas ele não perdeu a desconfiança por nenhum momento. Continuava sem saber até que ponto poderia acreditar no que aquele homem dizia. Além disso, ainda que as intenções dele sejam as melhores, quem poderia garantir que os resultados eram?

– Eu sou o líder da Grey Star. Ao meu lado, para me aconselhar e auxiliar, estão Joseph Marinville e Neville Trusten, os quais você já conhece. Os demais instrutores da fundação são todos membros da Grey Star.

– Pensei, senhor, que o Sr. Adams também fazia parte dos seus principais auxiliares.

– Carlin é um homem notável. Ele é um dos que mais se destaca em tudo, portanto, tenho-o em alta conta e ele praticamente é tão influente quanto Neville. Entretanto, nas formalidades, Neville está acima de Carlin.

– Acredito que entendi, senhor.

– E que dúvidas mais teria você, meu rapaz?

Michael hesitou um instante, mas logo pensou consigo que não poderia piorar sua situação sendo mais curioso.

– Gostaria de entender o que é a Fundação Levine – disse o rapaz.

– É exatamente o que se diz dela.

– Mas e para o senhor?

– Ah, para mim? Além de ser um esconderijo para nossas ações reais, é uma ótima maneira de fazer com que uma nova geração surja da maneira correta.

– Notei, senhor, que as regras permitem que os jovens interajam de uma maneira um tanto, se posso dizer assim, descontrolada. Não me entenda mal, uso essa palavra para dizer que agimos sem sermos controlados pelo senhor. Até mesmo lutamos entre nós para decidir grupos quase como partidos políticos.

– Sim, é uma das maneiras que tenho acreditado ser o melhor para os jovens. Isso os prepara para o mundo real. Não adiantaria que fôssemos paternos em excesso, pois os poríamos a perder.

– O senhor acha que isso é o que mais nos faz crescer? Mais nos faz ser melhores?

– Não, é um dos fatores, mas não é o principal.

– Qual é o principal?

– Ah, meu caro, obviamente o amor.

Inexoravelmente, a mente de Michael foi levada até a manhã que passou-se há pouco. Carol Adams surgiu em sua mente.

– Não entende o que quero dizer? – questionou Sir Ektor.

– Sinceramente, não muito bem – respondeu Michael quase como se estivesse um pouco no mundo dos sonhos e um pouco no mundo real.

– As pessoas só se movem por conta da motivação. Tudo o que eu faço é por ser motivado a fazer.

Michael fez sinal de que entendia perfeitamente.

– A motivação surge de duas bases: o desejo de buscar o prazer e o desejo de evitar a dor. Existem várias coisas que podem motivar alguém, mas uma das mais poderosas, talvez até seja a mais poderosa, é o amor. Ao amar, você sente um prazer inexplicável, um prazer de tal forma complexo que anula a maioria das dores. Daí a força motivacional do amor. Por isso, o que é primordial para os jovens da Fundação Levine é amar o que fazem.

Michael estava tentando entender, mas transparecia em seu rosto que não estava tão claro para ele.

– Só existe uma maneira, meu jovem, de amar o que se faz: fazer arte. Cada uma das pessoas que participa da Fundação Levine deve encarar o que faz como uma arte, não como um trabalho. Prezo muitíssimo por isso. É por isso que os desenvolvedores de softwares da fundação são alguns dos melhores do mundo; também os softwares que licenciemos são dos melhores e são uma fonte de renda significativa para a fundação – pois uma porcentagem da licença é revertida para a fundação. É por isso que os nossos pintores e os nossos músicos ganham prêmios todos os anos. É por isso que os nossos atletas se destacam nos maiores eventos do mundo. Compreende?

– Então o senhor nos faz fazer o que gostamos?

– Não. Tentar fazer isso é uma missão demasiado complexa. Existe algo mais simples: transformar aquilo que você faz em uma arte. Faço isso ao ver que você é bom em karatê. Sabendo disso, meu trabalho é transformar todo o ambiente ao seu redor em algo que propicie a você o sentimento de arte na prática do karatê, o sentimento que nutrirá o pensamento “É uma honra e uma alegria imensa poder praticar karatê”. Isso, por fim, leva ao amor pelo karatê.

A mente de Michael Makoto absorveu todas aquelas palavras. Ele mesmo não sabia se entendia tudo o que Sir Ektor lhe falara, mas ele lembrou do sentimento de Carol pela pintura. Para ela, não bastava fazer um quadro belíssimo, ela precisava que o quadro fosse perfeito. Pra ela, era certamente uma dádiva poder retratar algo em uma tela.

– Compreende tudo isso, meu jovem? – perguntou Sir Ektor após um breve instante.

– Acho que sim, senhor.

– Que gostaria mais de perguntar?

– Nada, senhor. Acredito que já perguntei mais do que deveria.

– De maneira nenhuma.

– Não tenho mais dúvidas, senhor.

– Sendo assim, já que eu também não tenho nada a perguntar, podemos dar por encerrada nossa conversa, Michael Makoto.

– O senhor deseja algo mais de mim por enquanto?

– Não, meu rapaz, por enquanto não. Apenas, é claro, que não alimente dúvidas sobre a Fundação Levine ou a Grey Star. Procure-me, se achar que posso esclarecer-lhe algo mais.

– Sim, senhor.

Ao dizer isso, Michael já havia se levantado. Agora já cruzava a porta para o salão e deixava Sir Ektor sozinho em seu escritório.

A mente do pobre rapaz estava nublada de dúvidas e preocupações. É verdade que aprendeu algumas coisas que lhe pareciam bastante lógicas, mas estava preocupado com a finalidade dessa pequena entrevista às avessas que Sir Ektor desejou tanto. Para

piorar, teve de lidar com um pensamento que ele não queria ter. Uma ideia que ele não podia acreditar que era verdade. Sir Ektor disse que todos na Fundação Levine conheciam a Grey Star. Para Michael isso significava que Carol sabia de tudo aquilo. O único pensamento reconfortante era de que ela acreditara na história de filantropia que Sir Ektor enfatizou.

Michael passou meses com esse pequeno temor em sua mente. Nunca, nem por um só segundo, teve coragem de perguntar algo assim diretamente à Carol. Ele tinha de acreditar na inocência, ou na ingenuidade. Não foi a primeira vez que esses pensamentos assaltaram-lhe a mente e não seria a última. Ao menos agora tinha um conforto, ele tinha uma defesa para Carol, ele podia acreditar que ela confia nas boas intenções de Sir Ektor. Ele tinha de confiar nisso.

É claro que sim. É isso!

No entanto, não importando o que ele dizia ou imaginava, quando ficava desprevenido, Michael era acometido por um pensamento que vinha e se esvaía rápido como um relâmpago, mas que começava mais uma vez o ciclo de dúvidas e preocupações. Uma só palavra que fazia com que o pobre rapaz não pudesse se concentrar vivamente no treinamento de manipulação ao qual ele se submeteu já há quase 3 horas. Uma só palavra era sempre o suficiente para começar tudo de novo. Aquela palavra que trazia os pensamentos aterradores: *Será?*

II

Michael Makoto passou a manhã com Carol Adams. Em seguida, ao aproximar-se o meio dia, conversou alguns minutos com Sir Ektor. Quase a totalidade da tarde foi dedicada ao treinamento de manipulação da aura, treinamento que não foi tão produtivo quanto deveria ser, já que a mente do jovem rapaz estava nublada de dúvidas e preocupações – aparentemente, ele ainda não se acostumara com esse estado mental; ou, talvez, os acontecimentos do dia tenham deixado o rapaz num estado sobremaneira perturbador.

Ao bater das 6 horas da tarde, Michael já estava esperando por Carol no salão principal. Passariam a noite juntos no jardim, o qual Carol ainda admirava demasiado. Pouco mais de meia hora depois do bater das 6, Michael e Carol já estavam no jardim, enquanto um homem de quase 2 metros de altura estava adentrando o escritório de Sir Ektor após ser autorizado.

– Aqui estou, Vossa Graça – disse Marinville ao colocar o primeiro pé no escritório.

– Pois bem, Joseph, tudo já está pronto? – questionou Sir Ektor sem mais delongas.

– Amanhã mesmo, senhor.

– Já falou com Satoshi Makoto? Acha que ele vai cooperar?

– Terei uma pequena conversa com ele em uma hora, excelência. No entanto, tenho plena certeza de que ele cooperará.

– Plena certeza?

– Não há uma só dúvida em minha mente – disse Marinville confiante.

Sir Ektor refletiu um pouco. Por fim, continuou.

– Como é possível que possa existir tal gravação, Joseph? Você não inutilizou todas as câmeras?

– Não o fiz pessoalmente, excelência. A habilidade de Gerald era muito mais indicada que a de qualquer outro na fundação. Não sei como qualquer câmera passou

despercebida por ele. Acredito, sinceramente, que ela foi colocada de forma a evitar ao máximo ser detectada.

– Se era isso, atingiram o objetivo.

– Por sorte ainda tenho um contato na Interpol que foi capaz de postergar que vissem essa fita. Foi muita sorte. Talvez ela contenha informações que não devem cair de maneira nenhuma nas mãos de qualquer um que não seja um membro da Grey Star.

Sir Ektor mais uma vez refletiu. Marinville não conseguia perscrutar aquele rosto, era por isso que ele precisava adiantar as coisas.

– Quanto aos garotos Makoto, excelência? Que achou?

– Ah, é verdade. Nenhum deles fará nada para nos prejudicar. Estão com medo. No entanto, Joseph, isso não durará. Dou-lhe, pois, um ano. É esse o tempo que você tem para cuidar deles da maneira que acredita ser melhor. Decorrido esse tempo, eu tomarei o caso em minhas mãos. Por mais valiosos que eles sejam, o risco é alto demais. Já alertei todos os membros, você é o único que ainda faltava. Espero, inclusive, que você mantenha os dois olhos em Satoshi Makoto durante todo o tempo em que estiverem fora. Ele tem, simultaneamente, o potencial para facilitar em mil vezes essa missão ou para dificultar em mil vezes toda a nossa existência.

– Pode contar comigo, excelência. Nunca o desapontei e isso não mudará.

– Mantenha-se precavido – insistiu Sir Ektor.

Como se Marinville observasse a porta e Sir Ektor percebesse que ele pensava em se retirar, o nobre continuou.

– Quem mais levará?

– Iremos somente Satoshi Makoto, Carlin Adams e eu.

A nobreza de Sir Ektor, que vivia estampada em seu rosto, deu lugar à surpresa, embora por apenas um instante.

– Acredita que é sábio levar Carlin e Satoshi juntos numa missão? – questionou Sir Ektor.

– Acredito.

– Por que causa?

– Satoshi Makoto pode muito bem ter alguma intenção obscura, mas ficará muito mais intimidado ao lembrar o quanto Carlin é... excêntrico. Isso ajudará a manter o Makoto sob controle.

– Faz sentido. Entretanto, você terá de redobrar sua atenção, ou a missão será convertida em um duelo de morte.

– Cuidarei para que isso não aconteça, excelência.

Sir Ektor soltou um pequeno suspiro e continuou.

– Tenho apenas mais uma coisa a dizer, Joseph.

– Sou todo ouvidos, excelência.

– Se, por um momento que seja, você sentir que Makoto está tramando algo que possa pôr em perigo a nossa existência, não quero que hesite por um segundo em tirá-lo da vida.

Marinville sorriu suavemente.

– Fique descansado, excelência – disse. Não há maneira de Satoshi Makoto me enganar.

– Tenho a impressão, Joseph... – hesitou.

– Sim?

– De que você conhece bem esse homem – ao completar o que dizia, Sir Ektor fitava Marinville de uma maneira inédita.

– Conheço-o, excelência. Conheço-o tão bem que me permito ter a confiança que tenho.

- Que seja. Pode ir, e tome todo o cuidado.
- Tomarei. Retiro-me, Vossa Graça.

Com um aceno de mão, Sir Ektor dispensou Marinville, que agora se encontrava rumo ao salão de festas. Estava começando a ficar ansioso por ter finalmente a conversa que tanto desejava ter com Satoshi Makoto. Embora Sir Ektor, com seu rosto impenetrável que não permitia a Marinville discernir o que se passava naquela mente astuta, tivesse criado um pequeno sentimento de dúvida no coração de Marinville, as coisas pareciam correr exatamente como o previsto.

Amanhã você dará seu primeiro passo decisivo em meu favor, Satoshi. Sei que fará o melhor por seu velho amigo.

Capítulo 7

O Vendaval Que Anuncia a Tormenta

I

O dia se passou de uma maneira bem comum. É óbvio que “comum” já não tinha o mesmo sentido agora. Satoshi Makoto estava muito acostumado aos mais adversos tipos de situações que a maioria das pessoas sequer poderiam imaginar, mas ter Michael e Brian no meio de algo que ele próprio não podia mensurar fez com que seu nível de preocupação alcançasse outros patamares.

Mas o dia estava mesmo comum. Satoshi deveria dar conta de verificar a validade de uma série de acordos e convênios que a Fundação Levine mantém com diversas organizações da Inglaterra e de outros países da Europa, até mesmo com os Estados Unidos e com o Egito – este último surpreendeu Satoshi. Tudo isso estava ao alcance dos conhecimentos de Satoshi Makoto, que era especialista em direito internacional, por isso recebera aquela função entre outras mais.

Uma nuvem começou a nublar o céu de Satoshi, entretanto, no momento em que Jonathan Dolton surgiu na porta do escritório que Satoshi recebeu para o trabalho. Um escritório bonito, mobiliado tão bem quanto o de Sir Ektor, embora muito menor. Quando Dolton abriu a porta do escritório, um mau pressentimento preencheu a mente de Satoshi.

– Olá, Makoto – disse o homem que acabava de entrar. Só vim buscar uns papéis antigos que estão aqui.

– Fique à vontade, meu caro.

– Marinville me pediu que lhe dissesse que ele quer falar-lhe às 7. Ele o aguardará no quarto.

– Eu devo ir até o quarto dele?

– Sim, o quarto e o escritório são o mesmo aposento.

– Tudo bem. Mensagem transmitida. Obrigado.

– Ah, aqui está – disse Dolton, ao encontrar uma pequena pasta com alguns papéis. Já vou deixá-lo trabalhar em paz, meu caro. Até uma próxima vez.

Trabalhar em paz? É verdade, por que eu não estaria em paz? Não é a primeira vez que o senhor Marinville quer falar comigo.

Satoshi repetiu essas palavras algumas vezes em sua mente, mas não conseguiu se convencer disso. Ele não pôde voltar a se concentrar no trabalho. Até que o relógio bateu as 7 horas. O convênio celebrado entre a Fundação Levine e o governo da França não recebeu um só minuto consecutivo de sua atenção depois da visita de Dolton.

Quando finalmente o horário chegou, Satoshi Makoto estava diante da porta do quarto de Joseph Marinville. Ao bater, a voz inconfundível daquele homem lhe chegou aos ouvidos para lhe conceder autorização de entrada. Satoshi Makoto obedeceu a voz e entrou no recinto.

– Quer falar comigo, senhor? – perguntou Makoto enquanto fechava a porta atrás de si.

– Sim, Jonathan lhe deu meu recado, certo?

– Sim, senhor.

Joseph Marinville estava sentado em frente a sua escrivaninha com um pequeno pedaço de papel que ele aparentemente lia. No mesmo instante em que Satoshi fechou a boca, Marinville levantou-se da cadeira e ficou de pé frente a frente com Satoshi.

– Muito bem, Makoto – disse ele –, você terá uma missão externa comigo amanhã. Sairemos daqui ao meio dia e cuidaremos de alguns assuntos em Nova York até que chegue o momento em que você deverá usar sua influência com a Interpol para conseguir obter uma fita de vídeo que foi gravada no dia em que eu e alguns dos instrutores dessa fundação invadimos o Museu de História Natural.

À medida que Satoshi ouvia aquelas palavras, uma após a outra, começou a inquietar-se. Ele não esperava que Marinville e Sir Ektor ignorassem quem ele era, mas as palavras de Marinville incutiram-lhe o que Satoshi só poderia chamar de terror.

– O que exatamente eu devo fazer? – perguntou Satoshi.

– Não se preocupe com detalhes. Nós temos um amigo que está ajudando a manter a gravação longe do conhecimento das pessoas erradas, mas não tardará para que ele não consiga mais fazer nada. Você tem alguma influência junto à Interpol, isso será o suficiente para que você nos faça entrar no prédio para que Carlin possa pegar a fita.

– Carlin também irá, portanto?

– Sim, Carlin tem uma habilidade que se encaixa muito bem para esse tipo de coisa. Aliás, me impressiona saber que o Museu de História Natural grava fitas de segurança hoje em dia. Pensei que tudo fosse gravado em HD.

– Eu não estou a par do sistema de segurança do museu, mas sei que manter um ou outro meio mais antigo é uma boa forma de redundar a segurança.

– É verdade. Quem invade pode não pensar que isso seja uma realidade e negligenciar tal cautela.

Marinville olhou para o papel sobre a escrivanhinha e o pegou. Olhou algo escrito e leu em voz alta: – “Tudo o que sei sobre Satoshi é que ele teve um filho com Annie antes que ela morresse por causa do câncer. Mas o curioso é que ele tem dois filhos, não sei de onde saiu o outro, mas com certeza o mais novo não é seu filho legítimo. Isso é o que sei sobre ele...”.

Satoshi Makoto sentiu seu corpo adormecer. Marinville olhou-o diretamente e continuou a falar, agora sem ler.

– Sabe quem escreveu isso? – perguntou Marinville, ao que Satoshi só agitou um pouco a cabeça negativamente. Ah, ele está morto agora. Essa carta me foi escrita há 15 anos, pouco antes dele morrer.

A boca de Makoto se abriu para emitir algum som, mas a voz lhe morreu na garganta.

– Você deve se lembrar dele ainda, Satoshi – continuou Marinville sem dar atenção à tentativa de falar que Satoshi implementou. Lembra, é claro, de seu amigo Salomon. Foi ele que escreveu essa carta para mim há 15 anos. Sabe como ele morreu?

A voz de Satoshi retornou de um susto e falou quase morrendo mais uma vez:

– Assassinado! – disse Makoto.

– Sim, é verdade. Salomon foi assassinado. Ele pensou que poderia me enganar, tentar me vender. Pobre diabo!

Por quê?! Ele me conhece há tanto tempo assim?!

– Então faz 15 anos que o senhor me conhece?! – perguntou Satoshi revivido.

– 15 anos? Ora, Satoshi, meu amigo, meu velho amigo. Nos conhecemos há muito mais tempo. Fomos companheiros, dividimos o mesmo teto sob a tutela de um mesmo professor que cuidou de nós como só se cuida de um filho. Fomos amigos desde criança. Você, Benjamin, Mizushi, Salomon e eu. Até o dia em que vocês resolveram me matar, lembra-se?

Todo o sangue que havia no corpo de Satoshi Makoto parecia ter-lhe subido até a cabeça. Um só pensamento veio à mente do pobre homem que agora acreditava piamente que estava perdido e, muito pior, seus filhos também estavam. De um salto,

quase que por reflexo, Satoshi recuou até próximo à porta e concentrou quase 80% de sua aura nas duas mãos, deixando cada uma delas num estado em que pareciam sair faíscas de cada uma, como quando uma serra de aço trava uma luta para cortar uma placa de metal.

Marinville conhecia essa técnica, Satoshi bem sabia disso. Era uma técnica especial, só Satoshi conseguia fazer aquilo, todos sempre acreditaram que a aura dele tinha alguma propriedade diferente que permitia que isso acontecesse. Nesse estado, a mão de Satoshi é igual a uma serra ou uma furadeira, porém, mais poderosa. Não houve, até hoje, uma pessoa que pudesse proteger-se de um ataque de Satoshi nesse estado. A força penetrante de sua mão não era parada por quase nada, até mesmo aço amplificado era perfurado. Contudo, para usar tal técnica nas duas mãos simultaneamente, era preciso concentrar muita aura apenas nas mãos e deixar o resto do corpo quase desprotegido. Numa batalha, essa condição é perigosa, mas Satoshi fez isso nesse momento sem nem mesmo perceber. Somente agora ele parava para entender que estava numa situação tão ameaçadora que tentou, involuntariamente, fazer o melhor para escapar.

– Sério? – disse Marinville. Você quer mesmo fazer isso?

Fez-se silêncio por alguns segundos.

– Você sabe que não pode me vencer, Makoto! – disse Marinville, pela primeira vez levantando a voz. Você nunca conseguiu! E hoje também não vai conseguir!

Mais uma vez o silêncio se fez por alguns segundos, até que Marinville voltou a falar, mas com a voz calma e controlada de sempre.

– Não, Satoshi, você não pode me vencer. E mesmo que conseguisse, não conseguiria fugir daqui com seus filhos, então se acalme e faça sua aura voltar ao estado normal. Eu não quero quebrar nada no meu quarto.

Satoshi permaneceu alguns segundos mais na mesma posição, mas seu olhar baixou e suas mãos agora voltavam ao normal. Seu coração, entretanto, ainda estava pulsando desesperadamente. Sua voz não estava mais morta, e o terror que ele sentia agora lhe fez falar ousadamente.

– Você é realmente ele?

– Seu velho amigo Eiji? Sou eu.

Tudo ainda parecia tão irreal que Makoto não conseguia acreditar. Aquele homem. Vivo e em sua frente, com uma aparência muito diferente, com um nome novo e conhecedor de aparentemente tudo sobre Satoshi. Um pesadelo era a definição daquela cena.

– Se você está se perguntando como mudei tanto, é uma longa história que você não precisa conhecer. Basta saber que eu tive de trabalhar para muitos tipos de homens desalmados durante vários anos, até que Sir Ektor me contratou e, literalmente, me fez nascer de novo. Ele viu um grande valor nos meus serviços. Por causa desse grande valor, ele pagou muito caro para que a única pessoa no mundo inteiro que pode mudar digitais e feições drasticamente me fizesse ser outra pessoa. Eu passei a ser Joseph Marinville. Até minhas orelhas são diferentes hoje, você não imagina o quanto aquela mulher pede por uma cirurgia assim, afinal, é um uso para a aura que ela monopoliza. Ganhei também documentos novos e todo um histórico de vida na Inglaterra. Se você pesquisar, verá que nasci em Londres, de pais londrinos, e vivi uma boa vida por aqui. Sir Ektor pagou caro por tudo isso e me colocou a seus serviços até hoje.

– Isso é muito para acreditar – dizia Satoshi, sem nem mesmo olhar na direção de Marinville; ele sabia que se fosse para matá-lo, Marinville já o teria matado.

– É muito, tenho certeza.

– Por que ainda não me matou?

– Matar você? Ficou louco, Satoshi? Nunca me passou pela cabeça matar você. Ainda mais agora que tudo começa a ficar tão interessante. Eu entendo o porquê de vocês terem tentado me matar. Entendo mesmo. Não vou perder meu tempo com vingança. Contanto que fiquem fora do meu caminho, não há uma só pessoa no planeta que eu deseje matar, principalmente se é alguém como você. Você vai me ajudar, não vai?

– Eu não tenho escolha, tenho?

– Sempre temos uma escolha, Satoshi. Eu fiz a minha muitos anos atrás e, por ter feito, vocês escolheram me matar. Benjamin quase conseguiu, mas isso não vem ao caso. Estou contando essa história a você, meu amigo, para que entenda de uma vez por todas que não tem como livrar-se de mim. Amanhã eu espero sua total cooperação.

– Então você escolheu meus filhos por já saber que eles são meus filhos?

– Essa é a parte engraçada da história: eu realmente não sabia que eles eram seus filhos, foi uma surpresa para mim também. Eu tenho planos que incluem eles dois, mas você foi uma surpresa agradável, Satoshi.

O rosto de Satoshi estava mórbido. Todo seu corpo estava inconstante. Satoshi não sabia como ainda permanecia de pé, mas falou mais uma vez.

– Meus filhos estão seguros, então?

– Já disse. Contanto que não entrem em meu caminho...

– E nós estamos fora do seu caminho?!

– Mantenha a calma, homem. Sim, estão fora dele. E eu simpatizo com cada um de vocês, Makoto. Espero nunca precisar fazer nada contra nenhum de vocês. Bem, isso é tudo. Pode ir, e amanhã esteja pronto, ao meio dia.

Satoshi não se moveu. Continuou parado e olhando Marinville por um instante. Aquele homem alto pareceu incomodado com o escrutínio que estava sofrendo.

– Eu disse que pode ir. Vá – disse ele.

Ao ouvir isso, Satoshi se retirou rapidamente do quarto e andou às pressas ao encontro de seus filhos.

Isso é pior que qualquer coisa! Eu tenho de avisar ao sensei de algum jeito! Eu tenho de fazer alguma coisa e não posso deixar esse homem desconfiar de nada! Por que eu tinha de meter meus filhos nisso?!

Parou de repente, quando ainda se aproximava do salão principal.

Acalme-se homem! Pensar demais não vai ajudar em nada!

Parado em um dos muitos corredores do castelo, Satoshi Makoto fez um esforço heróico para conter o fluxo de seu sangue. Ali, parado, em pleno corredor, respirou fundo várias vezes. Permaneceu quase estático por mais de um minuto inteiro, até sentir que estava menos exaltado e capaz de pensar com relativa clareza.

Agora eu preciso ter calma antes de qualquer outra coisa.

II

– Provavelmente não mais que um dia – respondia Satoshi às perguntas que Brian lhe dirigia.

– E eles querem que o senhor vá sem dizer aonde? – continuou Brian.

– Filho, já chega – dizia com voz complacente. Você já entendeu, não é? Não temos total liberdade, precisamos seguir certas regras.

– Eu sei, pai, mas...

– Você já entendeu, não é, Michael? – perguntou ao garoto sentado em sua cama e de cabeça baixa; sua resposta foi um ligeiro balançar de cabeça afirmativo.

Tal gesto, conjugado ao que seu pai já havia dito, fez com que Brian não mais pudesse falar nada. Fora o suficiente para incutir-lhe o bom senso mais uma vez.

– Já são quase 11 da manhã – anunciou Satoshi Makoto, que agora consultava seu relógio de pulso. É melhor que eu vá agora. Brian, posso contar com vocês dois mantendo o bom comportamento aqui?

Aquela pergunta veio acompanhada de um olhar escrutinador que atravessaria até a alma de Brian, ao menos foi isso que Michael pensou ao ver o rosto do pai. Para Michael, não seria necessária a resposta, pois aquilo era claramente uma ordem e uma ordem que seria obedecida. Mesmo assim, a resposta veio.

– Pode sim, pai – respondeu Brian com a voz quase sussurrante.

– Bom. Sendo assim, já vou indo, garotos.

Não houve outra palavra ou outra ação no quarto até que a porta se fechou atrás de Satoshi Makoto. Foi só então, com o passar de alguns segundos mais, que Brian ousou falar, mas sem olhar para o rosto de Michael.

– O que há com você? Não percebeu que isso não é normal?

Michael sentiu um leve gargalhar interior. Na grande maior parte das vezes, Brian era muito mais prudente e perceptivo que Michael, mas existiam também os momentos em que os sentidos dele pareciam embotar, tal qual pareceu a Michael que acabara de acontecer.

– Você está olhando para o lugar errado, meu irmão – começou Michael, em resposta.

– O quê?

– Você está olhando para a situação estranha e está deixando de lado o que é muito mais estranho. Passou a noite e a manhã inteiras e não percebeu ainda?

– Michael, sem brincadeiras agora! Do que é que você tá falando?

Essas palavras soaram de maneira estranha aos ouvidos de Michael. Era estranho ouvir Brian falar de brincadeiras quando ele era o autor de 99% de todas as brincadeiras pelas quais Michael já havia passado. A situação, entretanto, era muito mais importante que isso, pelo que Michael deixou esse pensamento e focou no que importava.

– Nosso pai, seu cego, passou a noite inteira inquieto. Hoje pela manhã, ele passou horas pensativo, quase não percebia que estávamos aqui com ele.

Fez silêncio por alguns segundos e Michael pôde ver no rosto de Brian o resplandecer do entendimento que estava sufocado.

– Percebeu agora? – continuou Michael. Essa missão, seja certa ou errada, não significa muito. Satoshi Makoto não é alguém que fica perplexo por pouca coisa. Não me lembro de ter visto nosso pai perplexo mais que duas ou três vezes. E, se você parar para pensar, vai lembrar que ele não demonstrou nenhuma vez, nem mesmo uma só vez, qualquer sentimento de temor, ou receio, mesmo depois de já estarmos aqui.

– Então você acha que alguma coisa já aconteceu?

– Tenho certeza! Seja o que for, o pior já aconteceu. Talvez essa missão nem tenha nada a ver com isso.

– Duvido muito. Eu sei que essa viagem tem algo de muito estranho.

– É, talvez. Mas o que assustou nosso pai já aconteceu. É disso que ele está com medo. O que quer que aconteça nessa missão... já não acredito que seja possível impedir.

– E você vai ficar aí sem fazer nada?! – Brian estava quase gritando.

O tom de voz e o sentimento impellido por Brian levaram Michael mais uma vez a rir no interior de sua mente.

– Eu vou fazer o que meu pai disse pra eu fazer. E você?

– Vai “se comportar”?!

– O máximo que eu puder! – respondeu Michael, decidido. Não faço ideia do que aconteceu, muito menos do que vai acontecer. O que será que eu posso fazer de bom sem saber de nada do que está acontecendo? Me diga. Sem saber de absolutamente nada!

Brian estava visivelmente perturbado com tudo aquilo. Michael agora tinha que acreditar que seu pai sabia o que estava fazendo. Afinal, ele sempre soube. Era possível entender o motivo que deixou Brian instável, mas não esperava esse comportamento do “sempre prudente Brian”.

Brian saiu do quarto, sem nem ao menos dizer uma só palavra a mais, somente pegou sua espada de madeira – que já lhe havia sido entregue – e se foi. Michael não sabia para onde ele próprio iria, nem o que fazer. Porém, sabia que não devia fazer nada fora do normal.

Procurar Carol, claro!

Michael podia não estar tão exasperado quanto Brian, mas não estava calmo. Ele precisava acalmar-se e sabia disso, e só Carol Adams poderia fazer isso naquelas circunstâncias.

Saiu e fechou a porta do quarto. Passou pelo restaurante, onde não havia mais que 10 pessoas, e seguiu sem dar atenção a mais ninguém quando percebeu que Carol não estava lá.

Chegando ao jardim principal e percebendo que ela não estava lá também, pensou de imediato que o local mais provável para achá-la seria na sala de pintura. Não era a hora do dia mais apropriada para pintar, mas Carol não era tão previsível a esse ponto. Quando lhe dava vontade, voltava-se para a pintura e esquecia-se do resto do mundo.

Guiado por tais pensamentos, Michael se encontrou no corredor que ligava o castelo à ala de instrução antes mesmo que pudesse se dar conta disso, tal era a pressa em ver sua amada.

Dessa forma, em menos de um minuto já estava de frente à porta da sala de pintura, a qual foi puxada por ele de imediato.

Ninguém?!

De fato, não havia ninguém naquela sala. Nem Carol, nem nenhuma outra pessoa. Se ela não estava no dormitório e também não estava na sala de pintura ou no restaurante, tampouco no jardim principal... onde estaria Carol Adams?

Michael, de súbito, foi tomado por um sentimento nefasto. As palavras que Brian usara em sua presença ainda há pouco voltavam para desafiá-lo. Será que ele deveria fazer algo? Será que Carol fora atingida pelo que quer que tenha assustado o pai dos garotos? Esse sentimento, fortificado pelos pensamentos que nublaram a mente de Michael, estavam começando a apavorar o pobre rapaz. Sim, pavor! Essa é a palavra certa.

– Michael Makoto?

Como um raio de sol que quebra a escuridão, essas palavras abriram passagem na mente de Michael que, por um momento, se encontrou perdido em seu próprio ser. Era Lenina Hawk, instrutora de programação. Era uma mulher alta, morena e de pele escura, com olhos que, para a maioria dos homens, não seriam difíceis de confundir com pérolas negras de tão belos e brilhantes. Ela não tinha mais de 30 anos, com toda certeza. Era solteira, até onde se sabia, e metade dos homens da Fundação Levine queriam ter alguma coisa com ela. Linda e genial, o tipo de mulher que consegue marcar os homens.

Michael, por sorte, não se sentia muito atraído por ela. O máximo que ele sentia era a admiração normal pela extraordinária beleza que aquela mulher exuberava. Carol

tomava demasiado espaço no coração de Michael para que Lenina Hawk pudesse significar algo grande.

– O que você está fazendo? – perguntou ela.

– Ah... Eu, eu estou procurando pela Carol, minha namorada.

– Sei, conheço a Carol Adams. Eu pensei que você estava indo para a festa que Alexander está dando.

– Alexander Dolton?!

– Isso.

– Ele está dando uma festa?

– Na piscina, bem acima de nossas cabeças.

Aquilo era novidade! Como Dolton estava realizando uma festa e Michael sequer sonhava com isso? Brian também não sabia ou esqueceu de falar a respeito por conta da situação esquisita do dia? O segundo andar é reservado exclusivamente à piscina e é feito de forma a não deixar sair som algum, embora muito bem iluminado pela luz solar nos dias em que esta se apresenta disposta a isso. Era o local mais provável para Carol estar, ou melhor, era o único lugar que poderia estar, agora que já era sabido que ela não se encontrava em nenhum dos lugares de costume.

– A senhora está indo pra lá, instrutora? – perguntou Michael.

– Não me chame de senhora. Chame-me Lenina. Tenho apenas 29 anos e nunca casei. É mais adequado assim. E não, não estou indo para a festa. Estou indo para o laboratório de computação, tenho problemas a resolver.

– Tudo bem, Lenina... certeza que está bem se eu chamar assim? Acho melhor eu ir andando também, Carol deve estar na festa. Até mais!

– Até – respondeu ela, mas Michael já estava à beira da escada, pois corria rapidamente e com novo ânimo.

No primeiro andar, a entrada para o segundo andar era constituída de duas escadas, acessadas cada uma pelas laterais internas do prédio. As duas convergiam para uma porta que dava acesso à piscina. Não foi surpresa para Michael ver que haviam três rapazes guardando a entrada. Não eram todos que podiam entrar numa festa de Dolton. Apenas os membros de seu grupo têm acesso às suas comemorações, seja qual delas for.

A surpresa acometeu o jovem Makoto, entretanto, quando não lhe concederam passagem. Segundo eles, os Makoto não faziam parte do grupo de Dolton.

– E por que não? – perguntou Michael, mais calmo do que geralmente era.

– Se o senhor Alexander Dolton não o incluiu no grupo dele, só ele pode dizer o motivo – respondeu um dos guardiões do portão.

– Está bem. Então me chamem Alexander Dolton, quero falar com ele agora mesmo.

– Ele não está aqui. Mas talvez ainda possa encontrá-lo no quarto dele. É o quarto número...

– 217, eu sei – respondeu Michael completando a frase do homem que agora ficava para trás, pois Michael, mal dera as costas aos três, já desaparecera nas escadas.

Em poucos minutos, Michael estava à porta de Dolton, no 217. Richard Bent estava em pé ao lado da porta, que se encontrava entreaberta.

– Olha só, é o Mike! – anunciou o jovem de aspecto de lenhador.

Sem perder um só segundo a mais, as palavras saíram da boca de Michael certeiras como uma flecha.

– Onde está Dolton?!

– Está aqui no quarto. Quer falar com ele? – o lenhador falava e deixava sempre a impressão de jocosidade, como se Michael fosse uma criança.

– Sim, eu quero falar com ele!

– Alex! Deixo ele entrar? – gritou.

Como se você fosse me impedir!

– Deixe, Richard – a voz inconfundível de Alexander Dolton veio do interior do quarto.

– É, pode entrar, amigo – disse Bent, fazendo um gesto de falsa cortesia para acompanhar a entrada de Michael.

Ao passar pela porta, Michael percebeu que esta se fechou atrás dele. Tanto melhor para o jovem Makoto, que queria ficar a sós com o jovem Dolton. Ele estava bem a sua frente. Ali, em pé, abotoando um sobretudo branco que não combinava em nada com uma festa na piscina, mas Dolton tinha seu jeito de ser.

– Explique-se – Michael disse isso com uma aparente tranquilidade na voz.

Com um segundo de atraso, Dolton disse o que Michael torcia para que ele não ousasse falar: – Explicar o quê?

O jeito de Dolton era único e conseguia conquistar várias pessoas, mas Michael não podia suportar essa parte arrogante do ser dele. Meses seguidos suportando isso e, agora, num momento em que ele não estava mais com calma, ouvir tais palavras de novo o tiraram do sério.

– Explique o que significa eu não poder entrar na sua maldita festa! Qual o significado de eu não estar mais no seu grupo!

– Ora, mas é exatamente o que parece, meu caro. Você simplesmente não vale tanto quanto eu pensei que valia. Nem você, nem seu irmão. Sabe, recebo informações constantemente, e as últimas que recebi não são favoráveis a sua família, caro amigo.

Dolton falava em sua voz calma e controlada, voz de quem está no total controle da situação. E usou a palavra “amigo”. Michael estava cada vez mais no limite com o jovem Dolton.

– Ah, ia me esquecendo – completou Dolton –, não precisa se preocupar com Carol. Não deixei que o seu valor, Makoto, afetasse o dela. Ela continua fazendo parte de meu grupo.

– Eu vou entrar na sua festa, e vou tirar ela de lá. Fique descansado, Alexander, ela não vai ficar nos seus ombros quando souber que eu não estou mais no seu time.

– Não pode entrar na minha festa, Michael.

Aquilo era demais para o jovem Michael.

– E quem vai me impedir, Dolton? Você?!

– Não preciso, mas poderia, se for necessário.

Michael sorriu.

– Então você vai me impedir? – ao fechar a boca, Michael expandiu toda a aura que podia emitir. Estava clara a intenção dele.

– Você não é forte o bastante pra mim, Michael! Por que acha que Richard nem pensou em entrar aqui ainda?

Michael Makoto não deu ouvidos ao que Alexander Dolton falou. Deu um passo em direção a seu adversário, que agora também emitia uma aura que correspondia facilmente ao dobro do que Michael podia emitir.

– Vai entrar numa luta para perder, Michael? Sem falar que lutas são proibidas aqui, a não ser que...

Dolton teve de se interromper. Michael avançou na direção dele com velocidade máxima. Não havia outra alternativa agora, ele precisaria lutar. Michael preparava um soco com seu punho direito, e isso foi fácil de perceber. A aura de Michael concentrava-se cada vez mais no seu punho direito, por isso Dolton também concentrava sua aura em seu braço esquerdo para defender o ataque.

Michael já estava próximo o suficiente para socar, foi aí que viu o semblante destruído de Dolton, que agora tentava desesperadamente concentrar toda sua aura no braço esquerdo, mas não podia. Michael Makoto concentrara toda sua aura no punho direito. Toda ela! Resultado de meses de treinamento.

O soco atingiu o braço de Dolton que o defendeu de maneira desajeitada e foi arremessado pela janela para fora do quarto. Michael não percebeu o que Dolton observou: a quantidade de aura em seu punho, no momento do soco, era maior que sua quantidade de aura emitida. Michael não conseguiu perceber isso, pois seus pensamentos foram em outra direção. Antes que Richard Bent entrasse no quarto e o perseguisse, pois Michael pulara a janela para ir até Dolton, um único pensamento teve tempo de atravessar sua mente.

Parece que eu continuo sendo menos prudente que você, Brian, mesmo que nem sempre pareça.

III

Em frente a um edifício de pouco mais de 40 metros de altura, estavam três homens. Era noite, e eles admiravam o prédio do outro lado da rua como se lá dentro estivesse um dragão qualquer saído de um conto de aventura.

– Nova York está te parecendo meio pálida essa noite, Satoshi? – perguntava Carlin Adams a Satoshi Makoto.

– Nem um pouco, Carlin – respondeu ele indiferente.

O outro homem, que parecia não estar ouvindo o que os outros dois falavam, olhou o relógio pela terceira vez em 15 minutos. Contudo, não parecia ansioso.

– Carlin, ela deveria estar aqui às 6 horas em ponto – falou, por fim, Joseph Marinville. O que você acha que aconteceu?

– Não acredito que tenha acontecido nada. Adrian nunca foi conhecida por sua pontualidade.

– Adrian... eu pensei que seu contato fosse um homem.

Carlin Adams sorriu.

– Nah. Eu costumo me relacionar mais com mulheres. É uma mania minha. E vejam só quem está chegando.

Enquanto Adams falava, um táxi se aproximava da entrada do prédio. Uma mulher alta de longos cabelos negros desceu dele e observou os lados, ao encontrar Carlin Adams com os olhos, dirigiu-se até o outro lado da rua.

– Desculpem o horário – disse ela antes de chegar à calçada –, mas eu tive de resolver alguns problemas antes de vir. Acabei perdendo a hora.

– São só 17 minutos de atraso – disse Marinville secamente, interrompendo qualquer coisa que Carlin Adams poderia dizer. Se esse atraso não nos prejudicar quanto ao objetivo, não há problema nenhum, senhorita.

– O senhor é Joseph Marinville? – perguntou ela olhando o homem mais alto.

– Precisamente – tomou a mão da mulher e levou aos lábios. Encantado, senhorita Genaro.

Adrian Genaro. Um nome tão masculino para uma dona como você!

– Podemos ir agora? – perguntou Marinville por fim.

– É claro. Venham comigo.

Aquelas quatro pessoas entraram no prédio que era, sem dúvida, utilizado pela Interpol. Adentraram o local e dirigiram-se ao quinto andar após passar pela recepção, na qual havia apenas um homem de meia idade que não demonstrou oposição aos convidados de Adrian Genaro.

Foi no quinto andar que entraram numa sala ampla, repleta de aparelhos que aparentemente continham arquivos digitais. Adrian Genaro falou alguma coisa com o homem que lá estava, este fez uma ligação e prometeu que não levaria muito tempo para que certa pessoa chegasse.

De fato, não levou tempo algum para que um homem de quase dois metros de altura, de aparentes 50 anos de idade, entrasse na mesma sala.

– Hawk? O que você quer comigo? – perguntou o homem.

– Na verdade – pronunciou-se Makoto, que estava um tanto escondido atrás do corpo volumoso de Marinville –, na verdade sou eu que gostaria de falar com o senhor, diretor.

– Makoto?! – o rosto do homem demonstrou grande surpresa ao ver Satoshi Makoto ali.

– Poderíamos conversar, diretor? – prosseguiu Makoto.

– Sim, sim! Santo Deus, eu não esperava ver você aqui, homem! Quer falar comigo e veio até aqui? Se você está aqui, Makoto, eu espero pelo pior sempre!

– A situação ainda não chegou ao ponto que o senhor imagina, mas realmente estou aqui para que ela não se agrave.

Fez-se silêncio por dois segundos até que o diretor retomou a voz.

– Venha comigo até minha sala, lá poderemos conversar.

– Receio que eu também precise ir – disse, de imediato, Marinville.

– Este é Joseph Marinville, diretor – acrescentou Makoto. Ele está aqui para lhe explicar a situação.

O homem fez cara de surpresa mais uma vez.

– Oh, tudo bem. Venham os dois então.

E se foram. Aqueles três homens deixaram para trás os demais companheiros e seguiram para o oitavo andar, até o escritório do diretor Peter Graham. Ao entrar, o diretor fez sinal para que os homens sentassem. O diretor sentou-se em sua cadeira, atrás de sua mesa, enquanto os outros dois homens ocuparam os lugares do outro lado, os quais ficavam a uma distância de quase 3 metros da mesa.

– Senhor Graham – iniciou Marinville –, há poucos meses, Satoshi Makoto e seus filhos uniram-se a mim na Fundação Levine, dirigida por Sir Ektor Levine.

– Conheço-o – disse o diretor.

– Na verdade, desde que o senhor Makoto lá chegou, acredito que não conheço Sir Ektor como pensei que o conhecia. Talvez o seu caso seja o mesmo, senhor.

– Que quer dizer?

– Quero dizer, senhor, que tenho fortes motivos para acreditar que Sir Ektor Levine está envolvido com a organização criminosa conhecida como Mayonaka no Ryu.

– Como disse? – perguntou o diretor com sincera surpresa.

– Repito, senhor, que Sir Ektor Levine está envolvido com a Mayonaka no Ryu – disse Marinville tranquilamente.

– E por que diz isso?

– Sou seu assistente mais próximo, senhor. Desde que o senhor Makoto me despertou certas dúvidas quanto a alguns hábitos de Sir Ektor, eu não pude deixar de suspeitar disso.

O diretor lançou um olhar de relance para Satoshi, que olhou rapidamente para o relógio em seu pulso e voltou a olhar o rosto do diretor, que agora já não lhe dava mais atenção.

– Que querem, pois, os senhores? A denúncia da sua suspeita não requeria que viessem aqui.

– Não quero denunciar, quero verificar por mim mesmo – o olhar do diretor se converteu em pedra. Aquele homem me ajudou em momentos de minha vida nos quais eu estava sozinho. Se ele estiver fazendo algo assim, eu quero entender o porquê.

– Ainda não entendo o que quer de mim – disse o diretor friamente.

– A agente Genaro nos informou de um fato curioso quanto ao incidente no Museu de História Natural. Solicito ver uma determinada gravação que está em seus arquivos, senhor.

– Solicita?! – a surpresa do diretor quase deu lugar ao riso. O senhor sabe o que está me pedindo?

– Tenho ciência de que não é padrão permitir que alguém utilize seus arquivos, diretor, mas esse não é um caso padrão.

– Não faz diferença. É impossível atender seu pedido, senhor Marinville, mas nós mesmos faremos isso, fique descansado.

– Não, senhor, se estamos aqui é porque precisa ser feito por nós! Makoto, você tem de convencê-lo!

Satoshi Makoto estava, mais uma vez, olhando as horas em seu relógio. A voz agora arguta de Marinville lhe chamou à discussão quase como se ele despertasse de um sonho.

– Ah. Sim, diretor, é preciso que o senhor compreenda. Sei que as regras existem por um motivo, mas precisa confiar que não há outro jeito. Eu o diria se houvesse.

– Não posso, Satoshi. Simplesmente não posso!

– Eu assumo todas as consequências, mas precisa nos dar autorização!

O velho homem calou-se por um momento.

– É realmente tão importante assim que seja feito do seu jeito?

– Sem dúvida!

O diretor pegou o telefone em sua mesa e discou alguns números.

– Alan? Permita que Genaro e seu acompanhante verifiquem os arquivos concernentes ao incidente no Museu de História Natural. Sim, pode dar acesso. Estarei aí em um minuto.

Desligou o telefone e olhou para Satoshi.

– Estou confiando em você, Makoto – disse firmemente.

Seu olhar voltou-se para Marinville, a quem observou por alguns segundos. Levantou-se e abriu a porta, quebrou o silêncio apenas para dizer que os outros dois deveriam segui-lo. Em menos de um minuto estavam na sala dos arquivos.

Levou 30 minutos até que Carlin Adams e Joseph Marinville se convencessem de que não estava ali o que procuravam. Foi com pesar que Marinville deixou o prédio sob o olhar fixo do diretor. Pouco tempo depois estavam no avião que voltava para a Fundação Levine. Marinville falava ao telefone.

– Sim, Sua Graça. O arquivo foi apagado, não pode haver qualquer backup dele, e Carlin pegou a fita. Estamos seguros. E, sim, deixei uma pequena pista ao diretor Graham. Ele deve começar a investigar o que queremos imediatamente.

Satoshi, ao mesmo tempo em que Marinville relatava o sucesso da missão, estava sentado, pensativo. Sua aparência era a mesma daquela que ostentava quando iam para Nova York. Contudo, havia algo diferente em seu semblante. Marinville percebeu isso.

Parece até que você tirou um peso dos ombros, Satoshi.

Capítulo 8

Consequências

I

Aqueles poucos minutos que Brian gastou rodeando o castelo ajudaram-no a conseguir um certo controle próprio que ele julgava perdido. Mas, afinal de contas, quem poderia se controlar numa situação como essa? Brian Makoto tinha uma desvantagem em relação a Michael, pois seu irmão tinha Carol, com quem sempre podia contar para relaxar a cabeça; Brian, no entanto, não tinha vínculos na Fundação Levine, nem mesmo com os outros membros do grupo de kendo.

Dessa forma, mantendo-se solitário, Brian tentava relaxar andando em volta do castelo. Tal hábito já havia lhe rendido alguns comentários impróprios por parte de seus colegas da fundação, mas ele não se importava de nenhuma maneira com o que era dito sobre ele. Brian aproveitava tais momentos para refletir sobre o que parecia conveniente.

Era, pois, andando em torno do castelo que o rapaz se encontrava neste exato momento. Ele acabara de sair do quarto e deixado seu irmão Michael para trás. Estava verdadeiramente abalado com toda a situação em que seu pai poderia estar envolvido. Antes mesmo que Satoshi Makoto, Joseph Marinville e Carlin Adams iniciassem a viagem para Nova York, Brian já estava rondando o castelo. Ele estava completando a primeira volta, o avião no qual seu pai viajava já havia partido e ele podia jurar que viu Michael passar correndo do jardim principal para o restaurante.

Brian continuou. Já estava mais calmo agora. No jardim principal estavam sentadas 7 pessoas que conversavam sobre algo. Ele não lhes deu atenção, estava focado em seus pensamentos e tudo o que acontecia ao seu redor era deixado de lado por sua mente. Seria preciso um evento extraordinário para trazê-lo ao mundo real. Por pura coincidência, um evento extraordinário estava para acontecer naquele instante.

O som de um grande impacto entre metais foi acompanhado do estilhaçar de vidro. Vidro que caía por todo o chão rochoso que cercava o prédio dos dormitórios. Isso chamou a atenção de Brian. Contudo, apenas quando Alexander Dolton caiu sobre o chão como se fora arremessado pela janela de um dos quartos acima, apenas quando essa visão preencheu os olhos de Brian, foi nesse momento que o jovem voltou ao mundo real por completo.

A próxima coisa que o rapaz viu foi o próprio irmão sair pela janela estilhaçada. Era clara como o dia a intenção de Michael de avançar para cima de Dolton, que estava desajeitadamente sentado no lugar em que caiu. Richard Bent vinha em seguida pela janela, estava no encalço de Michael com toda a certeza.

Não era preciso ver mais. Brian já se punha em direção ao irmão. Michael estava sendo confrontado por Bent, que o alcançara. Dolton não se mexeu, permanecia no local onde caíra. Brian diria que ele estava em choque, mas não tinha como ter certeza. Além disso, sua preocupação estava voltada para Michael, que tinha Richard Bent tentando lhe golpear a todo custo.

Os acontecimentos se seguiram tão rápido que Brian se viu avançando em direção àquela cena estranha, mas um outro jovem estava bem à frente. Não conseguia lembrar o nome dele, mas era um dos que fazia parte do grupo de Dolton. Brian, pois, não perdeu um segundo a mais e, sem pensar no assunto, lhe desferiu um golpe com sua espada de madeira que atingiu a cabeça do pobre jovem. O rapaz caiu desacordado junto

aos resquícios de grama que existiam no solo um pouco mais afastado do prédio e próximo do jardim. Brian o deixou para trás.

Brian aproximou-se dos rapazes que lutavam intensamente. Parecia que nenhum dos dois dava pela presença de Brian ali, tal era a concentração de ambos.

Brian Makoto parou. Hesitou em interferir na luta. Ele bem sabia que Richard Bent era um dos melhores – talvez o melhor – em lutas individuais dentre os jovens da fundação. Sua aura, Brian pôde ver, era bem maior que a de Michael. Seu irmão estava em desvantagem total, Brian sabia, mas viu algo mais naquela cena, algo que o fez hesitar: Michael transferia a aura de um membro para outro numa velocidade muito maior que aquela alcançada por Bent. Com isso, Michael podia igualar o combate, fazendo com que a quantidade de aura no membro que usava para atacar ou defender fosse quase a mesma que Bent aplicava em seus golpes. Contanto que Michael pudesse evitar que seu oponente o atacasse com mais de um membro simultaneamente, ele poderia manter a luta. E Michael Makoto era experiente em evitar ataques.

Michael praticou com Brian durante toda a vida e Brian sempre podia usar uma espada de madeira nos treinos. Para evitar a desvantagem de ser golpeado pela madeira, Michael adaptou-se a lutar de uma distância que a espada não lhe alcançasse, além de ter aprimorado sua capacidade de atingir as mãos de Brian que portavam a espada, para que pudesse evitar os golpes desferidos com a arma. As pernas de Michael eram longas desde que conseguia lembrar, e isso lhe rendeu o necessário para desenvolver um estilo próprio de luta a distância que impedia a espada de Brian de o alcançar além da perna.

Com o passar do tempo, Michael Makoto adaptou-se a isso de uma forma tal que Brian nunca mais conseguiu atingi-lo em cheio com a espada. Richard Bent passava pelo mesmo aperto que Brian nesse exato momento. Ele não conseguia acertar nem um só golpe em cheio em Michael. Seus únicos êxitos, não por coincidência, foram as vezes em que atacou com socos ou chutes que detinham pouca quantidade de aura.

A luta estava equilibrada e assim permaneceria, mas não por muito tempo. Brian sabia que aquelas transferências de aura de um membro para outro que chegavam a quase 100% da aura emitida, elas consumiriam a aura de Michael rapidamente. Por ter uma aura consideravelmente maior, Bent suportaria mais tempo. A luta precisava acabar depressa, essa era a única possibilidade de vitória para Michael.

Quando Brian pensou em avançar, finalmente percebeu as mais de 15 pessoas que observavam o espetáculo. Christian Levine estava entre eles, além de mais 2 outros que também faziam parte do grupo de Dolton. Eles não tentaram fazer nada porque Brian estava entre eles e a luta, mas no momento em que Brian Makoto avançasse, alguns deles avançariam também.

Brian não teve opção senão manter a guarda para que ninguém interferisse. Contudo, sua mente não tardou a perceber que existiam outros meios de fazer com que aquela luta acabasse. Ele nem mesmo precisou agir para tanto. Neville Trusten estava chegando ao local naquele exato momento para ver o que acontecia.

– Parem com isso agora mesmo! – trovejou, e ao som de sua voz, todos ficaram imóveis, inclusive os dois jovens que travavam o tão assistido duelo.

Um silêncio sepulcral se fez. À medida que Neville Trusten seguia para aproximar-se de Michael e Bent, as pessoas ao fundo começaram a cochichar umas com as outras.

Trusten avançou. Não fez mais que fitar Brian enquanto passava pelo rapaz. Chegou, pois, junto dos dois jovens e parou. Olhou rapidamente para Dolton, que ainda estava ao chão. Olhando, então, para os dois jovens de pé, disse secamente:

– Vocês dois, venham comigo. E você também, Brian Makoto – disse olhando para trás. Aos demais – e gritou ao falar isso –, quero apenas que Christian vá

rapidamente chamar a senhorita Rodrigues e diga que há dois jovens aqui que precisam de atenção urgente. Os demais não têm o que fazer aqui, podem ir embora.

Olhou de novo para Brian e passou os olhos em direção a Michael e Richard.

– Venham comigo agora.

Não foi preciso repetir. Os três já estavam mudos e seguiam Trusten ao seu escritório no primeiro andar do castelo.

II

– Sentem-se vocês três – ordenou Trusten aos jovens que acabavam de entrar em seu escritório.

Sem nenhuma demora, os três rapazes sentaram nas primeiras cadeiras que puderam tocar. Neville Trusten, por sua vez, sentou-se em seu lugar atrás de sua mesa e prestou atenção nos três jovens, com uma pausa maior em Michael.

Atrás de Trusten ficava uma grande janela, semelhante à janela do escritório de Sir Ektor. De fato, aquele cômodo ficava exatamente acima do escritório de Sir Ektor e tinha dimensões quase idênticas, mas com a distribuição dos móveis feita de outra maneira – além de serem usados móveis diferentes, mas de qualidade tão boa quanto. Michael estava olhando pela janela atrás de Trusten enquanto aquele homem o estudava. Michael não aparentava muita preocupação com nada daquilo.

– O que aconteceu? – a pergunta saiu da boca de Trusten de uma maneira tão calma que os jovens rapazes não entenderiam jamais que aquelas palavras carregavam uma ordem; porém, dada a situação, eles compreenderam sem tardar.

– Michael atacou Alexander, senhor – disse Richard Bent imediatamente –, e eu entrei na briga pra proteger ele.

– Até onde conheço o jovem Dolton e o Makoto aqui, eu nunca pensaria que Alexander precisasse de sua ajuda num duelo entre eles, Bent – respondeu Trusten sem emoção no falar.

– Mas, senhor – recorreu Bent –, Michael usou algum truque sujo! Ele lançou Alex pela janela do quarto e foi pra cima dele! Se não fosse por mim...

Brian e Michael continuaram calados e sem demonstrar reação quanto às palavras de Bent. Apenas quando Trusten os indagou diretamente que Richard calou-se, por fim, e os jovens Makoto falaram. Brian foi o primeiro indagado.

– Eu também não sei bem o que aconteceu, senhor. Eu estava andando um pouco e vi, ou melhor, ouvi, quando uma janela quebrou e Alexander foi jogado no chão. Michael veio em seguida e Richard logo depois.

– Viu só, senhor Trusten?! – interrompeu-o Bent.

Ao olhar desafiador daquele homem, Richard calou-se de súbito.

– Continue, Makoto – disse Trusten.

– Quando isso aconteceu, senhor, e os três já estavam no chão, vi Michael tentar avançar contra Alexander, mas quando ele percebeu que Richard estava atrás dele e ia alcançá-lo, ele parou e o enfrentou de frente. Eu fiquei lá, impedindo que alguém tentasse interferir na luta, pois vi alguns amigos de Alexander no meio da multidão.

– Está esquecendo de dizer que, no processo, você nocauteou um de seus companheiros. Ele ainda estava desacordado quando eu cheguei. Bem próximo aos seus pés, Makoto.

– É verdade – confirmou Brian, enquanto baixava a cabeça como sentindo vergonha.

Trusten esqueceu-se de Brian e voltou-se para Michael.

– Bem, Michael Makoto. Sua vez. Esclareça a história. Por que atacou Alexander Dolton?

Michael finalmente olhou diretamente para Trusten. Pareceu-lhe melhor não ocultar nada. Afinal, ele descobriria mais cedo ou mais tarde e, ainda que Dolton fizesse algo, em que isso iria aumentar a punição? Não, Michael julgou melhor contar toda a história. Começou contando como foi barrado e proibido de entrar na festa da piscina – “isso não me irritou”, dizia ele, “mas ninguém pode impedir que eu veja minha namorada”. Depois disso contou que encontrou Richard Bent ao lado da porta do quarto de Alexander Dolton e que entrara no quarto para obter explicações. Contou que Alexander o havia expulsado de seu grupo – “porque eu não tenho o valor que ele pensava que eu tinha” – e que o proibiu de ir buscar Carol.

– Isso é verdade, Bent? – questionou Trusten.

Richard Bent ficou mudo por alguns segundos. Por fim, disse: – Eu fiquei fora do quarto, senhor Trusten. Não estava ouvindo a conversa – Michael sorriu ao ouvir isso.

Trusten então se voltou para Michael mais uma vez.

– Makoto, você está ciente de que não são permitidas lutas entre companheiros aqui na Fundação Levine do ambiente esportivo? Está ciente de que o que você deveria ter feito era procurar algum dos instrutores para que o caso fosse solucionado?

– Estou ciente de tudo isso, senhor – respondeu Michael e confirmou com um aceno de cabeça.

– Então porque não o fez assim?

Michael sorriu mais uma vez e, por fim, respondeu: – Porque já faz meses que eu suporto a arrogância e os caprichos de Alexander Dolton. E percebo também que o pai dele exerce muita influência na fundação e fazem muitas concessões... – As palavras de Michael não continham fúria nem ira, seus olhos não demonstravam nenhum rancor. Mas, é claro que o senhor vai entender, ele passou todos os limites quando pensou em me separar de Carol. Eu não me importo se ele falou isso brincando ou não, não faz diferença. Ele teve apenas o que mereceu.

– Você tem ideia do que significa tudo o que você está dizendo, Makoto? – perguntou Trusten.

– Perfeitamente, senhor. Posso repetir cada palavra se o senhor desejar. Não importa que punição eu vou sofrer, porque valeu a pena. Valeu a pena porque eu tenho certeza de que Dolton **jamais** vai tentar fazer isso de novo.

Fez-se silêncio. Um silêncio duradouro. Richard e até mesmo Brian estavam um pouco espantados com as palavras de Michael e a serenidade com a qual ele as enunciava. Não era mais um momento de ânimos exaltados, ele realmente queria dizer o que disse. Só Trusten manteve-se impassível, sem alterar nem mesmo um músculo de sua face diante dos comentários de Michael. Contudo, o silêncio perdurou e só foi quebrado quando alguém bateu na porta pedindo autorização para entrar e Trusten a concedeu.

– Sente-se, Dolton. É bom saber que já está bem. Quer nos contar o que aconteceu hoje?

Depois de sentar-se numa cadeira mais afastada de Michael e mais próxima de Richard, Alexander Dolton começou a falar. Sua aparência era totalmente diferente do comum, ele estava visivelmente abatido. Parecia tentar esconder, mas Michael percebeu que ele estava apoiando o braço esquerdo sobre a perna enquanto falava.

– Bem, senhor Trusten – começou Dolton –, eu estava no meu quarto quando Michael apareceu para falar comigo. Ele queria entrar na minha festa, mas ele não faz mais parte dos meus amigos, então não deixei. Ele ficou irado e me atacou.

– É só isso? – questionou Trusten.

– É o que há de importante para saber, senhor.

– Então não é verdade que você não concedeu entrada para ele na festa e não se prontificou a chamar Carol Adams para que ele pudesse falar-lhe?

– Bem, senhor, não é minha obrigação interromper a diversão de meus convidados – Dolton não parecia ter colocado o desdém em sua voz propositadamente, mas o fez de uma maneira ou de outra.

Pela primeira vez, e apenas por um rápido instante, Michael percebeu um leve sorriso no rosto de Neville Trusten.

– Claro – disse Trusten –, não é sua obrigação. Alguém tem algo mais a acrescentar? – Ninguém se pronunciou. Pois bem, eis como as coisas ficarão. Michael Makoto, você teve alguns motivos que podem ser levados em consideração, mas nada disso pode justificar o ataque ao seu companheiro. Alexander Dolton, você agiu com imprudência e cego pelo orgulho quando deveria ter pensado antes de agir, está tão errado quanto o Makoto. Quanto aos outros dois, deveriam ter feito algo diferente para impedir que a situação se agravasse em vez de concorrer para que tudo só caísse na discórdia total. Brian Makoto também teve algum motivo para atingir um outro companheiro e fazê-lo desmaiar, mas não é justificativa plausível.

Fez uma pausa e pensou um pouco. Depois de exatos 60 segundos de reflexão, acusados pelo relógio atrás de si, Neville Trusten continuou.

– Sir Ektor e Marinville não estão na fundação nesse momento para decidir uma punição para vocês, então eu decidirei agora. Sir Ektor pode alterar a decisão que eu tomar, mas por hora essa será a punição de vocês: os 4 terão de cumprir, até o fim do ano, todas as ordens que o encarregado da limpeza, o senhor Phillip, desejar lhes impor. Até o fim do ano, todos os 4 terão de cumprir todas as tarefas que lhes forem ordenadas por ele para manter a propriedade limpa e organizada. Além disso, Brian Makoto, se o rapaz Tom tiver necessidade de algum auxílio por conta do golpe que recebeu de sua espada de madeira, será sua responsabilidade cuidar disso.

Michael não estava ligando para nada disso, seu rosto era uma pedra de gelo. Embora prestasse atenção a tudo aquilo, não dava importância. O que era a limpeza da propriedade por alguns meses em comparação ao sabor de impor medo a Alexander Dolton? Richard e Brian estavam um pouco receosos – Brian com um adicional de vergonha –, nada mais. Alexander era o único que verdadeiramente ficou sobressaltado com a notícia.

– Sim, Dolton – continuou Trusten –, esse será seu novo trabalho. Acredito que isso vai ajudar o seu orgulho a encontrar um lugar melhor que não o seu coração. E mais, se um dos 4 se atrever a envolver-se em outra luta como essa, eu vou cuidar para que a próxima punição envolva um arrependimento sofrido. Vocês trabalharão juntos na limpeza e cooperarão entre si. Não brigarão mais. Assim que Sir Ektor confirmar minha decisão, eu vou anunciar a toda a fundação e será esse o momento em que deverão começar a obedecer as ordens dadas pelo senhor Phillip. Podem ir agora.

Os 4 jovens levantaram-se e dirigiram-se à porta, foi quando Neville Trusten falou novamente.

– Ah, Dolton, vou assegurar-me de que seu pai não tome nenhuma decisão quanto a essa punição. Makoto, eu quero falar com você a sós. Não os dois, apenas você, Michael.

Michael então tornou a sentar-se na mesma cadeira que sentara logo antes. Trusten ficou de pé de frente com o jovem. Quando os demais saíram, ele começou.

– Sabe, Michael Makoto, sua aura emitida não chega a mil. Acredito que seja algo em torno dos 730 – Michael continuou com a mesma expressão de quem não se importava com o que era dito. Sabe quanto de aura emitida tem o jovem Dolton?

– Acho que uns 1500, senhor – respondeu sem pensar muito.

– Exatamente! – sobressaltou-se Trusten. Ele tem 1500 de aura emitida. Pergunto-me como você conseguiu aplicar um soco para lançá-lo pela janela.

– Ele não consegue movimentar a aura pelo corpo tão bem quanto eu.

– É mesmo? Então você deve ser muito mais rápido que ele transferindo a aura pelo corpo. Isso explica o porquê dele ter ficado tão perplexo – Michael balançou a cabeça afirmativamente, agora começava a ter interesse pelo assunto. Mas sabe o que não consigo compreender, Makoto? – Michael fez que não com a cabeça. Eu não consigo compreender que sua velocidade em transferir a aura tenha sido tão grande, porque eu vi uma parte de sua luta contra Bent.

– Então minha transferência de aura pelo corpo é lenta, senhor?

– Não, não mesmo. É bem mais rápida que a de Bent, e ele é um dos lutadores mais hábeis da fundação. Você tem uma técnica interessante, Makoto, por isso consegue evitar os golpes críticos mantendo uma certa distância enquanto luta. Mas, veja bem, a aura emitida de Bent também gira em torno dos 1500. Bent quase não é mais rápido nos movimentos corporais que você ou o jovem Dolton. Na verdade, vocês três são tão rápidos quanto os outros nos movimentos corporais. Por que, então, você não conseguiu lançar Bent longe? Ele tem uma transferência de aura mais rápida que Dolton? Não que eu tenha percebido, e eu sou particularmente bom em observar coisas.

Michael não podia discordar da capacidade de observação de Trusten. Vendo Michael lutar uma vez, conseguiu captar a essência de seus movimentos. Michael pensou sobre o assunto por alguns instantes. Realmente não conseguia explicar a situação. Bent era até um pouco melhor que Dolton em quase tudo, mas não o suficiente para fazer uma grande diferença. Mesmo assim, Dolton não teve chance contra o ataque de Michael, enquanto Richard Bent estava o enfrentando arduamente, tanto que ameaçava vencer o duelo, se o mesmo fosse prolongado por muito mais tempo. Seria essa diferença devida ao fato de Dolton ter sido pego de surpresa? Não parecia provável, pois Dolton já esperava o ataque.

– Não sei dizer, senhor – respondeu Michael, por fim.

Neville Trusten o encarou por um momento. O homem estudou Michael por vários segundos, até que o rapaz começasse a se sentir perturbado com aquilo.

– Levante-se, Makoto – Michael levantou-se de imediato. Quero que você concentre toda sua aura em seu punho direito com a intenção de me atacar.

– Como disse, senhor? – questionou Michael, perplexo.

– Exatamente o que ouviu. Concentre toda a aura emitida no punho e me ataque.

– Mas senhor...

– Faça agora... – Neville Trusten passou a emitir mais aura por todo o corpo. Faça agora, antes que eu o ataque, rapaz – disse secamente.

Michael foi tomado por um sentimento de medo por alguns segundos. A figura ameaçadora daquele homem o fazia temer de verdade, como se ele não tivesse dúvidas de que Trusten o abateria em um segundo. Seu corpo reagiu antes que pudesse pensar mais e, em menos de um segundo, estava posto em posição de defesa, e sua aura começava a correr para concentrar-se em seu punho direito.

Trusten continuava ameaçador, mas não deixou de estudá-lo por um só momento. Michael levou 2 segundos para concentrar toda sua aura em sua mão direita. Ele percebeu que o havia feito, mas a sensação de estar sob ameaça não passou. Todos os sentidos de seu corpo lhe diziam para atacar aquele homem, ou ele seria destruído.

Não se passou outro segundo antes que Michael tivesse avançado contra Neville Trusten sem pensar em qualquer outra coisa.

Michael não percebeu que seu golpe fora bloqueado até a dor afligir seu punho serrado. Neville Trusten segurava o punho direito de Michael com a mão esquerda e, com uma força hercúlea, forçava todos os ossos da mão de Michael. O garoto recuou até quase encostar na parede atrás de si. Permaneceu apreensivo, mas Trusten não mais se moveu. De fato, Michael agora se sentia mais calmo. Neville Trusten agora não era mais ameaçador que qualquer um. Sua aura voltara ao normal e seu corpo não impunha mais qualquer temor.

– Você não percebeu o que aconteceu em sua mão? – disse Trusten calmamente, quebrando o gelo.

– O senhor estava quase esmagando ela – respondeu o garoto com voz de quem está sofrendo.

– Não me refiro a isso. Refiro-me, garoto, à aura que estava nela.

– Que tem minha aura? – questionou Michael com real dúvida.

– Você realmente não prestou atenção a isso? Havia algo em torno de 1300 de aura em sua mão direita no momento em que você me atacou, Makoto.

– Como 1300? Não consigo emitir mais de 760 de aura. Nunca consegui.

– Aparentemente, se você estiver sob uma certa pressão emocional, você consegue emitir muito mais aura.

– Isso é possível? – perguntou Michael com verdadeira surpresa na voz.

– Muitas coisas estranhas acontecem quando se trata da aura. Mas o fato é que isso é uma coisa estranha que acontece com você e nunca ouvi falar de ter acontecido a outra pessoa. É bom tratar de estudar o caso. Seu pai pode lhe ajudar com isso, tenho certeza. E agora eu já sei como você conseguiu lançar pela janela o jovem Dolton. Tudo graças a esse seu poder estranho. Meus parabéns. – Michael pensou ter visto um sincero cumprimento nas últimas palavras de Trusten.

Michael olhou de Trusten para sua mão, e de novo para Trusten. Lembrou-se, sem querer, de uma certa tábua.

– Posso ir embora, senhor? – perguntou Michael.

– Pode se retirar, meu jovem.

Michael Makoto não aguardou nenhum momento mais e saiu da sala. Não encontrou ninguém até chegar ao seu próprio quarto. Isso era bom para Michael, pois não desejou ver ninguém até que pudesse falar com seu pai. Deitou-se, pois, em sua cama, mas não conseguiu dormir.

O dia passou sem que Michael pudesse ter um segundo de paz em sua mente. Brian não apareceu no quarto. A noite havia chegado e passado. Antes mesmo que Michael se desse conta, um novo dia começou. Com os primeiros raios de sol que tocaram seu rosto, veio a consciência de que estava ali deitado sem descansar já há muitas horas. Seu pai não apareceu, seu estômago grunhia e ele precisava falar com Carol. Seus pensamentos estavam desordenados, mas arriscaria falar com ela mesmo assim. Ele precisava disso, talvez fosse o remédio que mais o ajudaria nessa situação.

Maldição de propriedade sem celulares!

Brian não havia se recolhido na noite que se passou. Não havia outro remédio para Michael que não ir em busca de Carol. Bateu na porta do quarto da garota, mas não houve resposta, e a porta estava trancada. Carol devia ter saído.

Michael saiu a sua procura. Antes que pudesse sair do restaurante, Michael foi bloqueado por uma dúzia de pessoas que desejavam saber o que tinha acontecido. Todos falavam ao mesmo tempo, mas Michael conseguiu discernir algumas coisas dentre todas as vozes. Assim, ele ficou sabendo que já havia sido dada a ordem por Sir Ektor e a

punição fora confirmada, exatamente como Trusten a pronunciou. Ouviu dizer que houve uma pequena reunião entre os 5 maiores da Fundação Levine, e que o pai de Alexander tentara, sem sucesso, proteger o filho. Marinville, aparentemente, deu apoio a Dolton no início, mas acabou por apoiar a decisão de Trusten.

A multidão crescia, Michael já estava cercado por mais de 40 rostos, alguns até quase desconhecidos. Ele tentou forçar passagem, até que alguém lhe puxou pelo braço. Michael não impôs resistência alguma, pensava que poderia ser Carol. O engano foi notado quando ele percebeu que, na realidade, era Christian Levine quem o arrastava.

– Quero falar com você! – dizia ele enquanto seguia arrastando Michael em direção ao jardim principal.

A multidão não os seguiu. O nome Levine produzia um efeito suspensivo nos ânimos das pessoas que viviam na fundação. Michael pensou que eles não queriam incomodar o sobrinho de Sir Ektor. Afinal, se ele precisava estar sozinho com um Makoto, ainda mais depois do que aconteceu no dia anterior, deveria ter um bom motivo.

Michael, no entanto, discordava disso. Ele não queria ter conversa alguma com o jovem Levine. Já estava pronto a se libertar quando o outro rapaz o soltou e parou a meio caminho do jardim.

– Michael, nós não somos amigos – dizia ele, e Michael não emitiu resposta, nem mesmo com o rosto –, mas não é pra isso que quero lhe falar. Você está com a Carol, eu não posso mudar isso, mas entenda uma coisa: ela pertence a esse lugar. Você pode ir contra Dolton para que ela não fique do lado dele, mas não vai conseguir afastá-la da Fundação Levine.

Christian falava com uma voz notadamente angustiada. Michael percebeu isso. Foi esse o motivo que o fez continuar a conversa.

– E quem disse que eu quero afastar ela daqui? – respondeu Michael, com indiferença.

– Não brinque comigo, Michael. Eu não sou burro. Você não pertence a esse lugar, nenhum de vocês pertence. Não concordo com meu tio, nem com o senhor Marinville. Não vai demorar até que vocês vão embora. Depois de todos esses meses, vocês ainda não fazem parte desse lugar, são como estranhos – Michael tentou dizer alguma coisa, mas Christian não permitiu. Mas entenda! Entenda que Carol não é assim! Ela pertence a esse lugar, e isso não vai mudar, do mesmo jeito que não vai mudar o fato de que você não pertence!

Michael ficou em silêncio. As palavras de Christian estavam lhe provocando uma ira silenciosa. Não fosse o temor que as palavras de Trusten lhe causaram, Michael teria atacado Christian. Tudo o que fez, entretanto, foi falar.

– O que você quer? Pra quê eu preciso ouvir isso?

– Eu amo Carol – respondeu o jovem Levine. E acredite que eu realmente amo, pois a amo há anos. A amo tanto que preferi sofrer vendo ela nos seus braços, só porque ela estava feliz! – Christian não estava gritando, mas havia certa exaltação em sua voz. E acredite, Michael, não interessa o que você vai fazer com sua vida. Não me interessa por isso, mas se você tentar ir contra a Fundação Levine como foi contra o imbecil do Alex, você vai acabar se dando muito mal. Mas o que me preocupa é que nesse caso Carol vai sofrer, não interessa se você viver ou morrer, vai haver um motivo para ela sofrer em ambos os casos. Depois que você fizer isso, Carol vai sofrer. E eu não vou permitir isso. Entendeu?

Michael entendia tudo, e agora estava com a mente ainda mais cheia e confusa. Ele pensou o que faria com Carol quando ela soubesse que ele não pertencia à fundação, como dizia Christian. Carol amava aquele lugar, mas amava mais a Michael?

– Escute bem! – Christian disse isso agarrando o pulso de Michael. Escute muito bem, Michael! Se eu achar que você vai causar sofrimento para a Carol, eu te mato.

Aquilo tirou completamente a paciência de Michael. Uma ameaça digna de um filme de comédia romântica. Michael se livrou de Christian e seguiu para dentro do jardim sem lhe dar mais atenção. Contudo, ameaça a parte, as palavras de Christian Levine faziam todo o sentido, e aquilo não era bom.

Michael entrou no salão principal do castelo. Para seu azar, deu de frente com Jonathan Dolton, que saía do escritório de Sir Ektor.

Dolton olhou para Michael com profunda atenção. Voltou-se para o rapaz e foi a seu encontro.

– Michael Makoto, que prazer eu tenho em vê-lo – disse com uma ironia dissimulada.

Michael manteve o silêncio profundo no qual se encontrava e não deu resposta àquela saudação.

– Conversei bastante com Sir Ektor. Parece-me que não tenho escolha senão aceitar que meu filho seja posto como serviçal da fundação até o fim do ano. Algum dia poderei lhe apresentar meus cumprimentos por esse favor prestado à minha família.

– Não é preciso, Jonathan – a voz de Satoshi Makoto vinha do escritório de Sir Ektor.

Michael logo viu que seu pai saía do mesmo cômodo que Dolton saiu segundos atrás. Era um colírio para os olhos do rapaz. Pela primeira vez em muitas horas, a paz veio ao coração de Michael.

– Não é preciso agradecer por nada, Jonathan – tornou a falar Satoshi.

– Ah, mas eu insisto, Satoshi – respondeu Dolton. Seu pequeno parece ter desfrutado tanto da singela brincadeira que partilhou com o meu filho, e partilhará ainda de muito mais até o fim do ano. Nada mais justo que eu lhe apresentar meus cumprimentos e, depois, lhe apresentar um agradecimento devido.

– Pelo contrário – disse Satoshi, com sua voz que era repleta de autoridade –, nada mais justo que você deixar as coisas como estão. Crianças brigam, Jonathan. Deixe as coisas como estão. Tudo já foi resolvido.

Os olhos de Jonathan Dolton apresentavam uma ira silenciosa que Michael percebeu facilmente. Ele não daria ouvidos a nada do que Satoshi Makoto falasse. Na verdade, ele não daria ouvidos a nada que ninguém pudesse lhe falar.

– Deixemos as preocupações com o futuro para o momento em que ele chegar, Makoto – disse Dolton. Tenho muito que fazer hoje, passem bem.

Dolton partiu sem nada mais dizer. Michael voltou-se para o pai em busca de socorro. Antes que falasse algo, Satoshi o advertiu.

– Aquele, Michael, é Jonathan Dolton. É um homem muito inteligente. Parece também ser alguém muito leal. Mas todos conhecem seu defeito: ele inunda o filho de um amor cego. Desde que a mãe de Alexander morreu, ele envolve o filho com tudo de bom que pode conseguir. Ele exagera! Sinceramente, todos podem perceber isso. É um caso de super proteção doentia que vemos em histórias e nos surpreendem quando os vemos na vida real. Sinceramente não entendo como Alexander não é um rapaz patético, pois seu pai inconscientemente fez de tudo para que isso acontecesse. Ele não trata as coisas com imparcialidade quando tocam em seu filho. Você mexeu com o filho dele e eu duvido que um dia ele esqueça isso. Tenho medo que ele faça algo contra você, Michael.

Satoshi olhava seu filho diretamente nos olhos. Michael percebia os sentimentos que passavam na mente e no coração de seu pai naquele instante. Ele realmente temia que aquele homem pudesse tentar algum tipo de vingança. Michael, no entanto,

preocupava-se mais com a segurança de seu pai em lugar da própria. Teve vontade, portanto, de expressar esse sentimento, mas achou que faria melhor acalmando seu velho.

– Vou tomar mais cuidado, pai – disse Michael, com uma voz que tentava afagar ao que ouvia.

Satoshi sorriu ao ouvir essas palavras.

– Você realmente não conseguiu se comportar quando me ausentei, não é?

Michael corou.

– Ele teve a culpa, pai – disse o jovem. Ele tentou...

– Já conheço a história, Michael. Mas você deve entender algo que a maioria não consegue entender: na maioria das vezes não se trata de estar certo ou errado, trata-se de agir com razoabilidade. Muitas vezes o certo se torna errado simplesmente porque aquele que tem a razão agiu cedo demais, ou com empolgação demais... Seja como for, o segredo para se fazer mais amigos que inimigos está na razoabilidade. O certo e o errado são conceitos mais difíceis de serem definidos, mas o razoável é bem mais fácil de se enxergar.

Michael iria desculpar-se mais uma vez, mas Satoshi não lhe deu a chance.

– Escute, filho, muitas vezes você receberá conselhos ou ordens, sejam minhas ou de qualquer outro, e não seguirá nada do que se disser. Não é algo exclusivo de você. Acredito que todos devem fazer isso algumas vezes – Satoshi contemplou o vazio do salão e continuou a falar. Você sentirá que deve fazer outra coisa em lugar do que lhe foi dito. Sentirá que o certo é fazer o que sente.

– Não sei se foi o certo bater no Dolton. Também não sei se foi razoável ou errado – disse o garoto olhando para o pai, cujos olhos agora tornavam do salão vazio para o rosto do filho.

– Não se torture demais por causa disso. Está feito. Agora é preciso seguir adiante, lidando com os resultados e tentando melhorar sempre – Satoshi suspirou. Eu tenho uma experiência muito maior que a sua, por isso minhas previsões tem uma chance maior de se revelarem precisas. Mas nem toda a experiência do mundo pode garantir um acerto, filho. A verdade é que a única maneira infalível de se conhecer as consequências de nossas ações é esperar que elas aconteçam. Previsões podem falhar sempre.

O garoto parou por um momento e pensou um pouco. Logo perguntou ao pai:

– Está dizendo que devo agir por conta própria? Ignorar até as suas ordens, pai?

Satoshi gargalhou de maneira educada.

– Não, filho, não é isso. Eu estou dizendo que você deve pensar, e até sentir, antes de tomar uma decisão e até mesmo antes de obedecer uma ordem. Então agirá com uma certeza maior de ter um resultado melhor. E estou dizendo também que até mesmo uma decisão tomada no calor do momento ou desobedecendo a ordem recebida, mesmo essa decisão pode se mostrar mais benéfica. Não é fácil perceber as consequências de nossas ações, Michael. Geralmente só percebemos aquilo que está mais próximo.

– Então, o senhor acha que até a minha atitude contra o Dolton pode ter sido boa?

– Eu não sei bem, Michael. Mas sei bem uma coisa: existem mais coisas acontecendo neste instante do que você imagina. Talvez sua briguinha com Alexander tenha criado uma rixa perpétua, mas pode também ter criado, ao mesmo tempo, uma solução para outros problemas.

Enquanto falava isso, Satoshi parecia ter o rosto iluminado como o de alguém que acredita com todas as forças no que está dizendo. Mais que isso, como o rosto de alguém que recebe uma notícia reconfortante.

Michael Makoto podia entender muito de tudo o que o pai lhe falou. Ouviu cada palavra. Pensava nas conseqüências de seus próprios atos, a começar pelo momento em que encontrou Joseph Marinville no Museu de História Natural. Agora estavam ali, naquela fundação, o lugar que poderia estar acabando com a vida de seu pai, e com a sua própria e de seu irmão também. Simultaneamente, era o lugar em que ele tinha a coisa que mais amava, Carol Adams. Desejava se ver livre da Fundação Levine, mas temia, de todo o coração e alma, que pudesse perder Carol. O que ele podia fazer para resolver esse problema? Qual a decisão certa a tomar?

Talvez eu só entenda depois das conseqüências já estarem acontecendo.

Na conversa do dia anterior, Michael não conseguiu falar diretamente do seu temor com Carol. Ele não conseguiu falar com ela sobre a conversa que tivera com Sir Ektor. Temia que ela ficasse desgostosa com a ideia de que a Fundação Levine é um antro de criminosos e que ela também, por associação, seria uma. Como Michael poderia falar algo assim para ela? Fosse como fosse, um dia ele precisaria fazer algo a respeito. Não poderia adiar muito.

Quando pensou em deixar o pai para encontrar sua amada, lembrou-se de seu estranho poder, que foi percebido por Neville Trusten, e do quanto precisava entender as preocupações que corroíam a mente de Satoshi Makoto.

Michael não tinha um grande problema, tinha vários problemas grandes que não sabia como resolver. Decidiu, por fim, encontrar Carol depois. Agora falaria com seu pai. A conversa levou horas. Nas primeiras dessas horas, Michael não conseguiu manter o foco. As palavras de Sir Ektor e de Christian estavam lhe nublando a mente. No entanto, com o passar do tempo, as palavras de seu pai lhe enchiam de novo ânimo. Satoshi Makoto detinha o estranho dom de, com suas palavras, deitar sobre o aflito um bálsamo incrivelmente eficaz.

Michael agora começava a recobrar um pouco da paz que havia perdido. Estava mais forte e animado para esperar pelo futuro e ver os resultados de suas decisões.

Capítulo 9 Intervenção

I

Mais um dia cheio estava chegando ao fim. Já era outubro, dia 12 do mês. O outono já se fazia presente, decretando o fim do verão. Assim, é claro, o dia chegava ao fim relativamente cedo. E desde o início da punição, Michael e Brian Makoto, juntamente com Richard Bent e Alexander Dolton, todos eles sempre tinham um dia cheio. O senhor Phillip era rígido e impecável quanto à limpeza e à organização de toda a propriedade que estava dentro dos limites da Fundação Levine. Não havia um só lugar de toda a propriedade que não fosse tratado de maneira apropriada, nem mesmo o interior de Overton Woods estava longe demais do olhar perscrutador do senhor Phillip no cumprimento do dever.

A ajuda de quatro jovens vigorosos veio bem a calhar para o senhor de quase 60 anos. É verdade que sua equipe contava com mais de uma dúzia de componentes, mas a propriedade era grande. Assim, os quatro rapazes tinham seu potencial aproveitado ao máximo.

Para a sorte de Brian, Tom Geil não sofreu nada mais que dois dias de dores de cabeça por causa do golpe que recebeu – Michael incomodava o irmão dizendo que, não fosse por isso, Brian teria de ser a babá de Tom e a faxineira dos Levine ao mesmo tempo.

Esse dia não fugiu ao padrão. Os quatro foram incumbidos de limpar toda ala da piscina no período da tarde. Como o padrão de limpeza do senhor Phillip era altíssimo, e isso agradava sobremaneira a Sir Ektor, os jovens rapazes mais uma vez tiveram uma tarde muito atarefada. Assim que acabaram o almoço, os rapazes deram início ao trabalho. Não acabaram sua tarefa antes de o sol haver se posto.

Michael já estava acostumado com aquilo. Na verdade, ele achava aquele um tempo que poderia ser utilizado com algo mais produtivo, mas nada demais. Não seria difícil suportar aquilo até o fim do ano, até mesmo porque já havia entrado no costume, tanto que em alguns momentos quase lhe dava prazer aquele serviço.

Seu irmão, contudo, não parecia ter a mesma opinião. Embora ele lidasse com suas tarefas de maneira exemplar, não houve um só dia em que Michael conseguiu ver seu irmão minimamente feliz com aquilo. Richard parecia ser totalmente indiferente à nova ocupação. Era Alexander que constituía a exceção. Dolton notadamente odiava tudo aquilo. Houve momentos em que ele por pouco não desrespeitou o senhor Phillip. Para a sorte dele, Richard o impediu de completar seus momentos de loucura.

Uma vez por mês, no dia 13 do mês, fosse por superstição ou não, um pequeno grupo ia até Overton Woods para recolher qualquer madeira caída em excesso ou qualquer sujeira em geral. Era um trabalho que tomava o dia praticamente todo. No mês passado, os quatro rapazes foram selecionados para o serviço – essa foi uma das ocasiões em que Alexander quase gritou com o senhor Phillip. Amanhã seria mais uma vez um dia 13, dia em que os quatro teriam de passar o dia em Overton Woods para limpar a floresta. Já sabiam que seriam eles a fazer aquilo, e Alexander já demonstrava, em silêncio, sua desaprovação.

Michael achava a limpeza da floresta um dos trabalhos que menos lhe desperdiçava tempo. Estavam num ambiente diferente, o que por si só já era relaxante. Mas a origem de seu maior interesse por tal ocupação estava no fato de ser um trabalho

que envolvia uma utilização maior de força, o que ajudava em seu treinamento; e no fato do guarda da fundação que passava o dia na floresta, o senhor Clay, ser um homem quase tão velho quanto o senhor Phillip, mas estar em plena forma física, podendo vencer Michael em quase qualquer competição de força ou agilidade, além de ser um contador de histórias incríveis.

O pobre senhor Clay nutria uma admiração inesgotável por Sir Ektor e, de uma maneira geral, pela família Levine. Ele, assim como o senhor Phillip, trabalhou para o pai de Sir Ektor antes. Eram as duas pessoas mais velhas que trabalhavam na Fundação Levine. O senhor Clay desejava um dia poder ser um instrutor da fundação, disse isso a Michael duas ou três vezes. Michael, no entanto, não acreditava que isso fosse possível. O velhote tinha uma forma física muito boa, mas seu domínio da aura não era suficiente para o trabalho. A quantidade de aura emitida pelo velho senhor nunca foi maior que 2 mil, ao menos nas vezes que Michael conseguiu ver. Para a maioria, é uma quantidade boa, somada aos atributos físicos do homem. Contudo, para os parâmetros dos instrutores, era muito baixa. Michael não sabia quem era o instrutor mais fraco, mas não conhecia nenhum que tivesse uma quantidade de aura emitida inferior a 8 mil. Satoshi lhe disse outro dia que Neville Trusten, em quantidade de aura, era o segundo melhor da fundação, só perdia para Marinville. Trusten, segundo Satoshi, tinha uma aura emitida de quase 14 mil. Não era de espantar que ele tenha segurado o soco de Michael com facilidade. Marinville era ainda mais assustador, tinha uma aura emitida de no mínimo 15 mil, mas ninguém conhecia a quantidade máxima, pois ele nunca mostrou.

Como regra geral – embora isso mude de indivíduo para indivíduo –, a aura emitida máxima representa entre 8,5% a 10% da aura total da pessoa. Se essa regra se aplicar a todos os instrutores, é possível entender que o nível deles, em quantidade de aura, é muito alto.

O nível dos instrutores era alto, mas não apenas na quantidade de aura que possuíam. Todos eles, segundo o pai de Michael, todos possuíam técnicas especiais. Satoshi não teve oportunidade de conhecer nenhuma, pois nenhum deles teve a gentileza – e a estupidez – de mostrar a Satoshi suas técnicas especiais. A quantidade de aura pode definir o rumo de uma luta entre duas pessoas, certamente, mas se não for extremamente diferente, é muito possível que as técnicas decidam o vencedor. Satoshi contara a Michael alguns casos em que até mesmo com quantidades muito diferentes de aura, o lutador em desvantagem venceu a luta. Um exemplo era ele mesmo, pois Satoshi não detinha uma aura emitida gigantesca. Longe disso. A aura emitida máxima de Satoshi, atualmente, era de algo em torno dos 9500. Sua aura total, da última vez que tentou medir, era de algo em torno dos 110 mil. Se comparado a alguém como Trusten, Satoshi não deveria ter chance, mas teve. Certa vez, Michael ficou sabendo, Satoshi lutou contra dois homens que tinham auras tão fortes quanto Trusten. Seu pai matou ambos por conta de sua técnica especial. Seu tio Ben, que tem uma aura emitida menor que a de Satoshi, é considerado o mais mortal dos agentes da Interpol. Tudo isso devido a técnicas especiais.

Michael criaria uma para si, no momento certo. Seu pai lhe ajudou a entender um pouco seu potencial estranho. Michael, sob situações de forte emoção, extrai de si mais aura que o seu “normal máximo”. Segundo os testes, Michael tem uma aura emitida máxima de 738, enquanto sua aura total é de 8 mil. Quando está em uma situação de forte emoção, Michael pode extrair de seu interior uma aura extra que é quase igual à quantidade normal máxima. Isso, no entanto, tem um preço. Michael consegue usar quase o dobro da sua aura emitida máxima em algumas situações, mas tem um desperdício de aura muito grande nesses casos. Michael percebeu isso em um rápido treino com seu pai, no qual usou um soco de 1300 de aura emitida concentrada

em seu punho direito. Fez isso 4 vezes. Ao aplicar o quarto soco, Michael estava exausto. Quase metade de sua aura foi “desperdiçada” para conseguir esses 4 socos.

Michael aprendeu que normalmente, quando emitimos nossa aura máxima, ela entra em uma taxa de desperdício de 1 por segundo, embora isso varie de acordo com o indivíduo. Quando emitida a aura máxima, se o usuário movimentar sua aura pelo corpo, concentrando muito de aura em um só ponto, a taxa de desperdício aumenta várias vezes. Quando Michael extrai mais aura de si que o máximo que pode emitir, a taxa de desperdício aumenta absurdamente. Satoshi aconselhou-o a não usar isso em uma batalha a menos que seja extremamente necessário. É uma arma poderosa, mas altamente perigosa.

Michael Makoto agora terminava sua parte da limpeza na ala da piscina. Olhou para os colegas que ainda continuavam o trabalho e resolveu ajudá-los. Ao perceber que estava tudo chegando ao fim, Michael decidiu ir.

– Pessoal – disse ele –, vou deixar vocês por hoje. Até amanhã.

Em meio aos olhares cerrados de Alexander Dolton, Michael deixou o salão. Michael se pegou sentindo saudades insuportáveis de Carol. Mais uma vez, aquele mesmo sentimento o acometera. Michael teve, meses atrás, a conversa que precisava ter com sua namorada. Os ânimos do casal se exaltaram desde então e, apesar de estarem namorando, não conseguem mais ter uma conversa que flua. Depois de passarem 10 minutos um com o outro, eles sentem um desejo incontrolável de jamais se separarem novamente. Claro, desde que estejam em silêncio.

O que veio à mente de Michael foi o momento no último dia 21. Michael e Carol sentaram-se juntos, uma vez mais, no lugar especial de Carol, no alto da antiga torre de vigilância. Olhavam o rio que corria do outro lado do muro, envoltos nos braços um do outro. Em silêncio, Michael sentia que qualquer sentimento errado desaparecia e os dois ficavam como deveria ser, em uma paz sem igual. Mas chegava sempre aquela hora. A maldita hora da qual Michael nunca podia escapar. Aquele momento em que a necessidade de cumprir algum dever, de implementar algum projeto, ou até a necessidade frívola de perguntar ao outro qualquer coisa. Esse momento sempre chegava, e com ele vinha a consciência da realidade. Sim, a consciência de que aqueles dois jovens pertenciam a mundos distintos e que, por mais que desejassem mudar tudo isso, ainda nutriam um sentimento de desgosto por uma parte do outro. Esse sentimento aniquilava a felicidade do casal. Era esse sentimento que causava um certo distanciamento entre os dois.

Michael torcia para que o tempo mudasse, aos poucos, determinados aspectos de cada um. Talvez com o decorrer da vida, Michael e Carol conseguissem compreender mais um ao outro, encontrar aquilo que lhes fazia amar o outro e jogar fora aquela outra coisa, aquela parte indesejada que lhes fazia recuar.

O tempo passava, passava e passava continuamente. A distância entre Carol e Michael aumentava, em lugar de diminuir. Em certas ocasiões, Michael podia perceber o olhar desafiador de Christian Levine a lhe lembrar de suas palavras no jardim.

Ele que se dane!

Michael estava dando tempo ao tempo, isso é o que importava. Contudo, quanto mais o tempo passava e Michael observava que Carol não mudava como ele pensava que ela mudaria, mais e mais Michael sentia um sentimento indesejado em si. Existiam momentos em que o jovem rapaz perdia as esperanças de que os dois pudessem viver juntos.

Por várias vezes, Michael pensou que o melhor a fazer era deixar Carol. Essa ideia lhe parecia a mais prudente e sensata. Logo depois, vinha a saudade, o sentimento aterrador que lhe fazia desistir de qualquer plano traçado anteriormente.

Michael vivia com essa dúvida. Ele não sabia o que fazer, não sabia o que deveria fazer. Não sabia o que era mais razoável e tinha medo de só conhecer as consequências de suas decisões depois de acontecerem. Por isso, Michael continuou levando as coisas da maneira que estavam, por mais que tudo aquilo fosse inconveniente, ele estava determinado a levar o máximo possível. Seu medo, entretanto, era que Carol não pensasse como ele.

Essa dualidade incrível de pensamentos fazia com que o jovem Makoto passasse os dias sem concentração em seu treinamento ou em suas tarefas. Levou mais de um mês até que Michael aprendesse a usar suas tarefas e seu treinamento como um meio de escapar por algum tempo de todos aqueles pensamentos. Até mesmo pensar no possível perigo que envolvia a vida de seu pai, juntamente com a sua e com a de seu irmão, até isso servia para Michael como um meio de fuga. Era uma ideia ridícula para Michael, ele percebia isso sempre que refletia sobre o assunto, mas o senso de ridículo de um homem apaixonado aparentemente era demasiado elástico.

– Michael Makoto! – disse aquela voz familiar quando Michael entrou no restaurante a passos largos visando as escadas que levariam ao primeiro andar.

O jovem Makoto reconheceu rapidamente a bela Lenina Hawk. Aquela mulher desenvolveu por ele uma afeição repentina nos últimos meses. Michael chegou a pensar, no início, que fosse um caso de atração física, mas percebeu rapidamente que não se tratava disso. Não havia nada demais em seu comportamento. Basicamente, sempre que o via, a instrutora lhe enchia de atenção. Perguntava sobre como estava, sobre o que pretendia fazer de seu futuro... as perguntas mais generalistas, e sempre repetidas.

– Olá, Lenina. Como vai? – respondeu Michael, ele sabia que ela não queria que ele a chamasse de instrutora ou de senhora.

O rapaz ainda não conseguia entender o que aquela bela mulher mais velha queria com ele. Meses se passaram e o comportamento continuou inalterado, sem um objetivo aparente. Michael não compreendia, por mais que refletisse sobre o caso, qual a motivação de Lenina Hawk em lhe tratar daquela maneira. Ele já havia notado que ela não tratava ninguém mais assim na fundação. Seu pai, quando Michael pediu sua opinião, não soube o que dizer também. Brian limitou-se a rir. Ele continuava sem coragem suficiente para perguntar a ela qual era sua pretensão – isso seria muito inapropriado. Talvez se tratasse de não mais que uma pegadinha do destino com o garoto. Sim, quem sabe a vida tenha um senso de humor requintado o suficiente para colocar uma mulher bela e gentil próxima a um rapaz que está sofrendo por amor.

– Como vai você, Michael? – perguntou ela, como sempre.

– Estou acabando agora meu trabalho na limpeza – disse ele.

– Ah, a punição. Hihhi. Tenha ânimo! Faltam poucos meses – disse ela em tom jocoso.

Michael não estava com muita paciência para aquilo. A situação nunca o agradou. Por mais simpática que Lenina fosse, Michael não se sentiria bem ao lado dela. Michael já havia entendido que a desejava. Não sentia por ela nada do que sentia por Carol, mas Lenina era bela e o tratava tão bem, enquanto Carol estava cada vez mais distante.

– Preciso subir para o quarto, Lenina. Depois nos falamos, está bem?

– Ah – a mulher pareceu um pouco surpresa. Tudo bem, depois nos falamos. Vou continuar meu jantar.

De fato, ela havia levantado de sua mesa para falar com Michael e agora estava retornando a seu lugar.

Mas o que é que significa isso?! O que essa mulher quer?

Michael chegou ao seu quarto. Não havia ninguém lá. Michael pegou algumas roupas limpas e foi tomar um bom banho. Aquilo conseguia lhe tirar um pouco da preocupação que estava sobre ele. Voltou ao seu quarto e não havia ninguém mais uma vez. Seu pai deveria voltar a qualquer momento. Michael estava lendo o último capítulo de A Arte da Guerra quando o relógio anunciou as 8 da noite. Terminou de ler o livro e desceu ao restaurante para comer algo. Muitas pessoas estavam lá, Brian surgiu nas escadas quando ele descia, mas nem sinal de seu pai. Talvez trabalharia muito aquela noite. Supondo dessa forma, decidiu ser rápido e comeu algumas frutas, nada mais. Voltou ao quarto e tentou dormir.

Michael Makoto não saberia dizer como aconteceu, mas o sono lhe acometeu sem muita demora. Antes das 9 da noite, Michael dormia bem, como poucas vezes nesse ano que passou.

II

O ponteiro pequeno do belo relógio do restaurante aproximava-se do número 9. Era uma manhã amena, não fria, mas Brian já estava incomodando-se com a temperatura. Ele e Michael não viram o pai desde a manhã anterior. Estavam agora comendo algo no restaurante antes de adentrarem Overton Woods juntamente com Bent e Dolton.

Brian estava um pouco preocupado com o pai. Que poderia ele estar fazendo para não dar notícia alguma nas últimas 24 horas? Michael estava visivelmente mal, talvez por conta de Carol. Não seria surpresa, já que a garota estava sentada com uma amiga no centro do restaurante e conversavam agora com Christian Levine, que estava em pé ao lado da mesa. Por tudo isso, Brian não partilhou suas preocupações, que não eram tão fundadas assim, pois Satoshi já passou mais de um dia sem lhes procurar para nada. Claro que isso não ocorria mais depois que Michael brigou com Richard, mas ainda assim...

Sem que Michael parecesse perceber, ele levantou-se no momento em que Carol passava por ele acompanhada de sua amiga. Ambas estavam indo em direção às escadas, quando Michael olhou nos olhos da garota loira. Ela parou de súbito ao ver que ele a olhava.

– Hoje é dia de ir pra floresta, não é? – perguntou ela, sem emoção na voz.

Ele respondeu: – É. E você? Vai fazer algo especial hoje?

– Vou trabalhar na tela do jardim – disse sem animação.

– De novo?

– Por que não?

– Por nada. É que... Bem, deixa pra lá.

– Tá bem – disse ela friamente.

Carol seguiu para as escadas e deixou Michael para trás. Ele não disse uma só palavra depois que ela partiu. Voltou a sentar e esperou até que Brian terminasse sua refeição. Não demorou muito para que Brian estivesse pronto para partirem. Encontraram Richard e Alexander na saída do restaurante e foram para a floresta.

Não precisariam nem mesmo falar com o senhor Phillip. Sabiam o que precisavam fazer e como precisavam fazer. Apenas foram até o início do domínio das árvores e continuaram andando.

Para a sorte deles, não seria preciso juntar todas as folhas da floresta que estavam caídas. Essa ideia assaltou Brian no início, logo que viu o outono chegar, mas o senhor Phillip o tranquilizou. Chegavam agora próximo à pequena guarita em que o senhor Clay costumava estar. Overton Woods era, de certa forma, uma floresta densa.

Não podiam ver claramente a guarita até chegarem a menos de 10 metros dela. Michael ia na frente e foi o primeiro a chegar até a guarita.

– Senhor Clay, somos nós! Já chegamos! – disse Michael, mas não houve resposta.

– Ele deve estar rondando por aí – falou Richard. É melhor que a gente comece logo. Como da outra vez. Eu vou com o Alex por aqui – e apontou com o braço para o norte – e vocês vão pra lá – apontou para o leste. A gente volta pra cá quando chegar o meio-dia.

– Tudo bem por mim – respondeu Michael.

Brian acenou com a cabeça e Dolton limitou-se a seguir para o norte.

Ao meio-dia estariam de volta, e o senhor Clay estaria lá com o almoço, como estava acertado. Até lá, deveriam começar a recolher qualquer lixo que estivesse jogado pela floresta. O vento, segundo lhes disseram, trazia alguns papéis até a floresta. Talvez trazidos de York. Também recolhiam qualquer galho ou pedaço grande de madeira que estivesse caído pela floresta. Cada um trazia um saco plástico para recolher o que encontrassem. Michael estava a uns 10 metros de distância de Brian. Não estava falando muito. Já haviam percorrido uns 20 metros quando ele disse as primeiras palavras.

– Eu esperava que o senhor Clay estivesse na cabana – disse ele. Talvez ele soubesse de uma história ou outra que me ajudasse.

– Relaxa, Michael! Isso acontece, cara. Com o tempo, isso passa.

– Só porque todo mundo diz isso? Pode até ser, mas parece que não é bem assim. Eu diria que diminui com o tempo, mas nunca passa.

– E como você vai saber disso se nunca passou por essa situação?

– Não sei.

– Tá vendo só? Relaxa um pouco, cara! Dê tempo ao tempo.

– Eu tô fazendo isso, mas não ajuda.

– Continue fazendo, então.

– Ah vá...

– Eu tô falando sério. Não sei bem pelo que você tá passando, mas não ajuda ficar impaciente. Deixa a vida continuar. Um dia você encontra alguém que goste. Alguém que você goste até mais do que a Carol.

Não houve resposta.

– Vai fazer charminho, agora? A gente tem uma tarefa bem grande aqui, vê se não fica chateado demais, ou a gente não vai conseguir acabar antes do anoitecer.

As folhas laterais das árvores não permitiam que Brian visse o irmão, mas ouvia os passos indo na direção oposta a ele. Brian compreendia um pouco do que Michael devia estar sentindo, mas agora não era o momento para se condoer. Precisavam terminar o trabalho antes do anoitecer e Michael não iria bancar o pobrezinho agora. Não com Brian.

Foi atrás do irmão a passos largos, tanto quanto as folhas e galhos lhe permitiam se mover rapidamente. Viu que o irmão ia andando lentamente carregando algo grande sobre o ombro direito.

– Achou um tronco? Espera aí, esquentadinho, fala alguma coisa!

Michael parou e colocou um corpo no chão. Brian agora chegara a menos de 5 metros, mas percebeu tarde demais que Michael estava deitado sobre o chão da floresta. Não teve a oportunidade de desembainhar a espada de madeira antes que o velho de longos cabelos brancos o alcançasse. Foi a última coisa que Brian lembrou ter visto.

Acordou numa sala de mais de 200 metros quadrados. Era como se estivesse dentro de uma cabana. As paredes eram de madeira, não haviam janelas. Havia uma

porta, e junto a ela estava o homem que Brian logo reconheceu como o velho que o derrubou na floresta. Estava sentado no chão com as pernas entrelaçadas.

Brian estava sentado e recostado numa das paredes da sala retangular. Michael estava ao seu lado, inconsciente. Não havia sinal de Bent ou Dolton. Olhou para o velho e percebeu que estava sendo atenciosamente observado.

– Quem é você? – perguntou ao velho, friamente, mas sua voz deixava transparecer um certo nervosismo.

O velho de longos cabelos brancos vestia um kimono japonês completamente branco, de material aparentemente resistente. Ele tinha o rosto firme e os olhos inquisidores. Era oriental, sem sombra de dúvidas, mas tinha uma pequena barba que lhe cobria a parte mais baixa do rosto. Tanto seus cabelos, tão longos que chegavam ao meio de suas costas, quanto sua barba eram totalmente brancos. O homem continuou observando Brian, movendo os olhos deste para Michael desacordado e de volta para Brian. Nada falou.

– Eu perguntei quem é você – insistiu Brian com certa imposição na voz.

O homem continuava calado. Brian se pôs de pé. Não estava amarrado ou acorrentado com nada. Seu corpo estava em plenas condições físicas, sequer estava cansado. Olhou o homem novamente e tornou a falar: – Somos seus prisioneiros?

– É uma maneira de ver a situação – respondeu o homem, e tinha uma voz profunda e firme; possuía um leve sotaque que indicava sua origem, provavelmente japonesa, como o próprio Satoshi.

– Por que não me diz quem é você, então?

– Quer saber quem sou, Brian Makoto?

Brian foi tomado por uma surpresa súbita que desapareceu tão rapidamente quanto surgiu. Se aquele homem os sequestrou, parecia normal que ele soubesse seus nomes.

– Quero – foi o que Brian limitou-se a dizer, tentando disfarçar o súbito espanto.

– Pois bem. Sou um amigo de seu pai. Por hora, é o que precisam saber. E também devem saber que estão aqui para sua proteção. Satoshi já deve ter encontrado uma forma de desaparecer do campo de visão dos membros da Grey Star. Amanhã, tão cedo quanto os primeiros raios do sol aparecerem, esse lugar vai estar repleto de agentes da Interpol e da ONU.

Por alguma razão, seja o sotaque ou a firme voz do velho, Brian não acreditava que ele estivesse mentindo. Havia sinceridade em sua voz.

– Entendi – ouviu-se a voz de Michael dizer.

Brian foi pego de surpresa, mas notou que o velho já sabia que Michael não estava inconsciente. Seu irmão abriu os olhos e se pôs sentado, da mesma maneira que o velho estava.

– Mas me diga, senhor – continuou Michael –, o senhor também sequestrou o senhor Clay? E os outros dois rapazes que vieram conosco?

– O senhor Clay é o homem que estava de guarda na floresta? Já foi levado. Não sei o que vão fazer com ele. Talvez o prendam até que aconteça o julgamento. Quanto aos outros dois rapazes, eles devem estar no castelo contando a Sir Ektor como não há sinal de vocês dois.

– Por quê? Por que não nos levaram junto do senhor Clay? Por que estamos aqui?

O velho sorriu.

– Porque Marinville tem um interesse muito grande em vocês dois. Talvez seja preciso que estejam aqui quando eu o prender. Talvez precisemos fazer algumas perguntas a ele.

Brian não sabia bem o que o deixou mais abismado: um homem que achava que iria conseguir prender Marinville – aquele homem era inegavelmente um monstro, todos concordavam – ou a calma que Michael estava demonstrando.

– Então a Interpol e a ONU estão planejando atacar a fundação. E estão tentando deixá-los confundidos antes do ataque. Pra isso que deixou os outros dois voltarem e relatarem que só os Makoto desapareceram, não é?

O velho sorriu de novo.

– Sua mente é bem treinada, rapaz. Não está longe da verdade. Até onde sei, os homens da Interpol precisam de algum tempo para chegar aqui. Estão tentando ganhar esse tempo causando confusão nas mentes dos membros da Grey Star.

– Tudo bem – Michael se pôs de pé –, mas eu preciso que me deixe voltar pra lá agora. Se vai haver um ataque amanhã, preciso tirar Carol de lá antes.

– Não sei quem é Carol, mas você não pode ir. Precisa ficar aqui.

– Então vá você e traga ela como nos trouxe! – Michael começava a ficar nervoso.

– Também não posso. A menos que ela entre na floresta, onde eu posso agir sem ser visto, não poderei fazer isso. Minhas desculpas.

– Então saia da frente! Eu vou! Essa porta leva para a floresta?

– Sim. Estamos embaixo dela. Um dos homens da ONU tem uma habilidade especial interessantíssima. Ele conseguiu...

– SAI DA FRENTE! – trovejou Michael.

Brian pensou que Michael iria se lançar contra o homem, mas ele não o fez. O velho permaneceu calmo e tudo o que fez foi tornar a falar: – Já lhe disse que não posso.

– Então eu vou tirar você da frente, se precisar! – disse Michael, agora ainda mais exaltado.

– Seria inútil tentar. Não conseguiria. Além disso, acabaria machucado. Precisaré estar em boa forma amanhã, caso seja necessário lutar.

Michael deu alguns passos em direção ao velho e parou de frente com ele.

– E se for você quem sair machucado?!

– Impossível. Contudo, acredito que você não vai se dar por vencido só com palavras, correto? Então farei o seguinte: vocês dois podem tentar o que quiserem. Se conseguirem me fazer sentir dor o suficiente para que eu grite, reclame, ou ao menos contorça os lábios por causa da dor, se fizerem isso, eu os deixo passar. É uma esperança menos impossível que a de me derrotar. Será um bom treino para vocês.

– E se o derrotarmos? – perguntou Michael.

– Impossível.

– E se o derrotarmos?! – insistiu ele.

– Uhm... – o velho pareceu pensar por alguns segundos. Se me derrotarem, serei seu escravo pelo resto de meus dias – disse o velho de maneira muito séria.

– Fechado!

Antes que Michael fechasse a boca, já estava em movimento para acertar o velho com um soco. Michael já tinha bastante aura concentrada na mão direita e o velho ainda estava sentado. Michael não teve tempo de concentrar toda a aura na mão, mas atacou assim mesmo. O velho não se moveu.

Brian viu o punho de Michael acertar o rosto do homem. De alguma maneira, não se lembrava de ter visto o velho fazer nada, mas Michael agora fora arremessado para o fundo da sala. Bateu duramente contra a parede, que resistiu sem parecer quebrar-se em lugar algum. Michael não demorou para estar de pé novamente. Saía um fio de sangue pela sua narina. Ele não pareceu perceber.

– Brian. Quando quiser. – Disse ele.

Brian percebeu que ainda possuía a espada de madeira junto de sua cintura. Sacou-a e fitou o homem.

– Brian. Você também pensou que eu tinha acertado o soco? A mão esquerda dele estava perto do umbigo. Ele desviou meu soco num instante e, com a mesma mão, acertou minha barriga. Se atacarmos ao mesmo tempo, talvez...

– Se atacarem ao mesmo tempo – começou o velho homem –, acabarão incorrendo no mesmo resultado que desta vez.

Ele está pegando leve. Esse velho deve ser muito mais forte que nós dois juntos, se ele quisesse nos derrubar, como na floresta, não teríamos chance. Mas ele tem razão. Michael não vai aceitar ficar aqui, ele quer ir atrás de Carol. Então é melhor eu ficar do lado dele.

Brian concentrou quase toda sua aura em sua espada de madeira. Quando percebeu, Michael já havia o ultrapassado e tinha toda sua aura no punho direito. Brian se apressou e o alcançou. Michael pela direita e Brian pela esquerda. Atacaram.

Não levou mais que um segundo, mas dessa vez Brian conseguiu acompanhar tudo. O homem não desviou nenhum dos golpes. Recebeu a espada de madeira com o antebraço e socou o punho de Michael. Tudo feito ao mesmo tempo, enquanto permanecia sentado.

Brian sentiu todo o corpo tremer um pouco quando a espada de madeira se despedaçou em suas mãos. Toda a força que colocou nela, juntamente com a força que o velho aplicou na defesa, tudo foi demais para a madeira da qual era feita. Brian sentiu aquilo e não teve dúvidas de que não poderia fazer nada contra aquele homem. O que restou do cabo da espada permaneceu cerrado nas mãos de Brian.

Michael estava de joelhos. Gemia de dor enquanto envolvia seu punho direito. Contudo, fitava o velho pelo canto dos olhos. O homem levantou-se.

– Compreendem? Não vão sair. E se saíssem? Se encontrassem um inimigo como eu lá fora? Estariam mortos num segundo.

– Eu vou sair! – disse Michael com determinação em sua voz, de uma forma inédita para Brian.

Ele concentrava toda sua aura no punho direito mais uma vez.

– Se usar essa mão, vai acabar quebrando – disse o velho, mas Michael não lhe deu atenção.

Brian entendeu que Michael queria tentar usar mais que seu limite de aura emitida, e o faria. No entanto, de que isso iria adiantar? Mesmo que ele socasse com 10 mil de aura em seu punho, seria inútil. Aquele homem controlava sua aura perfeitamente. Em um instante, ele desviou o soco de Michael anteriormente e, quase no mesmo instante, com o mesmo punho, o socou para lançá-lo ao fundo do aposento. Para desviar o soco sem causar um grande dano na mão de Michael, ele precisaria de pouco mais de 1000 de aura em seu punho, mas para lançá-lo ao fundo, logo após, ele precisaria diminuir muito sua aura, pois o corpo de Michael estava quase totalmente desprotegido e atacar com 1000 de aura o mataria.

Esse velho fez essas mudanças tão rápido... num instante em que durou menos que o meu tempo de reação. É impossível vencer.

Mas Michael iria fazer aquilo, estava concentrando toda sua aura no punho direito e já não tinha mais nenhuma defesa no resto do corpo.

– Descanse – disse o velho.

O homem acertou Michael no estômago mais uma vez, antes que Michael pudesse tentar socá-lo. O rapaz caiu para trás, sem ser lançado dessa vez. Estava inconsciente, ou ao menos parecia estar.

– Se eu não o colocasse para dormir, ele quebraria a mão – disse o homem como se estivesse se desculpando pelo que fez.

A porta do aposento abriu-se com um estrondo e um homem magro e alto entrou correndo por ela.

– Senhor! Precisa vir agora, é sobre Marinville!

– O que houve? – perguntou o velho com impaciência.

– Não sei, senhor, mas o senhor Muller disse que é urgente.

– Vigie os garotos!

O homem saiu do aposento rápido como um raio e desapareceu, fechando a porta atrás de si. O homem magro e alto que acabara de chegar ficou no aposento. Parecia preocupado, mas não falou nada.

III

A primeira luta foi travada contra os próprios olhos. Michael teve de insistir duramente para que suas pálpebras obedecessem a ordem de abrirem caminho para a luz que deveria iluminar seus olhos. Encontrou-se deitado de lado, com sua cabeça acomodada por um travesseiro. Seu corpo doía quase por completo e foi com alguma dificuldade que ergueu o tronco e ficou sentado.

– Como você está?

Reconheceu a voz de Brian e virou-se para ver o irmão. Ainda estavam no cômodo feito de madeira que mais parecia uma cabana. Viu de relance um homem que os observava de junto a porta. Não era o velho de antes, era um homem bem mais magro e mais jovem.

Michael voltou-se para o irmão.

– Dolorido – respondeu a pergunta.

Brian pegou uma garrafa de água e entregou a Michael.

– Beba. Você passou muito tempo dormindo.

– Quanto tempo?

– Sei lá. O dia todo, eu acho. O velho derrubou você bem fácil. Deve doer o corpo inteiro, então descanse mesmo.

Michael olhou para o homem junto da porta.

– Pode dizer que horas são? – o homem o olhou friamente. Desculpe não perguntar quem você é, mas eu tenho mais com que me preocupar agora. E você já sabe quem eu sou.

O homem abriu um pequeno sorriso.

– O dia já raiou, se é o que quer saber.

Michael sobressaltou-se. Ficou desacordado tanto tempo?

– Preciso que me deixe ir procurar alguém na fundação, por favor – a dor não lhe permitiu ser tão imponente como fora no dia anterior. Eu realmente preciso encontrá-la. Me deixe ir, por favor.

– Garoto – começou o homem –, lá fora está uma guerra, fique sabendo disso. Se você for até lá, pode acontecer qualquer coisa ruim e seu pai iria me fazer pagar por isso. Lá não é lugar pra vocês dois.

Que seja... do jeito difícil de novo!

Michael se pôs de pé e foi até junto do homem. Percebeu que Brian iria tentar fazer qualquer coisa, então tratou de olhar para o irmão de uma maneira que lhe fez petrificar. Michael não iria parar... não deixaria nada acontecer a Carol.

Não disse uma palavra. Parou em posição de combate e, de pronto, concentrou toda sua aura emitida máxima no punho direito. O homem ficou de pé.

– Olha só – disse –, eu não quero machucar mais ainda você. Pare, amigo.

O punho de Michael voou para o rosto do homem, que colocou a mão para bloquear o soco. Michael diria que ele não entendeu bem o que aconteceu. Diria isso pela expressão de perplexidade que havia no rosto do homem quando ele caiu para o lado. Brian entendeu mais rápido, pois estava em cima dele, desferindo um golpe na nuca, antes que ele pudesse reagir.

– Você... – começou Brian, em tom de desaprovação. No último momento, logo no último momento... E começar gastando mais aura do que você tem, e com o corpo nessa condição.

– Eu precisava fazer isso. Ele esperava um soco de mil, recebeu um com o dobro do poder. Ele não queria me machucar mais, então tentou bloquear com o mínimo que poderia. Não estou feliz por precisar desperdiçar tanta aura e também não estou feliz por ter feito isso com alguém que só queria nos proteger, mas eu vou sair.

– Eu entendo – ponderou Brian. Se não entendesse, eu não teria ajudado a finalizar ele – parou um segundo e olhou para Michael. O que você ia fazer se o velho ainda estivesse aqui? Ele não ia perder pra nós, não interessa que truque a gente usaria.

– Que bom que ele não está aqui, então. Onde ele está? Que não esteja nos esperando do outro lado da porta.

– Pelo que esse cara aqui me disse, Marinville fez algo que não estava nos planos.

Michael confirmou ter entendido. Deu as costas e abriu a porta de madeira. Não havia ninguém do outro lado, apenas um laptop desligado em cima de uma mesa. Talvez com ele fosse possível passar a barreira que não permitia comunicação sem fio na Fundação Levine exceto por alguns meios. Era uma tecnologia espantosa, segundo Satoshi. Nem mesmo os equipamentos que os agentes da ONU usavam foram capazes de ignorar os dispositivos da fundação.

Era uma sala pequena, não tinha mais que 6 metros quadrados. Havia uma pequena caixa que parecia um refrigerador. Michael viu também uma escada que conduzia para cima. Seguiu-a, abriu uma escotilha de metal que se punha no caminho e achou-se num ambiente conhecido: Overton Woods. Realmente estavam embaixo da floresta, como dissera o velho.

– Estávamos embaixo da floresta mesmo – disse Michael a Brian que vinha logo atrás. Eu vou para o castelo, é melhor você ficar aqui.

– É claro – respondeu Brian –, você perdeu o juízo ontem depois da surra. Seu idiota, eu não vou deixar você ir sozinho.

Capítulo 10 14 de Outubro de 2013

I

– Alguma coisa explodiu no castelo! – disse Brian quando aquele som catastrófico chegou até eles.

Ou duas pessoas muito fortes estão se socando com tudo.

Michael não podia perder tempo pensando em nada daquilo. Se eram bombas ou socos, não faria diferença agora. Ele precisava chegar ao castelo e achar Carol.

– Anda logo! – esbravejou Michael para Brian quando começou a correr em direção ao castelo da Fundação Levine.

As árvores possuíam folhagem apertada demais para que Michael pudesse ver qualquer parte do castelo àquela distância. Correr era difícil também. Sua aura não o estava protegendo da maneira adequada e os galhos próximos das árvores estavam conseguindo ferir seu corpo enquanto ele avançava. Não sabia se isso era resultante da surra que levou daquele velho ou da preocupação que lhe nublava a mente. Talvez fosse por ter usada tanta aura no último soco. Qualquer que fosse o motivo, uma coisa era certa: Michael Makoto não estava em boas condições.

O garoto ignorou isso enquanto corria o mais rápido que pôde. Sentia ardências em alguns locais de sua pele por conta dos galhos que o maltratavam. Finalmente começou a conseguir ver o castelo. Uma das paredes externas estava realmente destruída. Talvez fosse mesmo uma explosão.

Chegaram ao fim da floresta. Michael sentiu a mão de Brian o puxar para baixo e se abaixou. Seu irmão lhe apontou dois homens que se moviam absurdamente rápido. Um deles era excepcionalmente mais rápido que o outro. O mais rápido surgira duas vezes de lados opostos ao que estava antes. Isso aconteceu duas vezes, ou Michael não percebeu as outras. Levou um ou dois segundos para que Michael reconhecesse o homem mais lento, que evitava um golpe fatal do mais rápido com toda a habilidade que possuía. O homem não tão rápido só podia ser Neville Trusten.

– É o Trusten, Brian – disse Michael, em voz baixa, mas o irmão não parecia dar ouvidos.

Brian apontou para algo mais que estava a pouco mais de 20 metros diante dele. Michael não viu antes, mas aquilo só podia ser um corpo humano. O que sobrou dele. Se Michael conhecia aquela pessoa, não o reconheceria nunca mais. Era um homem, isso podia ver, mas todo o corpo estava dilacerado demais para saber de quem era.

Por que aquilo não perturbava Michael? Nunca vira um corpo antes naquelas condições, mas aquilo não o incomodava. Pensava onde seu pai poderia estar. Onde Carol estaria também? Será que se encontram bem? Essas eram as perguntas na mente de Michael.

Outro som, mais alto que o primeiro, ensurdeceu os dois garotos. Vinha do interior do castelo. Devia ser uma explosão. Fosse o que fosse, era alto demais. Michael levou as duas mãos para proteger os ouvidos sem nem perceber que o fez. Logo em seguida estava em pé e decidido a atravessar o campo aberto e adentrar o castelo a sua frente.

Antes que pudesse dar o primeiro passo, seu coração estremeceu.

Essa sensação! Marinville...

Não estava paralisado, mas era uma sensação idêntica àquela que sentira no Museu de História Natural. Seus olhos fixaram-se de imediato na luta dos dois homens mais adiante. Neville Trusten o percebera ali.

O outro homem não deixou escapar esse momento de distração de Trusten e investiu contra ele. Trusten retesou-se ao receber o golpe, mas o homem era forte como touro nenhum um dia foi. Michael agora percebia que o homem mais rápido era pouco menor que Trusten, e bem mais magro. Ele lutava com facas e foi uma faca que cravou no peito de Trusten. Em retribuição, Neville Trusten socou o inimigo que estava tão próximo com a mesma facilidade que acertaria uma árvore qualquer. O homem foi arremessado longe e, por um segundo, Michael sentiu um terror tremendo subir-lhe pela espinha. Trusten iria matá-lo dessa vez, não se limitaria em apertar o punho de Michael. O garoto podia sentir isso.

Seus joelhos travados não saíram do lugar. Ouviu Brian gritar palavras atropeladas que não fizeram nenhum sentido e viu Trusten vir em sua direção como uma bala. Michael morreria ali. Talvez Brian também, mas conseguiu mover os braços a tempo de entrar numa posição de luta.

– Bri... – tentou falar; queria dizer para Brian ir embora depressa, mas não saiu voz de sua garganta.

O tempo parecia correr mais devagar. Ele parecia poder ver claramente aquele homem se aproximar, mas o próprio Michael movia-se muito lentamente.

Tudo acabou tão depressa quanto começou. Num piscar de olhos, Trusten estava caído a poucos passos de si. Michael conseguiu ver que o outro homem apareceu e o acertou com uma outra faca. Dessa vez atravessou a garganta. Não viu de onde o homem havia surgido, mas o restante lhe adentrou o entendimento e tudo se esclareceu.

Diante de si estava, em pé, seu tio Ben. Caído, a seus pés, estava o cadáver de Neville Trusten. A vida retornou a Michael no momento em que entendeu isso. O tempo agora parecia correr normalmente. E foi dessa forma, sem compreender bem o que se seguiu, que Michael observou seu tio Ben vir em sua direção rapidamente. Antes que ele tocasse os dois garotos, Michael teve a impressão de ouvi-lo dizer que não deviam estar ali. Um segundo depois, não estavam mais.

Michael e Brian estavam agora de volta ao local de onde vieram. Michael reconheceu o homem que derrubara e Brian ajudara a deixar inconsciente. Contudo, ele não estava mais inconsciente.

– Voltaram – disse ele. Isso foi coisa do Ben Elias. Ainda bem que ele encontrou vocês antes de alguma coisa pior acontecer.

O homem e Michael se olharam. Michael estava sem presença de espírito sequer para falar qualquer coisa. Limitou-se a observar o homem que estava diante de si. Caiu ao chão. Estava derrotado. Não teve forças para olhar e ver que Brian estava ao seu lado, quase tão estupefato quanto ele.

– Me lembrem de agradecer ao Ben E. por isso, garotos. Agora não tentem mais nada, ou eu vou esquecer que são filhos do Satoshi. Ben salvou nossas vidas, então não tentem jogar a de vocês fora outra vez – concluiu o homem.

Tio Ben. Será que o senhor pode salvar a da Carol também?

Mas Michael não sabia a resposta para essa pergunta.

II

Não era possível saber se o plano estava correndo bem. Não haviam percebido que Satoshi estava escondido na no salão da piscina, isso já era muito bom. Alguns meses atrás, Satoshi percebeu o motivo da extravagância de Sir Ektor ao construir

aquele prédio. O salão da piscina estava repleto de locais propícios para se estabelecer durante uma guerra, talvez ele esperasse por uma. O piso era feito de metros de concreto puro. A espessura era esperada para suportar tanta água, mas o material utilizado não era necessário. As paredes também eram mais espessas que o necessário, e mais resistentes também. Satoshi levou 3 meses para, aos poucos, abrir um pequeno local no espesso piso próximo ao banheiro masculino do salão. Poderia passar 2 dias ali e simular seu desaparecimento, conforme foi planejado. Torcia para que os garotos estivessem a salvo.

Não era fácil ouvir qualquer coisa que viesse de fora das paredes do salão, então Satoshi não sabia se o ataque começara ou não. Contudo, esperava pacientemente. Se ele estivesse certo, Sir Ektor ou algum outro alto membro da Grey Star buscaria refúgio naquele local. Se não estivesse certo, precisaria sair e procurar por Sir Ektor em pouco tempo.

Tentava manter-se calmo e não pensar nos filhos. Lembrava a si mesmo que seu mestre iria tratar de protegê-los antes de tudo começar, e isso era totalmente digno de confiança. Então por que não conseguia deixar de lado esse sentimento de que alguma coisa estava errada?

Poucas horas se passaram desde que os primeiros raios de sol surgiram no céu e atravessaram as janelas. Satoshi precisou conferir como tudo estava se desenvolvendo. Não foi difícil ver, ao olhar por uma das janelas, que a intervenção da Interpol e da ONU havia sido iniciada. Havia um campo de batalha ao lado do castelo e provavelmente dentro dele a situação era a mesma. Isso significava um problema.

Preciso encontrar Ektor Levine. Se ele ainda não veio, então não virá até mim.

Encaminhou-se com cuidado até a porta, mas foi surpreendido ao sentir que alguém estava chegando. Usando zanshi não era possível saber quem era, mas a pessoa estava procurando por outra.

A porta entreabriu-se. Satoshi preparou-se para o pior.

– Joseph, é você?

A voz de Sir Ektor Levine invadiu o salão. Logo a aparência daquele nobre homem estava ali, adentrando o recinto, embora não estivesse tão bem vestido como de costume. Satoshi percebeu que o nobre estava mais surpreso em vê-lo ali que o contrário.

– Você... então você estava aqui o tempo todo? – perguntou Sir Ektor, como quem já sabe a resposta.

– Eu esperava que viesse aqui, mas já tinha perdido as esperanças – respondeu Satoshi com a voz tranquila.

– Esse ataque... essa guerra! É culpa sua, não é? Você os trouxe aqui, não foi? – Sir Ektor não parecia estar tão furioso quanto as palavras poderiam fazer alguém pensar.

– Planejei isso, é verdade. A ONU e a Interpol vão fechar a Grey Star hoje. Lamento por isso.

– Você gostaria disso, não é? É um tolo, Makoto. Duplamente tolo. A Grey Star é grande. Você viu apenas aquilo que concentramos nessa fundação, ou seja, a parte visível do iceberg. E é mais tolo por não entender, mesmo depois de todo esse tempo, que nós não somos os bandidos nesse mundo que abandonou a honestidade e a equidade. Agimos fora da lei, porque a lei está tão corrompida quanto a moral dos mais poderosos. Você não é burro o suficiente para não entender algo tão simples depois de tanto tempo, Makoto. Se entendeu isso e ainda pensa em ser contra nós, significa que é mais tolo que qualquer homem na face da Terra.

Satoshi Makoto entendeu os motivos que a Grey Star enunciavam, mas não eram suficientes. Agir à margem da lei abre um espaço tremendo para a corrupção. No fim, os

justiceiros de hoje sempre são os tiranos de amanhã. Além disso, se Eiji Matsuda está envolvido nesse assunto, é mais que o suficiente para que Satoshi não acredite em qualquer moral dessa organização.

– Pode me chamar de tolo, Sir Ektor, mas quero que se entregue agora. Vou levá-lo sob minha custódia. Seus companheiros estão ocupados, não vão salvá-lo aqui. Nem mesmo seu fiel Joseph terá condições de aparecer aqui para salvá-lo, Vossa Graça. Yamamoto-sensei não vai dar essa oportunidade a ele.

Sir Ektor sorriu. Sua aura agora estava sendo emitida por todo o corpo e em grande quantidade, de maneira inédita para Satoshi. Antes que Makoto percebesse, ele tinha uma grande flauta na mão direita. Parecia ser feita de metal.

Não tem lugar de onde ele possa ter tirado isso. Só pode significar que esse é o objeto que ele materializa. Ele é um músico afinal.

– É triplamente tolo, Satoshi Makoto. Por pensar que eu preciso da proteção deles em uma batalha contra um só inimigo – Sir Ektor riu novamente. Sim, essa a palavra pra designar você, certo? Meu inimigo.

Levou a flauta aos lábios, o que fez Satoshi saltar sobre a piscina para alcançá-lo. Os esforços de Satoshi Makoto não foram suficientes. Antes de chegar até o mandatário da Grey Star, uma leve melodia enchia o ambiente.

A mão esquerda de Satoshi continha a quantidade de aura necessária para utilizar sua técnica, a qual alcançou a flauta de Sir Ektor num grande impulso... e a atravessou como atravessaria o vento. O mesmo aconteceu com o corpo de Sir Ektor depois da flauta.

Uma ilusão?!

Satoshi olhou de imediato para todos os lados, mas não viu o homem que procurava. Viu diversas outras pessoas. Jovens, velhos, homens e mulheres. O salão estava cheio deles. Seu zanshi não o deixaria ser enganado. Só havia uma pessoa ali, mas não poderia saber exatamente onde ele estava. A música tornava difícil localizá-lo por meio do som, e a visão estava entorpecida pela ilusão que fora criada de súbito.

Isso é mau. Não dá pra saber onde ele está. Ele pode atacar de qualquer lado. Não posso vê-lo, mas posso ouvi-lo. Meu zanshi ainda sente a vontade dele. Essa é uma ilusão de baixo nível, só pode afetar minha visão. No momento em que ele atacar, vou saber onde procurá-lo.

Satoshi Makoto pôs-se em posição defensiva, prevenindo qualquer ataque que pudesse vir de qualquer lado. A música se intensificou, parecia uma outra melodia. O salão estava repleto de pessoas aos olhos de Satoshi. Dentro da água e aos arredores da piscina, gente por todo lado. Makoto se manteve na posição defensiva, contudo, não veio ataque algum.

Ele pretende fugir? Não vai conseguir passar por mim para sair por essa porta. Se quebrar uma dessas janelas, o som será muito alto para disfarçar. O que você vai fazer, Levine?

A música continuava a se intensificar. A melodia ficava mais agressiva. Embora o volume do som que a flauta produzisse não fosse grande coisa, os ouvidos de Satoshi começavam a doer.

Ele não vai me atacar fisicamente. É o som. A melodia não causa apenas ilusão, não é, Levine? Ela vai me deixar exausto em algum tempo, não é? Se esperar não adianta de nada, só me resta encontrar você. Acho que suas habilidades físicas são inferiores às minhas.

Satoshi tinha a mão direita envolta em aura para usar sua técnica especial. Rápido como uma bala, atravessou o salão por sobre a piscina e através dos fantasmas que preenchiam o ar ao seu redor. Em algum momento antes de chegar ao outro lado da

piscina, lançou a mão direita e a aura que ela continha contra a água que estava abaixo de si.

Choveu em todo o salão, mas a água só podia passar por entre as pessoas que ela tocava. Não havia mais sinal de Sir Ektor agora do que havia há alguns segundos.

Inútil? Então o jeito difícil!

Satoshi Makoto lançou-se a correr insanamente por todo o salão, cruzando a piscina em todas as direções possíveis e cortando o ar com suas mãos. Sir Ektor continuava a estar ali. Seu zanshi lhe permitia sentir o espírito e a intenção daquele homem: ele mataria Satoshi Makoto, não fugiria.

Quanto mais Satoshi corria e cruzava o grande salão, a música ficava mais intensa. Satoshi começava a cambalear. Entre um salto que deu para atravessar de um lado a outro da piscina cruzando o ar, sentiu-se quase tonto, tanto que ao aterrissar seus pés quase o deixaram cair.

Se isso continuar por mais tempo, eu vou desmaiar. Não tem jeito. É matar ou morrer!

Satoshi concentrou quase toda aura emitida em ambas as mãos, que agora estavam unidas como se segurassem um bastão para rebater uma bola de baseball. Ao rebater a bola imaginária, um lampejo de aura cortante cruzou o salão de lado a lado, cortando os fantasmas que se punham em seu caminho sem que estes parecessem ficar incomodados. A música cessou antes mesmo que o ataque de Satoshi atravessasse todo o lugar.

A música parou, os fantasmas desapareceram... e lá estava Sir Ektor, a 10 metros de Satoshi, próximo à borda da piscina. Segurava dois pedaços de sua flauta nas mãos e os lançou fora quando Satoshi já se lançava contra ele sem hesitar.

Os pedaços da flauta quebrada evaporaram e desapareceram como se nunca tivessem existido. Um instante depois, havia outra flauta nas mãos de Sir Ektor. Dessa vez ele não foi tão rápido. Antes que o nobre pudesse levar o instrumento à boca, Satoshi Makoto estava perto o suficiente para desferir um golpe que arrancaria o braço esquerdo de Sir Ektor, se este não usasse a flauta metálica para bloquear o golpe.

Sir Ektor possuía mais aura do que Satoshi imaginara. Deveria ter colocado tudo de si na flauta para que pudesse parar sua técnica perfuradora. Também deve ter feito isso para evitar ser cortado pelo lampejo de aura que atravessou o salão alguns instantes atrás.

A mão esquerda de Satoshi moveu-se para surpreender o nobre que agora saltava para trás a fim de evitar a surtida. O homem alvo não tentou usar a flauta como instrumento mais uma vez, agora tentava usá-la como bastão para golpear o adversário. Satoshi já estava impressionado com a velocidade e habilidade que Sir Ektor demonstrara, mas aquilo era mais do que o esperado. Satoshi era pouco mais veloz, tão pouco que quase não fazia diferença.

Por alguns instantes, ambos trocaram estocadas, aparentemente, continuariam assim até que um dos dois cansasse. Tudo mudou quando, finalmente, os pés de Satoshi demonstraram que os efeitos estonteantes da música de Sir Ektor não foram vão.

Makoto perdeu o equilíbrio por um instante, e Sir Ektor não perdeu essa ínfima passagem de tempo. Aproveitou o momento para aplicar mais uma estocada com sua flauta. Dessa vez acertou o queixo de Satoshi Makoto e o fez cair a dois metros de distância. Vulnerável, Satoshi tentou recompor-se antes de tocar o chão, mas Sir Ektor não lhe deu tanto tempo e recomeçou a tocar.

Os fantasmas apareceram novamente e a cabeça de Satoshi começou a doer mais que em qualquer momento que ele lembrasse alguma vez na vida. A dor não lhe

permitiu sequer levantar novamente. Sua visão embaçou e ele sentiu o piso saltar para esbofetear-lhe o queixo já abatido.

Assim que caiu, sentiu o que só poderia ser o pé de Sir Ektor chutar-lhe a cabeça. Estava impotente.

É assim que acaba?

Não ouvia mais a música e, ao abrir os olhos, viu com dificuldade que Sir Ektor se encontrava a alguns metros de distância. Não tocava mais, apenas o observava.

– Satoshi Makoto. O tão temido Makoto. O melhor dos agentes de paz. Se deixou levar pelo ego e pensou que não perderia para ninguém, a não ser para Joseph. Antes de morrer, eu quero que fique claro: eu não queria que fosse assim. Preferia tê-lo como um companheiro, não como um inimigo.

Satoshi ainda tinha força suficiente para falar.

– Vá se danar, Levine.

Sir Ektor não manifestou qualquer sentimento quanto ao que Satoshi falara. Pegou a flauta com firmeza e deu um passo. E foi então que o semblante de Sir Ektor esboçou toda a dor que um ser humano poderia demonstrar, embora não tivesse emitido mais que um grunhido.

Satoshi pôde ver, embora com dificuldade, a haste vermelha em brasa que saía pelo peito de Sir Ektor. Uma pequena chama fugaz morria em sua ponta e ela começava a derreter. Não parecia provável, mas Satoshi tinha certeza de que era feita de lava vulcânica. Já vira aquilo antes, há muito tempo.

Sir Ektor caiu. Por trás dele, permaneceu de pé aquele homem que aterrorizava os pensamentos de Satoshi Makoto.

Por que ele está aqui?

– Você me decepcionou, Satoshi. Não pensei que você perderia essa luta. Ainda bem que fiquei aqui para garantir – disse Marinville a Satoshi Makoto, então olhou para o agonizante Sir Ektor cujo coração fora perfurado. Sinto muito, Vossa Graça. Sinto mesmo. Eu preferia que não fosse assim, mas seu orgulho jamais permitiria que alguém que não é um Levine liderasse a Grey Star. Não se preocupe, eu tomarei cuidado para que tudo continue tão bem quanto deve ser.

Satoshi conseguiu erguer o corpo um pouco para ficar sentado com dificuldade. A primeira coisa que viu foi o rosto morto de Sir Ektor. Não era mais dor que via estampada ali, era a angústia da decepção que alguém tinha ao confirmar a traição que mais desejava não ser real. Não era a primeira vez que Satoshi via isso em um rosto.

– Devo dizer, Satoshi – continuou Marinville –, eu me esperava mais de suas habilidades. Mas está tudo bem. Você serviu exatamente como eu desejava.

– Você... você me trouxe aqui para matar ele? – Satoshi falava com dificuldade e encarava Marinville.

– Na verdade, eu não menti quando nos falamos antes, Satoshi. Não esperava que os dois garotos fossem seus filhos, mas essa foi uma surpresa agradável. Quando percebi que você viria para a fundação, minha mente chegou a algumas conclusões muito interessantes. Eu planejava a morte de Sir Ektor de uma forma diferente, mas a sua presença me proporcionou algo muito melhor. Ah, claro, para todos os efeitos, você matou Sir Ektor, ele é mérito seu, não meu. Entendeu?

– Como é que você está aqui? Yamamoto-sensei não...

– Ele deve estar em Londres agora. Dolton e alguns membros da fundação foram para lá. Todos, até Sir Ektor, imaginavam que tinha ido com eles. Os únicos que sabiam da verdade eram os 3 que mandei para lá e, obviamente, eu mesmo. Não podia arriscar encontrar o sensei aqui. Eu precisava me certificar de que você mataria Sir Ektor. Além disso, talvez a presença do Yamamoto-sensei prejudicasse a minha saída daqui.

– Então era isso que você queria desde o começo. Ser o líder da Grey Star. Por isso trouxe meus filhos e eu para cá. Tudo pelo poder, não é, Eiji?

Marinville observou Satoshi por um instante com ar de incredulidade.

– Será mesmo possível que você não consegue ver, Satoshi? Ainda não entendeu? Esse não é meu objetivo. Isso é apenas um meio para um fim. Preciso dos recursos da Grey Star. Só isso. Preciso de seus garotos para algo muito maior. E é por isso que quero que você cuide bem deles. Se quiser revelar que Joseph Marinville e Eiji Matsuda são a mesma pessoa, pode falar para o mundo inteiro. Isso não tem mais importância. Mas jamais deixe que saibam que eu matei Sir Ektor. Para todos os efeitos, ele é mérito seu. De fato...

De imediato, Marinville saltou e caiu com o pé direito sobre o lugar onde ficava o coração de Sir Ektor destruindo-o.

– Se fosse um buraco cauterizado, poderiam suspeitar que não foi obra sua. Você não mexe com fogo, não é?

Satoshi engoliu as palavras que vieram à sua boca naquele instante. Trocou-as por outras e disse: – Você matou o homem que te acolheu. Que fez você nascer de novo. E nem se importa com nada disso.

Marinville refletiu por um momento.

– Não sei bem como dizer isso. Veja, Satoshi. Eu não importo com o que as pessoas pensam de mim. Não me importo com seus padrões de moral ou de conduta. Sua sociedade pode desaparecer que eu não vou nem mesmo piscar. Eu tenho um objetivo a alcançar, Satoshi, e vou alcançá-lo. Nada, além disso, é importante pra mim. Não pense que eu não mataria você agora mesmo, ou seus filhos, ou quem quer que seja. Você e todas as pessoas são iguais a qualquer outro animal para mim. Se eu perceber que estão dificultando meu caminho, eu farei com que desapareçam. Entendeu bem? Não sinto afeição nem desafeto por quem quer que seja. Sou indiferente a qualquer um de vocês, seres humanos. Só me importar o meu objetivo.

– Nós seres humanos? Você deixou de ser humano, Eiji?

Marinville riu.

– Ainda não, Satoshi. Agora eu vou andando.

Marinville deu as costas para Satoshi, mas voltou a olhá-lo antes de continuar.

– Talvez esteja pensando algumas coisas estúpidas. Não seja ingênuo, Satoshi. Eu não posso usar zanshi, como você, mas eu posso ver o que quer que você faça. Não esqueça disso. Já se perguntou por que Sir Ektor viria para cá? Não foi para se proteger. O subsolo do castelo é um local muito mais fortalecido. Fui eu quem o mandou para você. Eu sabia que você estava se escondendo aqui, então eu mesmo me escondi próximo. Deixei tudo pronto para que Sir Ektor viesse aqui quando as coisas começassem a ficar difíceis lá embaixo. Ele veio acreditando que salvaria a fundação aqui, mas eu o mandei para a morte.

Marinville ficou de frente e encarou Satoshi Makoto antes de continuar a falar. Seu olhar penetrante causava aflição. Entretanto, antes que Satoshi pudesse falar algo, aquele homem tornou a falar.

– Ninguém percebeu que você preparava um pequeno esconderijo aqui. Esse é o nível que você conseguiu alcançar. Você é excelente. Mas eu sou muito melhor. Não tente se esconder de mim, Satoshi, porque você não vai conseguir. Então não faça nada ingênuo – virou-se e andou calmamente em direção à porta. Agora, vou deixá-lo só para esperar pelos seus amigos da ONU. Nos veremos algum dia, Satoshi. Cuide bem dos seus garotos.

A cabeça de Satoshi ainda doía muito. Sua mente estava mais do que cansada, estava cheia demais para pensar em algo mais. Nem ao menos se lembrou de que estava ao lado de um cadáver quando desmaiou.

III

Ben Elias estava observando o castelo e o campo a sua volta quando François chegou para atualizá-lo.

– Ao parece, senhor, Satoshi está muito bem – disse. Não foi gravemente ferido, embora tenha sofrido alguns machucados no crânio. Ele ficará bem.

– Isso é bom. Me diga, François. Quantos foram mortos dentre os nossos?

– Senhor, contando com os homens da ONU, foram 3 mortes.

– Quantos feridos?

– Vários. Mas poucos foram gravemente feridos. E mesmo estes apresentam muita probabilidade de melhora nos próximos dias, senhor.

– Quantas baixas dentre os que estavam na Fundação Levine?

– Bem, contando com o próprio Sir Ektor, foram reconhecidos 6 óbitos dentre os instrutores da fundação, e 21 jovens.

Ben parou um segundo para pensar um pouco.

– São muitas mortes – respirou fundo. Quantos foram capturados?

– Dos instrutores, apenas 3, senhor. E 37 jovens.

– Somente 3?

Significa que a maior parte dos membros da Grey Star fugiram, ou nem mesmo estavam aqui quando chegamos.

Ben Elias olhava com cuidado cada uma das partes destruídas da propriedade. Os corpos já haviam sido retirados e transportados. O corpo de Neville Trusten fora levado também. O peito de Ben ainda doía por conta das costelas quebradas que ganhou de Trusten. O dia fora um dia sangrento, não havia dúvida. Uma bola de fogo gigantesca envolveu 3 jovens diante de seus olhos quando um dos agentes de paz da ONU forçava entrada no castelo. Tudo correu rápido e conforme o planejado, mas foi relativamente fácil.

Aqueles que se puseram no caminho foram menos que a quantidade esperada. Não tiveram chance. Trusten foi o único que, aparentemente, deu trabalho de verdade. Claro, deixando de lado Sir Ektor, que só deu trabalho ao Satoshi. Os mortos dentre os invasores foram mais por acidente que por um ataque de fato. Mas o pior momento foi quando Michael e Brian surgiram do nada, prontos para serem abatidos por um Neville Trusten absolutamente irado.

Provavelmente já estão em um helicóptero a caminho de Londres. Estejam bem, por favor.

– François – começou Ben –, você não acha estranho que tão poucas pessoas estivessem aqui?

– Bem, senhor, é algo estranho, sem dúvida, mas ainda assim o cabeça da Grey Star está morto, isso deve ser um golpe e tanto por si só.

– Será?

– O senhor não acha?

Não, eu não acho.

– Eu tenho algumas dúvidas. Ao que me parece, a Fundação Levine chegou ao fim, mas a Grey Star não sofreu um golpe tão pesado quanto eu esperava. Isso me preocupa.

– Preocupa? Mas, senhor, de qualquer maneira, hoje houve uma vitória aqui.

– Não sei, François. Hoje houve muito sangue derramado. Mas não sei se houve uma vitória de verdade. Isso me preocupa sim. Me preocupa por não ter certeza de que valeu a pena aceitar esse massacre que aconteceu aqui.

Fez-se silêncio por alguns segundos.

– Senhor, o Secretário Muller deseja que voltemos de imediato para Londres. Assim que Satoshi Makoto acordar, haverá algo, segundo o que se diz.

– Que será que Muller quer agora? Está bem. Vamos então.

Capítulo 11

Antes Que o Dia Acabe

I

– Você acha que vão nos deixar matar ele no final? – disse Stevenson.

– Não sei – respondeu Andrew.

– Eu ainda não entendi por que droga não deixaram a gente dar um fim no maldito do Carlin quando nos mandaram capturá-lo da última vez. Você tem ideia do motivo?

– E como é que eu vou saber?!

Andrew realmente não sabia o maldito motivo de não poderem matá-lo. Não conseguia entender por que deviam capturá-lo, deixá-lo indefeso e quase sem possibilidades de conseguir andar para que, no final, não pudessem matar o maldito do Carlin Adams. Ainda queria, de qualquer forma, se vingar devidamente dele, mas o que fizeram ao desgraçado não era suficiente. Simplesmente não era suficiente.

Da última vez, o velho Oliver apareceu e contratou a todos eles para capturar Carlin vivo. Ele deu as informações de onde Adams estava e de como driblar todos os obstáculos para tirá-lo da propriedade de Sir Ektor sem que muitos interferissem. Andrew teria aceitado o trabalho mesmo que o velho não pagasse nada, tudo o que queria era pôr um fim à vida daquele desgraçado. Mas, quando trouxeram Carlin, o velho fez algumas perguntas e o deixou ir embora, como se nada tivesse acontecido. E o pior, aquele velho os proibira de fazer qualquer coisa com Adams. Foi difícil para todos aceitar isso, especialmente para Andrew, mas não tinham coragem de ir contra a vontade do velho Oliver. Aquele homem mal conseguia manipular aura e espírito, mas ele com certeza tinha outros meios de fazer cumprir qualquer ameaça.

Dessa vez, logo que souberam do que aconteceu com a Fundação Levine, o velho Oliver apareceu novamente para que Carlin fosse capturado. Adams estava em Londres com 3 outros homens que deviam fazer parte da Fundação Levine também. Tudo ficou muito fácil quando Carlin se separou deles. Carlin Adams era forte, mas Andrew Lawton era quase tanto quanto ele, e não estava sozinho. Eram 7 contra 1, e nenhum dos 7 era fraco. Carlin deu trabalho, mas caiu. Agora, se eles poderiam fazer algo, só saberiam quando o velho Oliver chegasse. Só se atreveram a levar o castigo até o ponto em que Carlin desmaiou e puderam injetar redsky nele.

– Quando o velho chegar, veremos o que ele vai dizer – disse Andrew. Até lá, ninguém mais toca nele.

Stevenson baixou a cabeça.

– Só uma palavra, e eu faço ele implorar pela morte. Ele traiu a gente, droga! Ele não pode continuar vivendo assim!

– Silêncio, Steve! Eu quero o mesmo que você, mas você tem coragem de dizer ao velho Oliver que fez uma coisa que ele proibiu?

As mãos de Stevenson tremiam em uma fúria represada. Ele não deu resposta a Andrew. Limitou-se a ficar encarando o chão.

Alguns minutos de silêncio correram, mas não levou muito tempo até que dois homens viessem andando através da noite em direção a Andrew e Stevenson. Não sabia quem era o da frente, um homem negro e corpulento que passava dos 2 metros de altura, mas aquele que vinha em seguida não podia ser outra pessoa senão o velho Oliver.

Estava vestido elegantemente, com um belo sobretudo preto e cachecol, além da bengala que era sua inseparável companheira. Ele falou ao aproximarem-se.

– E Carlin?

– Está pronto para o senhor, logo ali dentro – respondeu Andrew friamente.

O velho não falou mais nada e foi na direção apontada. Só havia uma porta em seu caminho. Ele a abriu e entrou no galpão. Andrew seguiu o velho, logo após que o outro homem, que acompanhava o velho, entrou no galpão também.

Carlin estava sentado em uma cadeira de madeira sem apoio para os braços. Estava notadamente abatido. Sua cabeça baixa e braços pendurados denotavam isso. Além de que, é claro, as feridas que percorriam todo seu corpo eram mais que o suficiente para fazer notar o ocorrido. Próximos a Carlin estavam os dois que Andrew deixara observando-o. O velho Oliver fitou-os de imediato.

– Podem sair, vocês.

Os dois olharam para Andrew, que confirmou a ordem com a cabeça, e saíram. O velho olhou para Carlin e então para Andrew.

– Pode sair também – ordenou.

– Eu prefiro ficar para observá-lo. Esse cara é traiçoeiro, senhor – respondeu Andrew.

– Não é necessário. Bill pode cuidar de qualquer coisa.

– Sem faltar com o respeito, senhor, mas prefiro não arriscar mesmo assim.

O homem negro, chamado Bill, adiantava-se para retirar Andrew a força, mas o velho interveio.

– Deixe assim, Bill. Deixe-o ficar.

Me deixar ficar, é? Que velho folgado.

– Como você está, Carlin? Espero que não tenham exagerado na dose com você – começou o velho, ao aproximar-se de Carlin, que já o vinha observando há alguns instantes.

– Precisa usar outros métodos quando quiser chamar minha atenção, velho – sorriu Carlin ao responder.

– Bem, você entende, não é?

– Entendo que é a segunda vez em 3 anos que você me apronta algo assim.

– Então entenda, Carlin – o tom de voz do velho passou de gentil a autoritário –, entenda que as pessoas que eu represento ficaram nervosas quando souberam da sua saída da Fundação Levine, tão nervosas quanto ficaram no dia que você entrou. E quando eles ficam nervosos, eu preciso agir com você. Esse é meu trabalho.

– Então é por isso? Só porque eu saí da Grey Star?

O velho o olhou por um instante, mas Carlin continuou antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa.

– Não, é porque eu saí no dia em que ela foi atacada, entendo. Pode tranquilizar seus donos, velho, eu não contei nada a ninguém. Nem a Sir Ektor, nem ao Marinville, nem a ninguém. Saí porque o que eu devia fazer lá já acabou. Não faz mais sentido servir de cachorro pra eles, muito menos agora que eles estão derrotados. Não acha que estou certo?

O velho Oliver continuou olhando cerradamente. O escrutínio durou alguns segundos apenas, e o velho respondeu.

– Sim, você deve estar certo. Contanto que você não tenha falado nada que não deve...

– Não tenha dúvidas, velho. Eu não vou falar nada além do que é permitido.

– Melhor assim – o velho Oliver mudou o tom de voz novamente. Sabe o porquê de eu ter mandado te trazerem aqui dessa forma, não é? Poderíamos ter lidado com você

mais facilmente, mesmo quando ainda estava junto aos outros da Grey Star. Contudo, decidi que seria melhor assim. Espero que você mantenha sempre isso em mente: estou sempre com os dois olhos mantidos em você, Carlin Adams.

Por um momento, Carlin olhou o velho Oliver diretamente nos olhos, e o velho fez o mesmo. Um minuto de um silêncio sufocante. Carlin foi o primeiro a falar.

– Ah, velho, para com isso. Você sabe que eu já sei de tudo que você quer falar. Não vai conseguir me deixar mais assustado, e eu também não vou me esquecer de nada, você sabe disso. Da próxima vez, mande uma carta.

– Hum. Talvez. Espero que não precise de uma próxima vez. Adeus, Carlin.

O velho se virou e começou a andar em direção a porta pela qual entrara no galpão.

– Adeus, velho – falou Carlin.

O velho homem continuou andando até a porta e seguido por Bill. Andrew foi o primeiro a sair, antes mesmo de Oliver. Ao encontrar com ele do outro lado, o velho lhe falou.

– Deixo-o ir. Não acredito que ele tenha falado nada, realmente. Não posso fazer nada sem ter certeza.

– Quer que eu o deixe ir embora do jeito que está?

– Sim – o homem continuou andando e nem mesmo olhou Andrew ao responder.

– Sabe, senhor, meus homens e eu gostaríamos de entender por quê.

O velho parou e se virou dessa vez.

– Vocês não precisam entender desses assuntos. Precisam me obedecer, e só.

– Nós não somos seus empregados, senhor, apenas fizemos um acordo de trabalho específico.

– E esse acordo agora acabou, não é? – O velho riu.

– Da última vez, meus homens quase não me escutaram. Desde aquele dia, todos nós estamos angustiados, não podemos deixar aquele filho da mãe do jeito que está.

– Se tocarem naquele homem, vão entender o real significado de angústia. Será que seus homens têm tanta determinação assim? Então ponham-se à prova. Isso se aplica a você também, moleque. Faça o que eu digo. Essa conversa acabou.

Virou-se e continuou andando.

O punho de Andrew fechou-se numa ira silenciosa enquanto os dois homens saíam por onde tinham chegado há pouco. Quando eles se foram, Andrew entrou no galpão e bateu a porta atrás de si. Carlin ainda estava lá.

– Traidor maldito! Você ainda me deve muito.

Carlin olhou para Andrew sem expressão no rosto.

– Ah, vamos, Andrew, isso ainda é porque eu deixo o seu grupinho para trás?

– Você nos abandonou quando mais precisávamos. Eu devia ter cortado sua garganta quando tive a chance – falou rindo, mas a fúria dentro de si não correspondia ao tom de voz que estava usando.

– Para com isso. Nós dois sabemos que o velho não vai deixar você me matar.

A fúria fazia o corpo inteiro de Andrew tremer.

– Não, ele não deixa. Mas será que você não tem ninguém com quem se importe? Aquela sua ex-namorada, como ela se chama mesmo? Susy? É isso? Será que ela vai gostar de receber uma visita minha?

Uma emoção brotou nos olhos de Carlin por um momento, mas Andrew não tinha certeza do que se tratava. Carlin baixou a cabeça e fitou o chão com as mãos sobre os joelhos. Estava visivelmente exausto.

– Ela foi o único relacionamento sério que você teve na vida, não foi? Como ela reagiria se acordasse com um homem como eu ao lado? – Andrew aproximou-se do ouvido de Carlin para falar o restante. Eu me pergunto se ela é muito boa. Você gostou muito do que teve com ela, certo? Ela deve ser especial no que faz, não? Muito espe...

A confusão e o desespero nublaram a mente de Andrew quando entendeu que Carlin estava com um pedaço fino de vidro afiado em sua mão direita e o tinha usado para atravessar seu pescoço. Sentiu o sangue descer-lhe pela garganta quando parou de falar.

Olhou Carlin Adams sem entender nada. Carlin lhe tirou as dúvidas.

– Você continua tão burro quanto antes, Andrew – falava amistosamente. O efeito do redsky pode passar mais rápido se a pessoa que recebeu a dose tiver a inteligência para implementar alguns procedimentos em si mesma. Além disso, aquela dose que vocês me deram não duraria mais de 6 horas no meu organismo e já fazem quase 5 que injetaram aquilo em mim. Sinceramente, ninguém no grupo entende nada sobre redsky? Vocês só matam todas as pessoas que conhecem? Nunca sequestraram ninguém? Ninguém que usa aura? Por que não chama os outros pra eu perguntar... Ah, desculpe.

Quando retirou o vidro, a dor foi insuportável, mas morreu dentro de si com um grito abafado pelo líquido que lhe enchia a garganta agora. Andrew caiu de joelhos aos pés de Carlin. Mesmo assim, ainda continuou a olhar imóvel o seu inimigo.

– Sabe, Andrew – começou Carlin –, você não devia se meter com o meu passado.

Carlin olhou-o com uma piedade seca nos olhos.

– Nenhum de vocês devia.

Ele levantou a mão com o pedaço de vidro acima da cabeça...

– Não é problema de vocês.

...e a mão desceu.

II

O display da TV a sua frente emitia luz diretamente nos olhos de Michael. Era a única luz em todo o quarto. Não conseguia dormir, mas já havia se acostumado com isso. Desde que chegaram a Londres, Michael ainda não tinha visto seu pai, e seu irmão foi levado para análise médica em outro lugar e não havia voltado. Michael foi proibido de sair do quarto. Teria desobedecido essa ordem se não fosse seu tio Ben quem lhe tivesse ordenado. Ele não lhe disse muito mais, estava com muita pressa, mas garantiu que seu pai estava bem e que Brian seria tratado tão bem quanto possível.

Contudo, Michael podia sentir que algo não estava certo. Michael também não havia entendido bem o que aconteceu na Fundação Levine, e seu tio Ben não sabia nada sobre a Carol. O jovem Makoto não sabia mais o que pensar. Depois de algum tempo, estava manifestamente desconfortável, não conseguia se concentrar em nada. Até sua aura estava perturbada, se fosse há alguns meses, com certeza já teria desmaiado por conta do desperdício de aura.

Pelo menos eu estaria dormindo. Se eu descansar, talvez minha cabeça melhore.

Repetia isso para si, na tentativa de fechar os olhos. No entanto, antes que um minuto pudesse passar, ele estava novamente olhando para a luz do display da TV bem em sua frente.

Com toda a certeza, ainda não havia chegado a meia noite. Longe disso. Provavelmente, ainda não eram sequer 9 da noite. Ainda assim, Michael tinha o corpo

pesado e a mente abatida. O que mais precisava era dormir, mas não conseguia, não importava o que fizesse.

Com o passar das horas, sentou-se na cama e tentou relembrar o que havia se passado nos últimos dias, antes de todo o mundo virar de cabeça para baixo mais uma vez. Pensava em muitas coisas, mas nada que fizesse muito sentido. No fim, sempre que se distraía um pouco, pegava a si pensando em Carol Adams, perguntando-se qual seria seu estado. Continuou assim por um período que lhe pareceu muitas horas, mas, ao olhar o relógio, entendeu que não haviam passado mais que 30 minutos.

A porta do quarto foi aberta e Michael viu seu tio Ben e seu irmão Brian entrarem. Só em vê-los, sentiu seu coração bater mais facilmente.

– Não dormiu? – perguntou Ben assim que entrou.

– Não consegui.

Brian entrou, mas ficou mudo olhando para o irmão enquanto o tio falava.

– Vocês dois precisam vir comigo, vamos até seu pai.

– Ótimo – Michael sentiu alguma alegria ao ouvir isso –, vamos logo.

– Michael, espere. Preciso que saiba de algo antes. Seu pai está bem, mas por causa de tudo o que aconteceu, ele não vai poder sair do quarto onde ele está, e vocês dois terão de ficar separados também, até segunda ordem.

Michael não entendeu o motivo de tudo. Estava prestes a gritar, mas parou ao ver a expressão de dor no rosto do tio.

– Vamos então – falou Michael, calmamente.

Saíram do quarto e seguiram pelo corredor até chegarem a uma espécie de sala de espera. Não havia ninguém esperando. Só se encontravam lá uma moça que digitava algo num computador, parecia ser alguma atendente; e também estava lá um segurança. Ben Elias falou com a moça por um momento e ela indicou a porta por trás do segurança.

– Venham, garotos – disse Ben.

Atravessaram as portas e chegaram a um novo corredor com várias portas. Ben parou ao lado daquela que contava com o número 3 inscrito acima.

– É aqui – disse ele, e abriu a porta. Ah, aí está você.

E lá estava Satoshi Makoto. Sentado em uma cadeira no meio da sala. A bem da verdade, agora que Michael observara melhor, aquele cômodo era um quarto de hotel, ao menos não poderia ser dito qualquer outra coisa. Estava lá alguma mobília muito boa, incluindo uma cama de casal. O quarto não tinha nenhuma janela, observou Michael de imediato.

– Garotos, como vocês estão? – perguntou Satoshi normalmente.

– Bem, pai – responderam quase em uníssono ao aproximarem-se de Satoshi.

– Eu cuidei pra que eles ficassem bem alojados – disse Ben.

– Obrigado, bom amigo – respondeu Satoshi.

– Pai, o que aconteceu? – questionou Michael.

– Acabou, Michael. Tudo aquilo acabou. Vocês não precisam mais se preocupar com nada que tenha relação com a Fundação Levine.

– Mas o que foi aquele ataque?

Ben respondeu antes de Satoshi.

– Quando vocês foram para a Fundação Levine, a alta cúpula da ONU planejou uma intervenção a qualquer momento. Um dia tivemos um comunicado de emergência do seu pai, e o plano começou a ser elaborado em detalhes.

– Então nós vamos voltar pra Nova York agora? – perguntou Michael.

– Ainda não, filho.

– O que tá acontecendo, pai?

Satoshi ponderou por um momento antes de responder.

– Acho melhor falar a verdade, Satoshi – disse Ben. Eles vão ter de saber mais cedo ou mais tarde.

– Tem razão – respondeu Satoshi. Além disso, vocês passaram por tudo aquilo muito bem, acho que podem saber de todo o resto.

– Qual resto? – agora foi Brian quem perguntou, tinha um ar de alguém que já imaginava qual seria a resposta.

– O homem que vocês conheceram por Joseph Marinville é, na verdade, Eiji Matsuda. Ele foi meu colega há muitos anos. Ele desapareceu completamente depois de um incidente que aconteceu conosco e ninguém ouviu falar dele. Aquele homem é perigoso demais, garotos. Quase não existe um país que não tenha algo contra ele.

– E como é que não o prenderam antes? Marinville era conhecido – perguntou Brian.

– Parece que Sir Ektor gastou uma pequena fortuna para fazer ele “nascer de novo”. Há uma mulher, a única pessoa no mundo que consegue alterar feições, digitais e muito mais. É uma espécie de plástica, mas ela usa aura para fazer. Sir Ektor deve ter pago a ela para transformar Eiji em alguém totalmente diferente e, depois, criou uma identidade nova pra ele na Inglaterra. Não foi fácil, com certeza, mas ele achou que Eiji valia muito a pena.

Os garotos estavam prestando atenção como se suas vidas dependessem daquelas palavras.

– Enfim, Sir Ektor está morto... eu o matei – aquelas palavras pareceram doer ao sair da boca de Satoshi.

– O senhor o matou? – perguntou Michael, espantado.

– Não tive escolha. Eu subestimei aquele homem. Sir Ektor era mais forte e habilidoso do que eu esperava. Eu precisava prendê-lo, mas era impossível pra mim. Se eu não o matasse, ele teria me matado. E ele quase conseguiu.

Satoshi não parecia a beira da morte, mas com certeza estava ferido. Seu queixo estava enfaixado, e havia uma outra espécie de curativo próximo de sua orelha.

– O importante é que agora que Sir Ektor está morto, o mais certo é que Eiji Matsuda esteja no comando da Grey Star. Os Levine não são mais preocupação para nenhum de nós, mas Eiji Matsuda é extremamente perigoso para qualquer um. Quando eu soube que aquele homem estava lá, sob um nome falso, comuniquei assim que pude. Foi difícil, mas pude fazer quando saímos da fundação e fomos para Nova York.

– Por que, pai? – perguntou Brian. Por que não pegaram ele? Planejaram tudo tão bem, mas não conseguiram pegar ele no ataque?

– Você não entende, filho. Eiji Matsuda é um dos Lendários atuais. Eu tive esperança de que Yamamoto-sensei estivesse lá no dia do ataque, mas fomos enganados. De alguma forma, todos pensaram que Marinville tinha ido para Londres, então o sensei foi para lá pouco antes do ataque começar. Quando descobriram que foram enganados, tudo já tinha acabado, e Eiji já tinha fugido.

– Na verdade, tivemos sorte dele ter fugido ao que parece – disse Ben. Nunca o vi em ação, mas se esse é o homem de que tanto tenho ouvido falar, ele realmente é um dos Lendários. Yamamoto deve ser o único homem no país que poderia ter chance contra ele. Ele é tão assustador quanto dizem, Satoshi?

– Eiji Matsuda? Pior. Ele é muito mais forte que eu, pouco mais rápido, tem uma quantidade incrível de aura, possui técnicas únicas e eu nunca o vi sendo pego de surpresa, mesmo quando éramos jovens – Satoshi franziu a testa. Mesmo hoje, isso não mudou, não é? Ele nem mesmo pode usar zanshi, o espírito dele é do tipo destruidor, mas ele sente tudo o que se passa ao redor dele melhor que qualquer um, é inacreditável.

Sensei é o único que tem chance contra ele, a não ser que Benjamin se dignasse a fazer alguma coisa, mas faz anos que ele não se importa com isso. Desde que ele desapareceu, Yamamoto-sensei vem procurando por ele de todas as formas, mas nunca o achou.

Michael estava ficando um tanto perdido em toda essa história, então resolveu perguntar algo.

– Esse Yamamoto era seu sensei, pai?

– E do Eiji também. Vocês o conheceram. Foi ele que os abordou na floresta.

Aquele velho!

– Ele já se foi – continuou Satoshi –, mas falou comigo antes de ir. Não interessa o quanto vocês tentassem, garotos. Nunca teriam vencido aquele homem.

– Rum – resmungou Michael.

– Hahahahahahaha! – Brian gargalhou. Ele é incrível mesmo. Deu pra ver que a gente não tinha chance.

– Por falar nisso – interrompeu Ben –, vocês dois saíram do esconderijo e foram para o único lugar onde não poderiam ir. Que burrice infernal deu em vocês?!

Michael sentiu o coração pesar ainda mais. De repente, lembrou de Neville Trusten correndo em sua direção. Naquele momento, Michael teve certeza da morte. Pensando nisso agora, parecia que tudo aquilo acontecera há séculos, no entanto, fazia apenas algumas horas que a guerra havia chegado ao fim.

– Desculpe – começou Michael. Foi culpa minha. Eu... eu precisava ir ver se a Carol estava bem.

Satoshi o olhou complacentemente.

– Michael, não há sinal de Carol. Sinto muito. Ela deve ter fugido junto dos outros. Eu sei o quanto você gostava dela... sinto muito, filho.

Michael ficou em silêncio ao ouvir isso. Agora que sabia que não havia sinal dela...

E a última vez que a gente se viu... que droga foi aquela?! Por que eu não falei o que estava sentido? O que será que ela sente também?

– Michael – começou Ben –, eu não sei bem o que houve, e não conheço essa garota, mas me escute com atenção. O que vocês fizeram foi uma loucura. Não pense que eu sou alguém que nunca fez loucuras, mas vocês não deviam ter ido até lá. Mesmo que fosse pra tentar salvar ao seu pai, vocês simplesmente não têm condição alguma de entrar numa zona de guerra como aquela. Isso seria suicídio, e quase foi. Vocês ainda não estão preparados pra isso.

A lembrança de Carol veio à mente de Michael.

Droga...

– Eu não sou forte o suficiente – começou Michael. Então eu vou ser. Eu tenho de ser! Não vou deixar isso acontecer de novo!

Todos pararam olhando Michael por um segundo. Brian mudou o assunto rapidamente.

– Pai, vamos comer alguma coisa. A comida aqui deve ser muito boa.

– Eu não posso sair do quarto, filho – respondeu Satoshi.

– O quê? – interveio Michael bruscamente, e lembrou, de súbito, do que seu tio lhe falara há pouco. Mas por que não?

Satoshi olhou de Michael para Brian, e deste para Ben. Parecia estar pedindo ajuda ao amigo.

– Garotos – começou Ben –, seu pai era amigo de Eiji Matsuda desde crianças. Foi Eiji, com o nome de Marinville, que os escolheu sem motivo aparente para irem para a Fundação Levine. Quando descobrimos que Marinville é, na verdade, Eiji

Matsuda, algumas pessoas começaram a suspeitar de coisas que não existem e estão acusando seu pai de algumas coisas sérias, como de ser cúmplice do Matsuda.

– Mas isso é ridículo! – Michael ficou de pé ao gritar isso a plenos pulmões.

– Fique calmo, Michael – disse Satoshi suavemente. Ficar assim não vai ajudar em nada.

– Mas isso é uma loucura, pai! Como podem dizer isso?! Querem prender o senhor?!

– Eu serei levado a julgamento interno no secretariado da ONU em Nova York. É um julgamento feito pela própria ONU. Já que sou agente de paz, nenhum tribunal no mundo tem competência para me julgar.

– Isso... isso... – Michael olhou para Brian em busca de socorro, mas encontrou seu irmão pálido como se estivesse morto. Isso não pode acontecer, pai! A gente tem de fazer alguma coisa! A gente tem de fazer alguma coisa agora! A gente... a gente...

Michael se deixou cair novamente na cadeira em que estava antes.

– Nós estamos fazendo, filho – disse Satoshi. Vamos provar que eu não cometi nenhum crime e que não tinha conhecimento de que Marinville e Matsuda são a mesma pessoa. Precisamos esperar o julgamento, já não vai demorar. Vão para o quarto de vocês. Não posso receber visitas por muito tempo, mas prometo que nos veremos depois. Ben vai cuidar de tudo, não se preocupem. Descansem. Saber que vocês estão bem me serve de força. Isso é o melhor que vocês podem fazer agora.

– Mas pai... – murmurou Michael, tão baixo que ninguém conseguiu realmente ouvir sua voz.

O garoto sentiu as bochechas umedecerem. Estava no limite, não podia mais suportar nada daquilo. Sentiu-se cair em um pensamento contínuo e, sem que pudesse realmente impedir, uma música tomou conta de sua mente.

Yo te lo aseguro, nunca fallarás. Cuando tu respondas...

III

Será que ele dormiu? Não parece.

Era o que Brian estava pensando ao olhar Michael na cama, mas não disse nada. O alojamento não era nada comparado ao quarto do pai, não fosse a pequena TV, seria um pequeno cubo de 3 por 3 com uma cama. Olhou para seu tio e se despediu. Ele e Michael não podiam ficar no mesmo quarto, tudo por conta do mal entendido que tinha acontecido envolvendo seu pai.

Brian não foi diretamente para seu alojamento. Aquele lugar onde estavam era realmente grande. Alguma base militar, quem sabe. Mas Brian não sabia e ninguém lhe dizia onde estavam, apenas que ainda estavam em Londres. Fosse como fosse, Brian conseguiu manter a calma. Não gostou do que aconteceu, tal qual Michael, mas o irmão parecia quase desesperado com tudo aquilo.

Não sei bem o motivo, mas eu acho que ele está mais preocupado com a Carol e não com o que pode acontecer com o nosso pai. Mas deixa ele descansar, depois a gente conversa.

Brian estava com fome. Podia andar por quase todo o lugar sem janelas, então foi até o lugar onde poderia conseguir algo para comer. Chegou ao local indicado pelas poucas pessoas que encontrou nos corredores. Chegou a uma sala que mal poderia ser chamada de pequena lanchonete, mas lhe disseram que ali funcionava o restaurante.

As paredes pintadas do mesmo azul que as paredes dos corredores por onde andou. As mesas de madeira aparentavam má conservação, tal qual todo o restante da mobília do lugar. Ninguém comia ali no momento, as únicas pessoas que estavam no

recinto eram o homem que aparentava ser um garçom e a mulher que devia ser algum tipo de gerente ou qualquer coisa que lhe valha.

Não havia exatamente um cardápio. Existia apenas uma pequena lista, com nomes e preços, que ficava acima da cabine onde estava a mulher. Existiam menos itens no menu que dedos nas mãos de Brian.

Isso não é uma instalação militar. De jeito nenhum.

Brian pediu a coisa mais familiar que encontrou, um sanduíche natural que vinha acompanhado de suco de maçã. Para sua surpresa, quando o garçom trouxe o pedido, o aspecto da comida era bem destoante do ambiente, aparentava ser deliciosa, e era. Brian comeu com água na boca. Uma bela surpresa.

– Hawk? Você por aqui? – O garçom falou com alguém que acabara de entrar; no entanto, Brian não vira quem entrou, teve de virar-se para ver que era uma mulher desconhecida e não Lenina Hawk, a instrutora da Fundação Levine.

– Boa noite, Tom – respondeu ela –, você pode me trazer um sanduíche como aquele? – Apontou para Brian, ou melhor, para sua refeição.

– Num minuto, Adrian.

A mulher aproximou-se do rapaz que comia solitário.

– Posso sentar aqui? – Perguntou ela com ar despreocupado.

– Não tem ninguém nesse lugar, pode sentar – Brian respondeu.

– Você é um dos Makoto, não é? Filho de Satoshi.

– Sim – ponderou Brian –, e você é...?

– Sou Adrian Genaro. Muito prazer – Brian acenou com a cabeça em resposta para não falar com a boca cheia. Conheci seu pai antes, como ele está? Ouvi dizer que ele tinha sido ferido quando invadimos a Fundação Levine.

– Não foi nada sério, ele está bem. Vocês são amigos?

– Só conhecidos. Trabalhamos juntos uma vez.

– Aqui está, Hawk – o garçom trouxe o pedido da mulher. Bom apetite.

– Obrigada, Tom – disse ela, e ele se retirou.

– Ele te chamou de Hawk? – Questionou Brian.

– É um apelido. Nada demais.

– Apelido... na Fundação Levine havia uma instrutora com sobrenome Hawk, você conhece?

– Não, nunca ouvi falar. Vocês trabalhavam juntos lá?

Brian parou um momento e percebeu que realmente não havia muita semelhança entre Lenina Hawk e Adrian Genaro. Continuou a conversa.

– Mal nos falávamos, mas eu a conhecia. Quando ouvi o nome, me chamou a atenção. Qual o motivo desse apelido?

Ela hesitou um momento.

– Não é cavalheiresco fazer tantas perguntas íntimas a uma dama assim de cara – ela disse com um sorriso nos lábios.

– Uhm. Talvez Michael concordasse, mas eu não. Você começou a perguntar sobre mim e minha família, por que seria deselegante eu te fazer perguntas sobre você?

Ela sentiu, mas sorriu.

– Não fique assim, só prefiro não falar disso agora.

Brian estava quase acabando de comer, deixou o pequeno pedaço do sanduíche que restava, bebeu o suco que ainda sobrava em seu copo e levantou.

– Tudo bem, depois nos falamos.

Foi até a mulher que recebeu o dinheiro pela comida e se despediu mais uma vez de Adrian Genaro.

Tem algo de estranho com essa mulher. Se ela aparecer de novo, é bom eu ficar de olho. Ah, mas e se ela só estivesse me dando mole? Eu nunca fui muito bom com essas coisas.

Capítulo 12

O Dia do Juízo

Já era dezembro, o décimo dia do mês, e o frio em Nova York já estava mais que consolidado. O inverno veio e trouxe consigo todo o seu poder. Satoshi não pensou que seu julgamento levaria tanto tempo para acontecer. Esse tipo de caso, em que agentes de paz eram julgados, sempre corria de maneira célere. Fosse como fosse, ele agora estava sendo levado a entrar no local onde se daria o evento.

Dois homens os escoltavam, como de praxe. Atravessou as altas portas do salão de reuniões. Não era lugar de julgamento nenhum, mas foi escolhido para poder alocar adequadamente os vários interessados no caso. Satoshi pôde ver seus filhos próximos ao local central daquele salão oval. Havia uma cadeira confortável praticamente ao centro do recinto, destinava-se a Satoshi. A mesa redonda, de madeira e vidro, agora contava só com 3 dos seus 15 assentos. Nestes assentos estava o comitê julgador, e Albert Muller presidia.

“Quem é aquele homem, pai?”. Michael perguntara ao ver Muller visitar Satoshi ainda em Londres. “Ele estava no hotel, no dia em que encontrei Marinville a primeira vez”, ele lembrou. E lembrou bem.

Satoshi caminhava até seu assento, mas sua mente se permitiu relembrar essa conversa, a despeito da vontade de seu dono. Satoshi estava em seu quarto naquele dia, não podia sair dele, e Muller veio fazer perguntas. Albert Muller jamais foi homem que deixasse passar qualquer coisa, certamente não existia homem mais rígido e cumpridor de seu dever. Para o azar de Satoshi, ele não parecera acreditar em muito do que ouviu naquele quarto.

Ele pretende me mandar passar o resto de meus dias encarcerado? Muller, será que você realmente acredita que eu estou ajudando Eiji?

Assim que ele saiu do quarto, os garotos entraram.

– Quem é aquele homem pai? Ele estava no hotel, no dia em que encontrei Marinville a primeira vez.

– Aquele é Albert Muller, Michael – respondera Satoshi. Ele é o secretário de paz da ONU. Será ele quem presidirá meu julgamento.

– Ainda não entendo por que ele, pai – interveio Brian. O senhor não será julgado por nenhum tribunal, mas pela ONU, isso eu entendo. Mas por que o Secretário de Paz?

Satoshi não sabia como dar aquela resposta de uma maneira simples.

– Vejam bem – iniciou –, embora o cargo dirigente máximo da Organização das Nações Unidas seja o de Secretário Geral, existe um cargo que está subordinado a ele apenas no que diz respeito à administração dos bens que estão postos a sua disposição, mas sua subordinação funcional é diretamente ao Conselho de Segurança. Compreendem?

Os rostos inseguros dos garotos adiantavam a resposta.

– Deixem-me tentar de novo. Sabem o que é o Conselho de Segurança da ONU, certo? Os 15 membros desse conselho têm o dever de zelar pela paz e a segurança internacional. O secretário de paz está numa situação especial, justamente porque ele não deve satisfações ao secretário geral, mas ao Conselho de Segurança – Satoshi pensou um pouco. Sob certo aspecto, aquele homem é mais poderoso que o próprio secretário geral, pois é o secretário de paz quem decide como os esforços dos agentes de paz serão empregados. O secretário de paz só terá qualquer necessidade de se reportar

ao Secretário Geral quando for preciso falar do dinheiro que será gasto com as missões de paz.

Michael parecia querer deixar a explicação de lado.

– Então aquele homem é o seu chefe e, por isso, vai decidir o que vai acontecer com o senhor? – questionou Michael.

– Não. Ele é o secretário de paz, e vai presidir o comitê julgador. Mas o comitê é composto por 3 membros. O secretário de paz é um deles, mas os outros dois têm voz suficiente para condenar ou absolver alguém.

– O senhor sabe quem são esses outros dois?

– Um deles é escolhido apenas uma semana antes do julgamento, entre os agentes de paz mais antigos e que tenham conexão substancial com o caso. Não dá para saber quem será escolhido ainda. Mas o outro é indicado pelo secretário geral e atua como membro do comitê durante dois anos. Atualmente, é uma mulher chamada Edina Gaman. Uma socióloga espanhola que eu nunca vi antes. Estou prestes a conhecê-la, portanto.

Michael soltou um longo suspiro. Então um sorriso cruzou seu rosto.

– Será que o senhor secretário de paz iria se importar de conversar comigo um pouco?

– É melhor você não tentar – advertiu Satoshi. Albert Muller é um alemão rígido e não é conhecido por ser tolerante com qualquer coisa que ele julgue desnecessária.

– Ele não parecia ser tão mal no hotel – respondeu Michael, um pouco sobressaltado.

– Muller é extremamente educado e polido como um diamante bem trabalhado, isso é certo. Eu nunca ouvi, em todos esses anos, alguém que se queixasse por ser maltratado por ele em qualquer coisa que se refira à cortesia. Mas não confundam isso com um homem maleável. Ele é duro, odeia perder tempo e não desiste facilmente de seu ponto de vista.

– Todos atentos! – gritou uma voz, diferente das vozes de Michael ou de Brian, não era uma voz na mente de Satoshi, mas uma voz no salão onde estava para se iniciar a audiência.

Satoshi notou que não havia mais que 50 pessoas no recinto, ainda que o salão comportasse talvez o dobro. Não via Ben Elias em lugar algum. Sentados diante de si estavam os membros do comitê julgador: Edina Gaman à esquerda, Albert Muller no centro e Renato Tadeu.

Renato era brasileiro, conterrâneo de Ben. Sentado não parecia, mas ele tinha mais de 2 metros de altura, embora muito magro. Era tão antigo como Satoshi em sua atuação como agente de paz. Respeitado, nunca sofreu qualquer tipo de penalidade disciplinar até onde se sabe. Por mais que Satoshi achasse isso uma virtude, considerava aquele o tipo de homem que segue as regras até a última instância. Por vezes, Satoshi chegou a acreditar que ele sequer ponderava as ordens que recebia, apenas obedecia. Um pensamento ridículo, mas pareceu realista em certas ocasiões. Seu cabelo curto, aparado em um círculo uniforme, contribuiu muito para que Satoshi o achasse estranho. E esse foi o homem designado para tratar do planejamento e execução da intervenção realizada na Fundação Levine.

Edina Gaman era uma mulher de meia idade. Tinha um olhar tão duro que, de certa forma, lembrava Muller, apesar dos cabelos meio ruivos, meio pretos. Satoshi ainda não sabia quase nada sobre ela, mas Ben adiantou que ela é recém chegada à ONU. Velha conhecida do secretário geral, foi trazida a fim de dar uma contribuição especial à organização.

Veremos, então, como a senhora se sai.

– A sessão tem início neste exato momento – começou Muller –, e teremos aqui por objetivo averiguar as acusações feitas contra o agente de paz Satoshi Makoto, o qual está aqui presente e escolheu fazer sua própria defesa – olhou para Satoshi. O senhor é acusado de auxiliar Joseph Marinville, supostamente outrora conhecido como Eiji Matsuda, na realização de diversas ações tipificadas como crime, entre tais ações, a de ludibriar agentes de paz da Organização das Nações Unidas, bem como agentes da Interpol. Tem ciência disso e compreende as possíveis consequências do processo que se seguirá?

– Sim – respondeu Satoshi.

– Assim sendo, o presente comitê primeiramente dará início ao interrogatório do acusado. Encerrado o interrogatório, prosseguir-se-á a sessão com a oitiva das testemunhas convocadas, depois serão observadas quaisquer provas que importem defesa ou acusação. Queira ficar de pé senhor Satoshi Makoto.

Satoshi obedeceu.

– O senhor presta compromisso solene, diante de todos os presentes e sob sua própria honra, de dizer apenas a verdade daquilo que lhe for questionado? – Albert Muller inquiriu.

– Eu prometo falar apenas a verdade – jurou.

– Pode sentar-se. Senhor Satoshi. Queira nos contar, a sua maneira, como se deram os fatos que desaguaram numa intervenção na propriedade pertencente à Fundação Levine.

Satoshi respirou profundamente antes de dizer qualquer palavra. Continuou sentado.

– Senhores e senhoras – começou ele –, aqueles que trabalharam comigo em algum momento conhecem minha maneira de agir. Jamais me permiti ser manipulado por um inimigo, ainda que minha vida estivesse em jogo. Contudo, nunca houve ocasião em que a vida de meus filhos também estivesse em jogo – apontou para Michael e Brian a sua direita. Esses dois jovens são meus filhos e eles foram pegos de surpresa no momento em que Joseph Marinville e alguns outros membros da organização criminosa Grey Star roubaram algumas peças do Museu de História Natural, aqui mesmo em Nova York. Acredito que todos os presentes lembrem do acontecimento.

“No dia em questão, por algum capricho do destino, meus filhos visitavam o museu e acabaram frente a frente com Marinville. Por algum motivo, que ignorávamos, aquele homem viu em meus filhos algo especial e ofereceu a eles a oportunidade de se tornarem membros da Fundação Levine. O senhor secretário de paz ficou ciente destes fatos antes de ser tomada a decisão, bem como o senhor Graham, diretor da Interpol. Com o aval destes homens, ficou decidido que recusar um convite tão incomum e que envolvia tantos riscos àquele homem não poderia ser negado facilmente. Assim sendo, meus filhos e eu nos tornamos membros da Fundação Levine. Como agente de paz, eu tinha a missão de investigar qualquer coisa relativa à Grey Star, mas como pai, tive a missão de garantir a segurança de Michael e Brian.

“Não demorou para que eu pudesse encontrar várias pontas soltas, diversas maneiras de ligar a Grey Star à Fundação Levine. No entanto, eu estava incomunicável. Não havia sequer uma maneira de fazer contato significativo com o mundo exterior sem que Sir Ektor ficasse sabendo. Uma chance surgiu no dia em que Marinville exigiu que eu o acompanhasse numa viagem até Nova York. Nesse dia, ele quis garantir que eu temeria enfrentá-lo. Para minha vergonha, ele conseguiu me fazer temer. Bastou que ele me revelasse quem ele realmente era.

“Eiji Matsuda. A maioria dos presentes, senão todos, saberá quem é esse homem. Ele é um dentre as 3 lendas desta geração. Um homem temido por qualquer

pessoa que tenha alguma noção de manipulação de aura e espírito. Ele desapareceu de vistas há quase uma década. Aparentemente, ele agradou a Sir Ektor de uma maneira extraordinária. O nobre inglês gastou uma pequena fortuna para fazer com que Matsuda recebesse uma nova identidade de maneira completa. Existem todos os registros de vida de Joseph Marinville. Também, aquele homem passou a ter um rosto novo, até mesmo suas impressões digitais foram alteradas.

“Para mim, esse homem não é apenas isso. Eu vivi com ele e mais 3 alunos na casa de meu professor quando éramos jovens. Sensei Yamamoto nos acolheu como discípulos e nos fez fortes, mas Matsuda sempre foi muito melhor que eu. É vergonhoso, mas a verdade é que eu nunca tive chance de vencê-lo em combate. Aquele homem tinha a mim e a meus filhos sob suas asas. Eu não o reconheci, mas ele me reconheceu, e tomou vantagem disso.

“No momento em que descobri a identidade dele, tudo o que pude me atrever a fazer foi contatar disfarçadamente algum dos agentes de paz, eu não sabia qual, e calhou de ser o senhor Renato Tadeu. Emiti a mensagem da melhor maneira que pude quando estávamos em Nova York. Não acredito que eu tenha sido percebido, mas não duvido que Matsuda soubesse que eu faria algo assim de qualquer maneira possível.

“Assim, ele me fez ajudá-lo a acessar arquivos da Interpol. Eu o ajudei, não me atrevi a recusar. Passei os meses, a partir daí, até o dia da intervenção, como se não tivesse forças para tentar nada mais. Essa é a história que tenho para contar. A história do agente de paz que, por ser pai, temeu fazer seu trabalho da melhor maneira possível. É também a história de meus filhos, que foram colocados em terreno perigosíssimo sem nada a ganhar. Eles foram para a Fundação Levine sem qualquer objetivo, passaram quase um ano apenas vivendo uma vida que não era a deles e expostos a um perigo real. Eles foram jogados como peças num jogo entre a ONU e a Grey Star. Deles não pode ser cobrado nada mais.”

Olhou para Brian e Michael de relance.

E quanto afetou você, Michael, todo o caso com a Carol? Não é preciso uma palavra sua, eu posso ver claramente em seu rosto.

Satoshi calou-se. Passado um momento, Albert Muller tomou a palavra.

– Senhor Satoshi, compreendo sua situação. Contudo, não lhe pareceria estranho que um homem que o senhor conhece há tantos anos tenha encontrado seus filhos e lhe forçado a auxiliá-lo em suas ações? Nem todos estão convictos de que o senhor realmente não tivesse ideia da identidade de Marinville antes mesmo do incidente no museu.

Como eu imaginei, você acha que eu estou mancomunado com o Eiji, Muller!

Um rubor cobriu todo o rosto de Satoshi. Julgando pelos olhares, isso não passou despercebido pelo comitê.

– É estranho, senhor – respondeu Satoshi –, mas ainda mais estranho seria imaginar a mim de mãos dadas com Eiji Matsuda, um traidor que não dá valor a nada ou a ninguém a não ser ele mesmo.

– O senhor falou que Matsuda alegou ter mudado até mesmo as digitais de maneira perfeita – disse Muller. Apenas uma pessoa consegue fazer tal coisa, a mulher conhecida como Esteticista. Aparentemente ela usava aura para trabalhar a pele humana como ninguém jamais conseguiu. Contudo, ela está morta há 5 anos, o senhor tem ciência disso?

– Não tinha ciência disso, mas Joseph Marinville estava há serviço de Sir Ektor já há mais tempo que isso. Acredito que essa seja uma questão inócua.

Foi a vez de Renato Tadeu se manifestar.

– Não lhe restava dúvida alguma de que Joseph Marinville realmente é Eiji Matsuda? – questionou. Apenas a afirmação do próprio homem não é suficiente para levá-lo a acreditar nisso, estou certo.

– A princípio – começou Satoshi –, ele me fez acreditar apenas por demonstrar saber de tudo o que Eiji Matsuda saberia a meu respeito. No entanto, ele conseguia produzir magma. Não ninguém no mundo com essa habilidade assustadora, salvo Eiji Matsuda.

O rosto de Renato denunciava que ele mesmo já conhecia os perigos do magma produzido por Matsuda. Poucos conheciam a sensação e ainda respiravam.

Edina Gaman observava algo na tela de cristal líquido a sua frente. Parou e fitou Satoshi.

– Senhor Makoto, o senhor matou Sir Ektor Levine durante o evento de intervenção que se deu na Fundação Levine?

Satoshi pensou um segundo antes de responder.

– Sim. Calculei que poderia capturá-lo vivo, mas se revelou impossível para mim. Ele era muito habilidoso. Teria me matado se eu hesitasse por apenas um momento que fosse.

Eiji, desgraçado, está rindo de mim agora? Ainda preciso mentir. Mesmo agora, nesse momento, você ainda me controla!

A imagem daquela coisa que parecia um chifre vermelho saindo do coração de Ektor Levine voltou à mente de Satoshi. O sangue misturado ao magma gotejava no chão ou escorria pelo colete de Sir Ektor... até que Eiji destruiu-lhe o peito com o pé para disfarçar o tipo de golpe que matou aquele homem.

– O senhor compreende? – continuou a senhora Gaman. Essa morte contribuiu para fazer com que o senhor pareça ainda mais um partidário de Joseph Marinville. Se o que tenho visto até agora são fatos, com a morte de Sir Ektor, provavelmente a Grey Star será controlada por Marinville. É triste ter de dizer, mas a intervenção realizada na Fundação Levine não desmantelou a organização criminosa. Quando muito, o que se conseguiu foi atrapalhar um pouco os seus planos e mudou a estrutura de poder. Tal estrutura nova beneficiará muito seu ex-colega não acha?

Satoshi já havia pensado a respeito. Não conseguiu acreditar, a princípio, que Eiji tivesse arquitetado a morte de Sir Ektor daquela forma, mas tudo se encaixava muito bem.

E Eiji não tem mais escrúpulos que qualquer monte de lixo.

– É como a senhora diz – respondeu Satoshi.

– Além disso – continuou a senhora Gaman –, não pode ser esquecido o efeito causado na sociedade inglesa com aquele incidente. Se estou bem informada, não há uma maneira de garantir que menos que 100 das pessoas que vivem mais próximas da sede da Fundação Levine tenham uma ideia, ainda que vaga, do que aconteceu lá. Há um motivo para que a intervenção armada seja um recurso extraordinário, o senhor sabe bem. Se muitas informações vazarem, e esse procedimento só contribuiu para isso, o caos na comunidade britânica será enorme. Talvez as consequências se estendam ao mundo inteiro. O senhor sugeriu o proceder em face da situação extrema em que se encontrou.

– Sim – respondeu Satoshi Makoto, sem que uma pergunta tivesse sido feita –, eu sugeri a intervenção.

– Senhor Makoto, estou questionando a validade de sua avaliação para aquela situação. Uma intervenção não ajudaria a prender Eiji Matsuda. Presumindo que seja realmente ele, nem mesmo conseguiria desestruturar a Grey Star. Receio que o senhor avaliou mal a situação. Não estou afirmando que foi algo ajustado entre o senhor e

Joseph Marinville, embora isso seja uma hipótese. O que estou afirmando é que o senhor deixou que a segurança de seus filhos atrapalhasse seu julgamento. Isso, por si só, é condenável, moralmente e legalmente, segundo as normas que o senhor deve seguir.

Satoshi parou por um instante. Teria ele se deixado autorizar um procedimento tão extremo como a intervenção armada apenas para proteger Brian e Michael? Teria ele jogado dezenas de vidas ao vento para que as de seus filhos fossem poupadas?

Não!

– Senhora Gaman – iniciou Satoshi com um tom de voz tão firme que fez um dos guardas tocar-lhe o ombro –, meu julgamento foi preciso. Quando informei e autorizei uma intervenção, fui específico em dizer que só meu antigo professor, o senhor Yamamoto, somente ele poderia lidar com a situação. Matsuda jamais saiu da propriedade, mas as forças de intervenção acreditaram que ele havia se retirado, então mudaram o plano. Eu não acredito, devido às informações que recebi, que Eiji Matsuda fosse ignorante a respeito do que aconteceria. Ele conseguiu iludir a todos, mas não foi com minha ajuda. Não sou culpado nisso, da mesma maneira que não sou culpado da acusação de ter feito uma avaliação errada. Se Yamamoto estivesse lá, tudo teria sido diferente. A captura ou a morte de Eiji Matsuda eram minhas prioridades. Ele precisa ser detido o quanto antes! Eu o conheço, ele não é apenas perigoso, ele talvez seja o homem mais temível sobre a face da Terra e eu faria tudo para fazer com que ele não pudesse mais planejar seja lá o que for que ele está planejando.

– Capaz de qualquer coisa? – questionou a senhora Edina Gaman, olhando fixamente nos olhos de Satoshi. Até mesmo de negligenciar a segurança de seus filhos?

Não houve resposta. Alguns segundos se passaram até que Albert Muller desse fim ao interrogatório e iniciasse a oitiva das testemunhas.

Uma série de pessoas foram ouvidas. Satoshi não se importou com o que elas falaram. Em sua maioria, não acrescentaram muito ao caso. Diziam coisas que já eram sabidas por todos. Todas as testemunhas eram agentes de paz ou agentes da Interpol, todos envolvidos na intervenção. Primeiro Karl Allen, um britânico novato como agente de paz, tinha 37 anos se Satoshi bem se lembrava, só trabalhou com ele uma vez. Os dois seguintes não eram conhecidos, homens da Interpol, chamavam-se Pedro Santos e Victor Walker. Em seguida foi a vez de Luanna Amanda, uma agente de paz que Satoshi nunca conheceu.

Todos foram irrelevantes. Contudo, a quinta testemunha apresentada era uma das agentes da Interpol que Satoshi jamais achou que veria naquele julgamento.

– Entre Adrian Genaro – autorizou Muller.

Era, sem dúvidas, a mesma mulher que levava Eiji, Carlin e o próprio Satoshi a um passeio para apagar arquivos dos computadores da Interpol. Aparentemente, ela trabalhava como agente em contato com Carlin Adams sob o conhecimento de seus superiores. Ela contou toda a história, ao menos foi o que pareceu.

– Eu recebi um contato de Carlin Adams – disse ela. Ele queria minha ajuda para fazer mudanças em arquivos referentes ao roubo no museu. Satoshi Makoto, Joseph Marinville e Carlin Adams foram os homens que apareceram naquela noite. O senhor Satoshi conseguiu autorização com o diretor Graham, e eu pude olhar os computadores. Não havia nada, senhor. O que eles buscavam não estava lá, nenhum arquivo relativo ao roubo no museu.

Nada? Eiji e Carlin disseram que conseguiram achar! Eles mentiram? Ou você está mentindo agora, senhorita Genaro?

– Pelas informações que recebi do diretor Graham mais tarde, tudo levou a crer que o senhor Makoto lhe fez entender que os arquivos que eram buscados eram relativos à Grey Star ou à Fundação Levine de maneira mais direta.

– O senhor confirma essas informações senhor Makoto? – questionou Muller.

– Sim, essas coisas realmente aconteceram...

– Quer acrescentar algo?

– É que... Carlin e Eiji me disseram... eles disseram que tinham encontrado os arquivos sobre o museu.

Fez-se silêncio. Muller o quebrou.

– Senhorita Genaro, tem certeza de que não foi encontrado nenhum arquivo referente ao museu?

– Certeza absoluta, senhor – respondeu a mulher.

– Está bem. Alguma pergunta mais a ser feita? – Muller se dirigiu aos demais membros do comitê, mas eles não tinham o que perguntar.

– Pode se retirar, senhorita Genaro – concluiu. Isso encerra nosso rol de testemunhas. Passaremos agora a apreciação das provas.

Como? Ben não é uma testemunha? Então onde ele está?

Satoshi quase perguntou em voz alta. O que Ben poderia estar fazendo agora para que não estivesse lá? Yamamoto não viria, isso era certo. Ele não acrescentaria em muito para o caso e tinha mais o que fazer na sua investigação pessoal. Talvez ele conseguisse encontrar Eiji sozinho.

No ritmo que os oficiais estão aqui, até uma tartaruga seria mais rápida em fazer algo a respeito de Eiji. Tenho de ter esperança no meu mestre afinal.

As provas não contribuíram mais para o caso que as primeiras testemunhas. Pareciam estar do lado de Satoshi Makoto.

Foi escutada toda a mensagem enviada por Satoshi e destrinchada ponto a ponto. Um perito estava lá para demonstrar que realmente existiam totais indícios das condições de estresse a que Satoshi estava submetido. Demonstrou também que a mensagem foi escrita em vários momentos diferentes, conforme Satoshi falara.

– É como eu disse – confirmou –, eu estava com Carlin e Matsuda durante toda a estada em Nova York, tive de fazer a mensagem em vários momentos curtos que pude conseguir.

Tudo parecia correr bem, mas o comitê não ficou satisfeito. Houve um intervalo de uma hora para que o comitê se reunisse. Foi permitido a Satoshi ser colocado em uma sala com seus filhos pelo tempo que durasse o intervalo.

– Como vocês estão? – a pergunta saiu da boca de Satoshi assim que os garotos entraram no recinto.

– Está tudo bem, pai, não precisa se preocupar com a gente, só precisa pensar no seu caso – Brian respondeu e Michael concordou com a cabeça.

– Vocês sabem se algo aconteceu com seu tio Ben? Não o vi hoje.

– Ele disse que ia esperar a chegada de alguém para trazer para o julgamento. Disse que devia ser uma ajuda.

– Alguém para o julgamento? Ele não disse quem?

– Não pai.

– Quem ele poderia trazer para mudar alguma coisa?

– Talvez seja alguma testemunha – respondeu Michael. Talvez seja um dos caras presos na intervenção.

– Não, não acredito nisso. Nenhum dos maiores da Grey Star foi preso. Os menores vão ser interrogados na prisão, mas não acho que qualquer coisa que eles falarem vai mudar a situação aqui.

Satoshi respirou fundo.

– Não – continuou. Esse caso não vai ser decidido hoje. O comitê não parecia pronto para decidir. Eles vão adiar o julgamento e determinar que a investigação prossiga. Seja o que for que seu tio foi esperar, é bom que ajude mesmo.

– O senhor vai ser preso? – questionou Michael.

– Se eu for julgado como culpado, serei. Mas, do jeito que acho as coisas andam, o julgamento será adiado e eu serei mandado de volta para o meu quarto, do mesmo jeito que estive essas últimas semanas.

– O senhor não pode ficar livre e apenas voltar à noite ou algo assim? – perguntava Brian.

– Seria bom, mas isso não vai acontecer, filho. Muller é muito prudente e está desconfiando de mim seriamente. Ele não vai assumir os riscos de permitir algo assim. Se eu fugisse, ele seria responsabilizado.

– Mas o senhor não fugiria! – rebateu o garoto.

Satoshi deixou o comentário de lado. Michael teve uma dúvida diferente, e mudou o assunto.

– Pai, o Marinville... digo, o Matsuda. Ele é uma lenda?

– Ele é uma das 3 lendas dessa geração, sim – respondeu o pai.

– O que isso quer dizer?

É verdade. Eu não tenho tido muito tempo para você dois e acho que Ben está ocupado na investigação também. Não há quem lhes ensine no momento.

– A cada geração, a cada 50 anos para ser exato, são escolhidas 3 pessoas e são nomeadas lendas da geração – começou Satoshi. Essas pessoas só são escolhidas se forem os que melhor se mostrarem no ano da competição. Eiji Matsuda foi escolhido em 1997 como uma das lendas. Yamamoto-sensei também.

– Uau! – o garoto parecia gostar do assunto, Brian um pouco menos. Mas e o outro? Quem foi?

Satoshi olhou Michael fixamente por um segundo, antes de responder.

– Um homem chamado Benjamin Haddad. Ele foi escolhido como o melhor do mundo em 1997.

– Melhor que Matsuda? Melhor que o seu sensei?!

– Sim – hesitou – melhor que todos. Foi justo. Eu também o considero o mais forte, mais habilidoso e de maior potencial.

É pena que não seja o mais consciente de seus deveres.

– Nossa! Eu quero conhecer esse cara um dia. Benjamin Haddad! O nome é engraçado, mas o dono é o melhor do mundo!

Satoshi suspirou.

– O que é preciso, pai? – perguntou Michael. O que é preciso pra ser uma lenda?

– Bem, são 3 testes. O teste de habilidade básica com aura, que pode ser demonstrada da maneira que o participante escolher. O teste de relevância, que é onde o participante deve demonstrar que fez ou está próximo de fazer algo único no mundo. E o teste de humanidade. É o mais simples, nele você precisa demonstrar que é humano. Que não manchou seu espírito com uma técnica qualquer.

Os garotos não pareciam entender.

Ah, eu preciso ensinar a vocês tantas coisas. Isso tem de acabar, tudo precisa voltar ao normal.

– O caso, garotos, é que existem coisas que podem ser feitas com a aura, mas que não devem ser feitas. Técnicas que são malditas, por assim dizer. Elas mancham aquele que a usa. A mais conhecida, e mais maldita, é a técnica chamada de perpetuus.

Algum dia vocês vão estudá-la bem, mas não hoje. É algo muito complicado e sombrio, não precisamos de nada mais nos pondo pra baixo hoje.

Fez uma pausa.

– Bem – continuou –, o caso é que quando se usa uma dessas técnicas, você passa a ser manchado... no interior. Você deixa de ser o mesmo. Algo muda na sua mente, nos seus sentidos... alguns acreditam que mancha até a alma. Essas pessoas não podem participar a fim de serem lendas. Essas pessoas são tidas como uma mancha no mundo até hoje. Ao usar uma técnica como essa, você não é mais considerado humano... a pessoa que usa algo assim se torna outra coisa. Passa a ser algo mau.

Mastigaram essa informação por um momento. Satoshi sentiu o clima ficar pesado, mas não queria voltar a falar do julgamento também. Começou a perguntar sobre a rotina deles agora, se estavam praticando os exercícios básicos com a aura e como estavam se sentindo. Satoshi conseguiu alguma alegria ao ver que os dois estavam bem, inclusive emocionalmente. Até Michael parecia muito melhor enquanto conversavam, mas Satoshi ainda podia sentir que não estava tudo bem com ele.

Eu realmente preciso que isso acabe logo. Tenho muito o que fazer, não posso ficar encarcerado, ainda que seja um quarto confortável. Tenho de sair! Muller, uma vez na vida, deixe um pouco de sua cautela de lado e me compreenda!

O intervalo acabou mais rápido do que eles perceberam. Voltaram para ouvir a decisão do comitê. Para surpresa de Satoshi, Ben estava sentado próximo à porta. Ele acenou com a cabeça assim que viu o cunhado passar escoltado por dois guardas. Satoshi percebeu em seu olhar. Fosse o que fosse, Ben conseguiu o que tinha ido buscar. Torcia para que as notícias realmente não desapontassem.

– O comitê chegou à conclusão de que o caso não deve ser encerrado hoje – anunciou Albert Muller. O julgamento será adiado. As investigações deverão prosseguir a fim de que os membros do comitê possam estudar todos os fatos encontrados e julgar com plena consciência. Em momento oportuno, a próxima sessão será marcada e os interessados, informados. O acusado será encaminhado de volta às instalações providenciadas pelo Secretariado da Organização das Nações Unidas, não podendo deixá-las sem autorização. Dou assim por encerrada essa...

– Senhor secretário de paz, presidente do comitê de julgamento do corrente caso, Albert Muller – disse um homem que estava sentado ao lado de Ben; estava de pé e aproximaram-se alguns passos.

– Quem é o senhor? – Muller parecia não entender o que acabara de acontecer.

– Sou um diplomata a serviço da embaixada do Reino Suishin, senhor. Meu nome é Yamagata Haim. Estou aqui para trazer este documento – levantou o envelope e recebeu autorização para aproximar-se da mesa do comitê. Ao ler, o senhor encontrará uma carta de pedido enviada por sua majestade, o rei Ishiro Mizushi. Nela, sua majestade faz notar as disposições legais que regem esta organização internacional e, em face delas, requer a entrega do acusado Satoshi Makoto para o Reino Suishin.

Mizushi! Obrigado, velho amigo.

– O acusado deve permanecer sob a vigilância de nosso pessoal – respondeu Muller.

– Na verdade, senhor. Se observar com cuidado, verá que o país de origem do acusado pode requerer sua guarda, desde que se responsabilize por sua vigilância. O senhor Makoto nasceu japonês, mas adquiriu nacionalidade em meu país há mais de uma década. Pelas leis do Reino Suishin, o chefe de estado, que é sua majestade, pode fazer esta requisição se for autorizado pelo parlamento. Encontrará, neste documento, todas as assinaturas.

Muller se permitiu gastar alguns minutos analisando o documento que tinha em mãos. Satoshi podia jurar que viu, de relance, algum descontentamento no rosto daquele homem. Por fim, deu-se por derrotado.

– Providencie guarda para o acusado, senhor emissário – disse Albert Muller. Os homens que o acompanham só irão até o avião, a partir daí, será de total responsabilidade de seu país mantê-lo sob custódia. Ele não poderá, sem prévia autorização deste comitê, sair dos limites territoriais do Reino Suishin. É de inteira responsabilidade de seu país fazer com que o acusado compareça às sessões futuras e, se for o caso, levado ao cárcere.

– Assim será, senhor secretário – respondeu Yamagata Haim. Tudo já está pronto.

Muller ficou de pé.

– Dou por encerrada esta sessão. Todos os presentes podem se retirar, devendo retornar assim que a próxima convocação lhes for enviada por qualquer meio. Não sendo permitida a falta de nenhum à continuação deste caso, salvo autorização expressa deste comitê. Cumpra-se.